



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



ELANE SANTOS SANTANA

O TESTEMUNHO LITERÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS, EM *DIÁRIO DE BITITA*, COMO PEDAGOGIA DE QUESTIONAMENTO À EXISTÊNCIA NEGRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

SANTO ANTÔNIO DE JESUS-BA

2020

ELANE SANTOS SANTANA

O TESTEMUNHO LITERÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS, EM *DIÁRIO DE BITITA*, COMO PEDAGOGIA DE QUESTIONAMENTO À EXISTÊNCIA NEGRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Proposta de Intervenção Pedagógica apresentada ao Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS – do Departamento de Ciências Humanas, *Campus V* da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Ferreira da Silva.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS-BA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

Santana, Elane Santos

O testemunho literário de Carolina Maria de Jesus, em *Diário de Bitita*, como pedagogia de questionamento à existência negra na Educação Básica / Elane Santos Santana . – Santo Antônio de Jesus, 2020.

219 fls. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Ferreira da Silva.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS), *Campus V*. 2020.

Inclui Referências.

1. Literatura Afro-Brasileira. 2. Leitura Literária. 3. Carolina Maria de Jesus – 4. *Diário de Bitita*. I. Silva, Rosemere Ferreira da. II. Título. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD 800

TERMO DE APROVAÇÃO

O TESTEMUNHO LITERÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS, EM *DIÁRIO DE BITITA*, COMO PEDAGOGIA DE QUESTIONAMENTO À EXISTÊNCIA NEGRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dissertação de Mestrado Profissional apresentada à Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras do Departamento de Ciências Humanas do *Campus V*.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosemere Ferreira da Silva (UNEB – PROFLETRAS)

Orientadora

Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto (UNEB- PROFLETRAS)

Examinador Interno

Profa. Dra. Florentina da Silva Souza (UFBA)

Examinadora Externa

Santo Antônio de Jesus, 27 de março, de 2020.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me conscientizaram sobre a importância e a necessidade da busca pelo conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Todo percurso ou fase concluída em nossas vidas deve ser celebrado, independente das circunstâncias. Acredito que as nossas vivências perpassam pelo consentimento divino, e não se sucedem por acaso, gerando aprendizados e frutos que ocasionam mudanças necessárias à nossa existência. Exatamente por isso, ao final dessa trajetória no PROFLETRAS, quero expressar a minha gratidão, primeiramente a Deus, pelas bênçãos concedidas nesse percurso, por ter sido o meu alicerce, me concedido força, ânimo e sabedoria para contornar os obstáculos e alcançar esse momento, e também àqueles que de alguma forma, fizeram-se presentes.

Algumas pessoas desempenharam papéis importantes, com pequenos ou grandes gestos, que me ajudaram a trilhar esse caminho. Dentre elas, quero ressaltar e agradecer à minha família: à minha mãe, que sempre procurou me acalmar e me chamar de volta à razão, quando em momentos de estresse eu perdia a calma; ao meu pai, que mesmo distante, acompanhou esse momento me trazendo palavras de incentivo, entendendo o meu distanciamento devido ao tempo escasso; ao meu irmão, pelas palavras de estímulo, pela preocupação e cuidado, por vibrar com cada conquista minha; ao meu noivo, pelo encorajamento e por entender os momentos em que precisei priorizar o curso ou as atividades do mesmo; à minha cunhada, pelo auxílio, amizade e torcida.

Além da família, outros atores foram fundamentais para o fechamento desse ciclo, por isso quero registrar o meu sincero agradecimento:

À Professora Dra. Rosemere Ferreira da Silva, pela caminhada de muitos aprendizados, pela competência, responsabilidade e comprometimento com os quais desenvolveu a função de orientadora da pesquisa, apontando direções e auxiliando durante todo o percurso. Também pelas experiências concernentes à ministração de duas disciplinas do curso, especialmente por nos apresentar a literatura afro-brasileira e novas possibilidades de entendimento e abordagem do texto literário;

Ao Professor Dr. João Evangelista do Nascimento Neto, por aceitar compor essa banca, pelo acolhimento, pelas contribuições iniciais nessa pesquisa, bem como a colaboração na qualificação e em outros momentos em que foi solicitado, e pela simplicidade com que se dirige a nós, discentes do curso, e compartilha o seu vasto conhecimento;

À Professora Dra. Florentina da Silva Souza, obrigada pela oportunidade de tê-la como avaliadora, pelas contribuições na ocasião da qualificação, e por, na condição de intelectual negra nesse país, tornar possível, através de suas publicações, o estudo e desenvolvimento de pesquisas no âmbito da literatura afro-brasileira;

Ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), pelas significativas contribuições para a minha formação acadêmica, profissional e pessoal;

À professora e coordenadora do curso, Dra. Ilmara Bacelar Figueiredo Coutinho, pela cordialidade e pelo apoio;

À professora Dra. Priscila Peixinho Fiorindo, pela compreensão, disponibilidade em nos atender e auxiliar sempre que precisamos;

Aos demais professores do PROFLETRAS, porque todos contribuíram conosco no decorrer desse percurso;

À secretária do curso, Juciara Ribeiro, pela atenção e pelo auxílio sempre que necessário;

A Rita de Cássia, pela parceria e compartilhamento de vivências, materiais, preocupações e alegrias nessa caminhada, pelo apoio, cooperação, carinho e amizade. Vencemos juntas, amiga!

A Vânia Reis, também amiga e companheira de algumas batalhas, a Giuliana Almeida e Eliana Nery pelo carinho, amizade e cuidado;

A Simone Silva, pelo acolhimento, consideração e amizade, desde quando nos conhecemos na ocasião da matrícula nesse curso;

A todos os demais colegas, pela confiança, pelas discussões e compartilhamentos de saberes e vivências, além dos momentos de confraternização e descontração;

Aos gestores do Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes, pelo apoio, compreensão e confiança no meu trabalho;

Aos colegas de trabalho que, gentilmente, cederam as suas aulas durante a aplicação da intervenção;

Aos discentes da turma participante da intervenção, por se disponibilizarem e se empenharem nas ações implementadas, pela parceria e protagonismo nesse percurso de aprendizagem;

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram e se alegram com essa conquista, ainda que não tenham sido mencionados nesse texto.

Quando o homem decidir reformar a sua
consciência, o mundo tomará outro roteiro.

Carolina Maria de Jesus

RESUMO

A presente dissertação consiste no resultado de um trabalho de conclusão de curso do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado da Bahia, *Campus V*, e foi construída com base em investigações e reflexões associadas à prática pedagógica, levando-se em consideração as necessidades e anseios manifestados pelos discentes, bem como a necessidade de assegurar-lhes o direito à aprendizagem. O objetivo primordial desse trabalho foi o reconhecimento do texto literário afro-brasileiro como importante mecanismo de aporte para a formação de leitores críticos e conscientes de seus papéis na sociedade, uma vez que as vivências, inquietações, memórias e sentimentos expressos por escritores afro-brasileiros em seus textos se aproximam das realidades de grande parcela dos discentes, pardos e negros, maioria da coletividade presente nas escolas públicas do Brasil. As ações implementadas levaram em consideração a necessidade de inserção e valorização da literatura afro-brasileira no currículo escolar, bem como a insuficiência de propostas dessa categoria, na crença de que proposições como essa podem contribuir significativamente para o entendimento sobre a formação e estruturação da sociedade brasileira e para o aprimoramento da criticidade dos discentes, estimulando-os a questionar estereótipos atribuídos à população negra, com vistas à diminuição de ocorrências racistas nos contextos de suas vivências. Nesse sentido, a obra literária autobiográfica *Diário de Bitita*, da autora Carolina Maria de Jesus, foi abordada com o intuito de suscitar discussões sobre identidades étnico-raciais, observando os sentidos construídos com base na leitura e associando o seu conteúdo ao cotidiano desses discentes, cooperando, assim, com a formação identitária dos mesmos. O embasamento teórico que respaldou esse trabalho é pautado nas considerações de Duarte (2014), Silva (2017), Souza (2006), Bosi (1992), Santos (2016), Farias (2017), Munanga (2003) e (2019), Cosson (2016), Hall (2006), Bauman (2005), Candido (1995), Gomes (2010) e (2017) e outros. Reitera-se ainda, que a presente intervenção didática, em total consonância com a Lei 10.639/2003, alterada pela Lei 11.645, publicada em 2008, constitui-se como uma possibilidade de incentivo não só à leitura e discussão de textos literários afro-brasileiros na Educação Básica, mas também ao engajamento dos discentes envolvidos em uma concepção mais ampla, relativa aos significados de ser negro/negra na sociedade brasileira.

Palavras chave: Literatura Afro-Brasileira; Memórias; *Diário de Bitita*; Identidade étnico-racial.

ABSTRACT

The present dissertation consists of the result of a conclusion work of the Professional Master's Degree in Letters – PROFLETRAS – from the State University of Bahia, Campus V and was designed based on observations and reflections associated with pedagogical practice, taking into account the needs and desires expressed by the students, as well as the need to ensure the right to learning. The primary objective of this work was the recognition of the Afro-Brazilian literary text as an important contribution mechanism for the formation of critical readers and aware of their roles in society, since the experiences, concerns, memories and feelings expressed by Afro-Brazilian writers in their texts they come close to the realities of a large number of students, browns and blacks, the majority of the collective present in public schools in Brazil. The implemented actions took into account the need for insertion and valorization of Afro-Brazilian literature in the school curriculum, as well as the insufficiency of proposals in this category, in the belief that propositions like this can significantly contribute to the understanding of the formation and structuring of society and to improve the criticality of students, encouraging them to question stereotypes attributed to the black population, with a view to reducing racist occurrences in the contexts of their experiences. In this sense, the autobiographical literary work *Diário de Bitita*, by the author Carolina Maria de Jesus, was approached in order to raise discussions about ethnic-racial identities, observing the meanings constructed based on reading and associating its content with the daily lives of these students, thus cooperating with their identity formation. The theoretical basis that supported this work is based on the considerations of Duarte (2014), Silva (2017), Souza (2006), Bosi (1992), Santos (2016), Farias (2017), Munanga (2003) and (2019), Cosson (2016), Hall (2006), Bauman (2005), Candido (1995), Gomes (2010) and (2017), and others. It is also reiterated that the present didactic intervention, in full compliance with Law 10.639 / 2003, as amended by Law 11.645, published in 2008, constitutes a possibility to encourage not only the reading and discussion of Afro-Brazilian literary texts in Basic Education, but also to the engagement of students involved in a broader conception, regarding the meanings of being black in Brazilian society.

Keywords: Afro-Brazilian Literature; Memoirs; Bitita's Diary; Ethnic-racial identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Portão de entrada da escola.....	82
Figura 2: Pátio da escola.....	82
Figura 3: Auditório da escola.....	82
Figura 4: Pátio da escola.....	82
Figura 5: Alunos respondendo ao questionário.....	96
Figura 6: Alunos respondendo ao questionário.....	96
Figura 7: Ilustração do diálogo estabelecido em sala.....	97
Figura 8: Discente participando da dinâmica das entrevistas.....	98
Figura 9: Caixas com os diários sobre a mesa.....	99
Figura 10: Discentes após a finalização da primeira etapa	100
Figura 11: Momento inicial etapa III.....	100
Figura 12: Aplicação da Dinâmica dos Rótulos.....	101
Figura 13: Aplicação da Dinâmica dos Rótulos.....	102
Figura 14: Aplicação da Dinâmica dos Rótulos.....	102
Figura 15: Imagens e frases da autora Carolina Maria de Jesus afixadas nas paredes da sala.	103
Figura 16: Imagens e frases da autora Carolina Maria de Jesus afixadas nas paredes da sala.	103
Figura 17: Exibição do vídeo sobre Carolina Maria de Jesus.....	105
Figura 18: Avatar representando uma discente.....	106
Figura 19: Discentes executando as pinturas nas telas.....	106
Figura 20: Discentes executando as pinturas nas telas.....	106
Figura 21: Discentes recebendo os livros.....	107
Figura 22: Discentes recebendo os livros.....	107
Figura 23: Discente apresentando a sua ilustração.....	108
Figura 24: Discentes participando do círculo de leitura.....	109
Figura 25: Discentes participando do círculo de leitura.....	109
Figura 26: Socialização das leituras.....	110
Figura 27: Discentes assistindo ao vídeo “O xadrez das cores”	111
Figura 28: Avatar representando uma discente.....	112
Figura 29: Discentes consultando informações no livro	113
Figura 30: Discentes respondendo a atividade e planejando as apresentações	114
Figura 31: Confecção dos cartazes	116
Figura 32: Confecção dos cartazes	116

Figura 33: Apresentações dos grupos	116
Figura 34: Apresentações dos grupos	116
Figura 35: Apresentações dos grupos	117
Figura 36: Apresentações dos grupos	117
Figura 37: Discentes apresentando dramatização	119
Figura 38: Discentes apresentando dramatização	119
Figura 39: Discentes realizando a atividade	120
Figura 40: Discente respondendo a um questionamento	121
Figura 41: Discentes apresentando cordel	123
Figura 42: Discentes apresentando cordel	123
Figura 43: Discentes participando do círculo de leitura	124
Figura 44: Discente apresentando dança africana e recitando poema	125
Figura 45: Professor de história - roda de conversa	126
Figura 46: Quadros produzidos pelos discentes	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Levantamento do perfil literário e social dos discentes130/131

Tabela 2: Tabulação de dados coletados no questionário avaliativo pós-intervenção157

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Perfil de leitura dos discentes	129
Gráfico 2: Autodeclaração de cor/raça	129

SUMÁRIO

1 RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA DOCENTE.....	16
2 LITERATURA E HISTÓRIA: AGREGANDO CONCEPÇÕES PARA ENTENDER RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....	24
2.1 O PAPEL SOCIAL DA LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES ÉTNICO-RACIAIS.....	36
2.1.1 Considerações sobre a Literatura Afro-Brasileira.....	46
2.2 LEIS 10.639/2003 E 11.645/2008: LEGITIMAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA.....	51
2.3 LETRAMENTO LITERÁRIO: CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS QUE EXCEDEM O TEXTO ESCRITO.....	54
2.4. PRODUÇÕES LITERÁRIAS DAS MULHERES NEGRAS: DA REPRESENTAÇÃO ESTEREOTIPADA À ESCRITA CONTUNDENTE.....	59
3 RETRATOS DA “ESCREVIVÊNCIA” NA OBRA: <i>DIÁRIO DE BITITA</i>.....	69
3.1 O GÊNERO TEXTUAL DIÁRIO E A ESCRITA DE SI.....	73
3.2 FORTALECENDO IDENTIDADES A PARTIR DA CONTESTAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS SOBRE A POPULAÇÃO NEGRA.....	75
3.3 O CONTEXTO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	82
3.4 ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS EM AÇÃO.....	83
3.4.1 Sequências Didáticas.....	84
4 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	94
4.1 A INSERÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NO CONTEXTO ESCOLAR: SENSIBILIZANDO O OLHAR DO DISCENTE.....	95
4.2 CONSCIENTIZAÇÃO E MUDANÇA DE TRAJETÓRIAS.....	109
4.3 LINGUAGENS EM AÇÃO.....	118
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	128
5.1 RECONHECIMENTO DO PERFIL LITERÁRIO E SOCIAL DOS DISCENTES	128
5.2 MÚLTIPLAS INTERPRETAÇÕES DO TEXTO LITERÁRIO AFRO-BRASILEIRO.....	132
5.2.1 Quanto ao letramento literário.....	133

5.2.2 Quanto ao histórico, social e político... As relações étnico-raciais e o aprimoramento da consciência crítica.....	143
5.2.3 Seguindo os passos de Carolina: produções textuais nos diários de bordo.....	147
5.2.4 E por que não, a visão do aluno?.....	156
5.3 COMO NEM TUDO SÃO FLORES... AS DIFICULDADES DO PROCESSO.....	160
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
REFERÊNCIAS.....	166
APÊNDICES.....	171
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO.....	171
APÊNDICE B – PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL – MEMÓRIAS.....	175
APÊNDICE C – ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO.....	177
APÊNDICE D – PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE PERSONAGENS.....	178
APÊNDICE E – ATIVIDADE/ROTEIRO PARA LEITURA.....	180
APÊNDICE F – PROPOSTA DE PRODUÇÃO DO CORDEL.....	181
APÊNDICE G - QUESTIONÁRIO AVALIATIVO PÓS-APLICAÇÃO.....	183
APÊNDICE H – FOLDER DA CULMINÂNCIA DO PROJETO.....	185
APÊNDICE I – IMAGEM DO BANNER REPRESENTATIVO DO PROJETO.....	186
APÊNDICE J – IMAGEM DOS DIÁRIOS DE BORDO.....	187
APÊNDICE L – PLANOS DE AULA.....	188
APÊNDICE M – CRONOGRAMA DE APLICAÇÃO DO PROJETO.....	200
ANEXOS.....	202
ANEXO 1 – TEXTO PARA LEITURA.....	202
ANEXO 2 – RESUMO SOBRE GÊNERO TEXTUAL DIÁRIO.....	205
ANEXO 3 – TEXTO PARA LEITURA.....	207
ANEXO 4 – MÚSICA DIVERSIDADE.....	209
ANEXO 5 – TEXTO PARA LEITURA – CORDEL.....	210
ANEXO 6 – DOCUMENTO EMITIDO PELA UNIDADE ESCOLAR.....	212
ANEXO 7 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	213

1 RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA DOCENTE

Cheguei à conclusão de que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo.

Carolina Maria de Jesus

A escola é uma instituição de grande relevância na sociedade e desempenha papel significativo na formação dos indivíduos. Nesse âmbito, ela contribui com a propagação do conhecimento científico, de valores éticos e morais, possibilita a humanização dos sujeitos, a reflexão sobre aspectos da vida social, profissional e política. É um dos primeiros grupos sociais do qual fazemos parte e com o qual interagimos na construção e reconstrução de saberes individuais e coletivos que refletem na nossa vivência cotidiana.

Em minha trajetória na Educação Básica, como aluna, a escola representava um lugar acolhedor, onde eu adquiria o conhecimento científico, mas também me divertia, me inspirava e tinha sonhos despertados. Na escola, fiz os melhores amigos e amigas com os quais mantenho contato até hoje, encontrei professores inspiradores e preocupados com a minha aprendizagem, salvo raríssimas exceções; tive a oportunidade de desenvolver habilidades que influenciaram de forma significativa nas escolhas e no caminho percorrido como docente até o presente momento.

A escola, no que concerne aos ensinamentos em geral, representava uma extensão das orientações recebidas no ambiente doméstico. Naquele recinto, as histórias que eram contadas pelo vovô, na sala de sua casa, tomaram uma dimensão maior e mais instigante, pois agora elas vinham escritas, e sabendo ler, eu podia ler e reler, em qualquer lugar onde estivesse. A aquisição da leitura foi um processo prazeroso. Na medida em que o tempo foi passando, o contato com variadas experiências leitoras foi possibilitando a minha formação científica, humana e cidadã. E em virtude dessa relação desenvolvida com o ambiente escolar em minha trajetória, acredito que ele realmente precisa ser acolhedor e instigante, oferecendo aos discentes oportunidades de progresso em sua vida pessoal, profissional e social.

A docência, como atividade inerente a esse contexto, exige do professor empenho e comprometimento, para que a sua prática pedagógica esteja em consonância não apenas com os objetivos gerais que direcionam o ensino, mas também com as necessidades reais dos discentes com os quais ele convive, muitas vezes, diariamente, buscando estabelecer relações entre os conteúdos estudados e as experiências vivenciadas por eles, instigando-os a perceber relações entre teoria e prática, conhecimento científico e empírico, história, memória e

sociedade, a fim de que se tornem cidadãos capazes de aplicar esses saberes nas diversas situações às quais forem submetidos, na vida particular e social.

É baseada em concepções como essas que tenho fundamentado a minha prática docente, iniciada ao final do primeiro semestre do curso de Letras, no ano de 2001. Entendo que formar cidadãos requer habilidades que ultrapassam a mera transmissão de conteúdos científicos e a apreciação de comportamentos e desempenhos em avaliações escritas ou orais.

No decurso da Graduação, entre os anos de 2001 a 2005, precisei aliar conhecimento empírico e científico no exercício da função de professora, a qual, com o passar do tempo e das realidades vivenciadas, me tornou mais humana e solidária e me fez entender que o papel da escola não se resume a ensinar conteúdos referentes às variadas disciplinas, mas principalmente encaminhar os discentes na busca pelo conhecimento, respeito por si e pelos outros, melhores condições de vida, na realização pessoal e profissional e no exercício da cidadania.

Com o fim da graduação, em 2005, continuei atuando como docente e prestei concurso público em 2006, quando fui aprovada para o exercício do magistério, vinculada à Secretaria de Educação do Governo do Estado da Bahia. Iniciei as atividades nessa esfera no ano de 2007 e, alguns anos mais tarde, em 2010, iniciei curso de pós-graduação *lato sensu* em Gramática Aplicada à Produção Textual, o qual concluí em 2011, tendo como produção final a elaboração de um artigo científico, com base na análise de produções textuais de um grupo de alunos, o qual foi intitulado “A Importância da Dissertação no Ensino da Língua Portuguesa”.

A minha atuação no magistério tem passagem por diferentes esferas do âmbito escolar, como o Ensino Fundamental e Médio Regular, Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e exercício de vice-diretora da unidade escolar em que trabalho. Atualmente, sou professora e estudante. As experiências relativas a essas duas esferas são enriquecedoras e me fazem refletir cada dia mais sobre a minha função nesse contexto, como profissional e como cidadã. O contato com os alunos me motiva a buscar situações e conhecimentos que se aproximem da realidade vivenciada fora dos limites físicos da escola, na ampla sociedade, e que os impulsionem a progredir na vida pessoal e nos estudos, no desempenho de variados papéis sociais.

Em virtude disso, após um período afastada do ambiente acadêmico, apenas lecionando, resolvi me submeter ao processo seletivo do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, no ano de 2017. Ao ser aprovada, ingressei no referido curso, oferecido pela Universidade do Estado da Bahia, *Campus V*, em março de 2018, e, desde então, prossigo nessa jornada de estudos, com o anseio pelo conhecimento e renovação tão necessários a todo profissional, mas

especialmente a nós educadores, uma vez que precisamos ocupar o lugar de eternos aprendizes e primar pela busca constante do saber.

O meu propósito nesse âmbito é também alcançar uma realização pessoal e obter o título de mestra, já que a titulação constitui fator importante para a minha formação e atuação como docente. No entanto, para além disso, o mestrado se constitui em uma busca por novas diretrizes, novos olhares e perspectivas para educação, a fim de entender de que forma posso consolidar a minha prática docente e oferecer um ensino coerente e transformador aos discentes para os quais ministro aulas.

Considero que esse curso seja uma oportunidade de crescimento e ressignificação da minha prática pedagógica, no intuito de rever conceitos trabalhados na graduação, ampliá-los, bem como de me apropriar de novos saberes que foram incorporados aos estudos referentes à língua e à literatura brasileira. É também promissor, no sentido de ampliar as metodologias de trabalho no âmbito de uma sociedade que passa por inúmeras mudanças.

Enquanto mestranda no PROFLETRAS vivenciei experiências muito significativas, como a elaboração de propostas didáticas, discussões sobre os aspectos linguísticos, gramaticais, literários, letramentos, além de reflexões sobre aspectos sociais e políticos que dialogam com todos esses estudos. As disciplinas ministradas contribuíram para uma mudança na forma de planejar e desenvolver a minha prática em sala de aula, sobretudo no que concerne ao meu papel social como educadora.

Diante disso, tornou-se imprescindível oportunizar aos discentes o acesso a variados conhecimentos, inclusive saberes relacionados às questões históricas, sociais, políticas e econômicas do nosso país, abordando-as com base na leitura, sobretudo do texto literário, na interpretação e na produção de textos, visando a formação interdisciplinar e integral de leitores que sejam capazes de se expressar, de forma crítica e consciente, sobre as temáticas discutidas a partir da execução da proposta.

A ausência de debates e estudos concernentes às relações étnico-raciais no Brasil ainda é fato notável em diversas escolas. Vivenciei essa realidade durante todo o meu percurso como aluna, na Educação Básica e também na graduação. Na família, o assunto era ausente. Sou fruto de uma educação de raiz europeia, na qual a palavra “negro” era quase um sinônimo de “escravo”, onde os livros didáticos não me representaram, muito menos fizeram menção à real importância dos sujeitos negros no contexto brasileiro, ou quando o fizeram, reconheceram-lhes a força física nas atividades agrárias, as quais geraram tanta riqueza para o país, que explorou a mão de obra escrava por quase quatrocentos anos.

A representatividade negra, principalmente no período em que passei pela Educação Básica, era muito pequena, e questões referentes aos negros não eram consideradas importantes nem primordiais. Ao contrário: eram invisibilizadas. Essa é uma das razões que me permitem atestar a necessidade da abordagem da temática étnico-racial como ação pedagógica, social e política de grande relevância para a formação identitária dos discentes. Enquanto nossas referências forem brancas, a única alternativa dos jovens negros será o embranquecimento. À escola do século XXI, não cabe mais a manutenção dessa ideologia. O Brasil não é um país formado somente por brancos! Eles nem mesmo são a maioria quantitativa da população.

Por isso, as mudanças no sistema educacional, relacionadas a esse assunto, são estritamente necessárias. Na atualidade, já é possível constatar algumas transformações no panorama da educação brasileira, no que concerne a esses aspectos, com a aprovação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Essas diretrizes são frutos das conquistas, sobretudo devido às lutas contínuas dos movimentos negros que atuam no país, e da intensificação da produção científica de pesquisadores negros que se debruçam no estudo e produção de materiais pedagógicos, com o intuito de garantir os direitos de uma coletividade.

Isso tem possibilitado a inclusão da abordagem de temáticas relacionadas às identidades étnicas dos discentes e, conseqüentemente, favorecido o entendimento acerca dessas questões e possivelmente novos comportamentos no que se refere a esses aspectos. Apesar disso, tais diretrizes pedagógicas, mesmo que reconhecidamente positivas e necessárias, após dezessete anos da sua publicação, ainda têm em sua efetivação um desafio a ser vencido.

Com o ingresso no mestrado, passei a refletir sobre essas demandas e acerca do meu papel frente à realidade da qual faço parte. Relaciono-me diariamente com discentes que são majoritariamente negros, em fase importante de formação do caráter e da personalidade - que é a adolescência - os quais, assim como aconteceu comigo, às vezes, não têm a oportunidade de conhecer sobre a história, cultura e todos os demais aspectos referentes à negritude, restando-lhes, como afirma Fanon (2008, p. 28), “apenas um destino: e ele é branco!”. Diante disso, a proposição deste trabalho ocorre no sentido de apresentar uma abordagem desses conteúdos, pautada na leitura do texto literário afro-brasileiro, com vistas a uma contribuição significativa no que diz respeito à formação literária e social desses discentes.

O desígnio de trabalhar com a literatura afro-brasileira, a partir do letramento literário e das reflexões possíveis sobre tais assuntos, surgiu baseado na constatação de que a leitura do texto literário, assim como as discussões sobre relações étnico-raciais, tem sido pouco explorada ou ausente no contexto educacional onde atuo como docente. É possível verificar, a partir de relatos de alguns discentes, que uma parcela deles tem sido alvo de racismo e

discriminação, seja dentro ou fora do ambiente escolar. A propagação do discurso racista vem sendo uma constante também nas redes sociais, nos estádios, no contexto brasileiro em geral.

Por esses motivos, tais comportamentos precisam ser suprimidos através da conscientização dos indivíduos de que não existe uma raça superior e de que é fundamental a implementação de ações que visem a uma convivência onde haja o respeito mútuo, independente de cor ou de etnias, ressaltando que a injúria racial e o racismo são crimes previstos na Constituição de 1989. Para isso, faz-se necessário, através da orientação docente e de discussões mediadas sobre os textos lidos, instigar os discentes a compreenderem o que é racismo, quais as suas origens e formas de manifestação, bem como as intenções que estão por trás do discurso racista.

Em virtude da visão eurocêntrica predominante em nosso país, fruto do discurso da colonização, introjetado no imaginário da população, o qual ainda se sustenta fortemente no ambiente escolar através da negligência na efetivação das Leis nº 10.639/2003 e 11.645, é fundamental que a comunidade escolar não se isente da responsabilidade de cumprir as determinações inclusas nessas leis, pois elas não se constituem como mera sugestão de trabalho. A efetivação das mesmas se institui como uma garantia para uma educação mais igualitária, como uma forma de reparação concernente ao apagamento dos saberes relacionados à população negra e indígena e à propagação de desigualdades no currículo escolar, durante séculos.

Diante desse cenário, entendo que o meu papel enquanto educadora, principalmente como professora negra, é propiciar aos discentes situações que os permitam olhar com criticidade para tais ocorrências e resistir diante das barreiras que lhes são impostas pela sociedade, as quais, muitas vezes, impedem o seu crescimento pessoal e até mesmo profissional. Lamentavelmente, o que se propaga ainda na atualidade é uma visão deturpada de que ser negro “é um defeito”, ou que ser negro é ser inferior, e isso além de reforçar o racismo, também faz com que, em alguns casos, o próprio negro sinta dificuldade em se perceber, se aceitar e se afirmar como negro. Em conformidade com o discurso de Freire,

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão de mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob a pena de se fazer “bancária” ou de pregar no deserto. (FREIRE, 1987, p. 49).

Sendo assim, estabelecer diálogos que suscitem nos discentes a compreensão sobre a importância da população negra na constituição do nosso país, reconhecer o processo de miscigenação e transculturação na formação do povo brasileiro, bem como refletir sobre as imagens propagadas de forma racista em nosso cotidiano, constitui uma tarefa de grande relevância para o contexto da sala de aula. É preciso formar o indivíduo para o prosseguimento dos estudos, que pressupõe ser uma busca motivada pela autovalorização; para a vida, a qual exige do ser humano uma intensa convivência com a pluralidade e as diferenças, respeitando-as; e para a cidadania, que só pode ser exercida quando se tem consciência crítica acerca do seu papel enquanto cidadão pertencente a uma comunidade.

Em conformidade com esses fatores, apresento nessa proposição uma possibilidade de leitura da obra literária da autora Carolina Maria de Jesus, intitulada *Diário de Bitita*, publicada postumamente em 1982, na França, e em 1986, no Brasil. Um livro de memórias, no qual a autora registra suas recordações da infância, adolescência e juventude, arquivando não apenas acontecimentos de sua vida pessoal, mas também fatos históricos e comportamentos sociais referentes ao período pós-abolicionista, muitos, entretanto, que infelizmente perduram até a atualidade.

Diante do exposto, e reconhecendo a importância da obra e a necessidade de despertar nos discentes o interesse pela leitura de literatura, as estratégias de trabalho serão direcionadas no intuito de favorecer a fluência leitora, a compreensão dos textos lidos e a discussão sobre os efeitos de sentidos produzidos por eles, uma vez que a leitura só se torna produtiva a partir do entendimento da mensagem do texto e da aplicação dos significados construídos entre texto e leitor.

Convém lembrar, ainda, que o ensino de literatura na Educação Básica, em muitos currículos educacionais, vem sendo negligenciado ou extinto, e são vários os fatores que influenciam nesse processo e incutem discussões em torno da função do texto literário nesse âmbito, e, conseqüentemente, na formação dos discentes. Comumente, a produção literária vem sendo abordada de forma irrelevante, como pretexto para o ensino de conteúdos gramaticais, materializada em atividades para identificação de elementos linguísticos, ou para o estudo do contexto histórico de uma época, negligenciando-se as relações de sentidos possíveis a partir da leitura, por isso o estudo da literatura torna-se algo monótono e pouco interessante.

Diante desse cenário, faz-se necessário repensar a abordagem desses textos nas aulas de língua portuguesa, observando o importante papel desempenhado pela literatura na formação de leitores proficientes e críticos, uma vez que a leitura amplia as possibilidades de interpretação não apenas do texto escrito, mas também de fatos que entremeiam realidade e

ficção. A literatura, com seu papel formador e humanizador, permite a interpretação de fatos da vida cotidiana e também do mundo que nos cerca.

Assim, o objetivo geral dessa proposta de intervenção consiste em reconhecer a leitura do texto literário afro-brasileiro como importante meio de desconstrução de mentalidades e práticas racistas e preconceituosas no ambiente escolar, a partir de ações planejadas, pautadas no estudo da obra *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus.

Para o alcance desse propósito, foram selecionados cinco objetivos específicos, a saber: estabelecer relações entre os textos literários e ocorrências explícitas de racismo no cotidiano escolar; discutir sobre a formação de estereótipos, injustiças sociais, racismo, e suas diversas formas de manifestação e operacionalização social; promover círculos de leitura e contação de histórias que versam sobre o cotidiano dos sujeitos negros; reconhecer a importância das populações negras para a vida intelectual do país e estimular o respeito à diversidade étnico-racial e cultural dentro e fora do ambiente escolar.

Dessa forma, a presente dissertação está alicerçada em seis seções, sendo esta primeira para a explanação acerca da minha formação pessoal e profissional, aliada às informações relacionadas à prática docente e aos aspectos que caracterizam essa pesquisa-ação; a seção 2, a qual constitui o aporte teórico que fundamenta a execução de todo o trabalho e onde são apresentadas considerações sobre as seguintes temáticas: a relação entre Literatura e História, o papel da literatura na construção das identidades étnico-raciais, considerações sobre literatura afro-brasileira, além de uma breve explanação sobre as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, abordagens sobre letramento literário e considerações sobre a produção literária de mulheres negras.

Na seção 3, está registrado todo o processo de construção inicial das ações implementadas na proposta, ou seja, o projeto pedagógico e a sequência didática pensada e elaborada por mim e pela orientadora dessa pesquisa, Profa. Dra. Rosemere Ferreira da Silva. A seção 4, apresenta um registro da execução da proposta, com descrição detalhada de todas as ações implementadas conforme o planejamento integrado na sequência, além de imagens das ocorrências.

Na seção 5, estão dispostos e analisados os dados coletados na pesquisa através das atividades executadas, questionários, produções textuais e apresentações de trabalhos dos discentes, demonstrando os resultados obtidos com a execução da proposta. Na seção 6, estão explanadas as considerações finais, nas quais desenvolvo uma reflexão acerca do processo de construção do conhecimento discente e docente no percurso dessa pesquisa, bem como a necessidade do aprimoramento constante da prática pedagógica. Em seguida, enumero as

referências que constituíram o amparo teórico desse texto, seguida dos apêndices, que correspondem às atividades e materiais criados e utilizados durante a execução da intervenção pedagógica, e por fim, os anexos, compostos por todos os demais instrumentos e documentos referentes à concretização dessa pesquisa.

A proposição implementada e relatada nessa dissertação teve a pretensão de realizar uma intervenção pedagógica e social no contexto em que atuo como docente, e instituiu-se como um convite à leitura, à produção de novos significados e, principalmente, a uma nova consciência sobre a existência negra na sociedade, com vistas ao desenvolvimento de uma educação antirracista.

2 LITERATURA E HISTÓRIA: AGREGANDO CONCEPÇÕES PARA ENTENDER RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Quem não tem amigos, mas tem um livro, tem uma estrada.

Carolina Maria de Jesus

As sociedades humanas apresentam uma riqueza cultural muito grande que se propala através de costumes, modos de ser, de viver e pensar dos componentes desses grupos e se eterniza, entre outras formas, na escrita literária, a qual encerra em si mesma um conjunto de saberes, capaz de instruir o indivíduo que se debruça diante de tais registros e contribuir com o seu preparo enquanto leitor e cidadão pertencente a determinado contexto, instigando-o a refletir sobre si mesmo, sobre os outros e sobre a vida.

No âmbito da sociedade brasileira, a pluralidade cultural existente tem origem a partir do processo de miscigenação, ou seja, da união de povos pertencentes a diferentes etnias, o que ocorreu a partir do século XVI, com a chegada dos portugueses ao Brasil. As relações decorridas da convivência entre homens e mulheres, das etnias brancas, negras e indígenas, na maioria das vezes, não eram harmônicas e, frequentemente, circundadas de violência, mas ainda assim ocasionaram, tanto o entrecruzamento de características genéticas dos grupos que compõem a população brasileira, quanto um entrelaçamento de costumes, línguas, culinárias, crenças e saberes, que foram se aglutinando e consolidando a cultura diversificada do país.

Partindo desse pressuposto, é importante reconhecer as contribuições fornecidas por esses grupos e a relevância de cada um deles para a constituição da nação, procurando entender, também, os porquês de essa miscigenação ser o suposto motivo de orgulho, falsamente propagado pela ideia da existência de uma “democracia racial”¹ no Brasil, mas também do preconceito, que discrimina indivíduos negros e mestiços componentes dessa população híbrida. Para compreender tal contexto, é preciso analisar criticamente alguns fatos referentes à história do país e isso só é possível através do conhecimento, sobretudo histórico.

É sabido que os acontecimentos consagrados referentes a uma nação se propagam de várias maneiras e, a partir de diferentes vozes, dentre as quais emerge o texto literário. Sendo assim, ao pensarmos em literatura, principalmente enquanto reflexo de uma sociedade, como

¹ Nilma Lino Gomes (2010, p.101) define democracia racial como “– uma narrativa e ideologia forjada no contexto dos anos 30 do século XX e reeditada ao longo dos anos – que parte da formulação apriorística da existência de relações harmoniosas entre os diferentes grupos étnico-raciais omitindo e desviando o foco da profunda desigualdade racial existente em nosso país e dos impactos do racismo na vida dos negros e negras brasileiros”.

produção muitas vezes carregada da ideologia e subjetividade do enunciador, inferimos que é indissociável a relação que se estabelece entre esta e a história de um povo.

Os escritos literários, muitas vezes, excedem a produção de efeitos de sentidos pretendidos pelo autor e se tornam documentos consideráveis, permitindo uma releitura do passado através do estabelecimento de relações com o presente. Sendo assim, a literatura acaba servindo como fonte de informação para a aquisição do conhecimento histórico, pois permite ao leitor inteirar-se e pensar sobre a realidade da época a qual o texto lhe remete, direcionando-o à realização de inferências sobre esse texto e as circunstâncias a partir das quais ele emerge.

De acordo com Mendonça e Alves (2003, p. 2), a literatura “[...] é, além de um fenômeno estético, uma manifestação cultural, portanto uma possibilidade de registro do movimento que realiza o homem na sua historicidade, seus anseios e suas visões do mundo”. Sendo assim, constitui amplo campo de pesquisa para diferentes áreas do conhecimento e por conseguinte tem levado muitos historiadores a recorrerem aos textos literários, com o intuito de entender os fatos narrados pelos literatos, bem como os pensamentos explicitados por estes nas diferentes formas de escrita, pois tais circunstâncias permitem àqueles compreenderem muitas vivências e concepções de mundo comuns à sociedade de uma época.

Ao registrar as suas ideias, os autores, geralmente, explicitam impressões pessoais, mas também coletivas, a respeito de uma determinada conjuntura. Nas entrelinhas do texto, é possível, muitas vezes, notar ideologias e relações de poder deliberadas pela coletividade referente ao contexto da obra, bem como a intencionalidade discursiva do autor, diretamente relacionada à posição ocupada por ele no contexto de produção e circulação do texto.

O discurso propagado por meio do texto literário, assim como em outras manifestações na sociedade, acaba exercendo funções variadas. Sobre o processo comunicativo e a construção do discurso, Foucault faz a seguinte afirmação:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 08).

Sendo assim, o discurso é, muitas vezes, utilizado para ditar e moldar comportamentos e ideias no meio social, induzindo os indivíduos a buscarem identidades e padrões que se adequem ao pensamento propagado, principalmente, pelos que são considerados maioria, no que concerne às relações de poder. Foucault (1996) também reitera que o discurso está vinculado ao desejo e ao poder. E de fato, está. O discurso da colonização, propagador das ações

de dominação de um povo sobre outro, ilustra bem esse processo, pois ele teve suas raízes tão bem fincadas em solo brasileiro, que ainda hoje ecoa concepções errôneas, promovendo a desvalorização de negros e indígenas, bem como a inferioridade e marginalização desses indivíduos, sob várias formas de manifestação.

Nesse contexto, é importante ressaltar que o processo de transculturação² ocorrido entre os grupos presentes no contexto da colonização do Brasil - indígenas, negros e europeus - promoveu uma troca recíproca de valores culturais, no entanto, predominaram costumes, idioma, hábitos, religiosidade, entre outros aspectos, do europeu invasor. Em face desse cenário, repercutiu-se, nos textos literários, uma visão deturpada e negativa acerca dos demais componentes dessa conjuntura, bem como de suas crenças, costumes e valores.

Por consequência disso, observa-se que as visões de mundo difundidas na literatura brasileira, no passado, quase nunca refletiam o que de fato representava os anseios de uma maioria da população aqui presente, mas correspondiam aos desejos dos que se mantinham no poder, seja na sociedade, na política, ou no setor religioso. Desde as suas origens, no Quinhentismo, quando ainda não existia uma literatura do Brasil propriamente dita, mas sim sobre o Brasil, os autores aqui presentes seguiam a arte, a estética, os objetivos, as ideias e propagavam as relações de poder oriundas da realidade portuguesa, ditando padrões éticos, morais, religiosos e estéticos.

Nesse contexto, vários autores fizeram uso da expressão literária de maneira discriminatória, uma vez que o discurso propagado refletia ideologias europeias. Era comum a estereotipização de negros e indígenas, a demarcação de seus papéis sociais, reduzindo-os a posições de inferioridade na história do país e atendendo assim aos interesses da classe dominante. As referências aos negros, muitas vezes, reprovavam as crenças, os costumes e a religiosidade deles, como se pode notar nos seguintes versos do poeta Gregório de Matos, publicados sob o título de “Preceito 1”, parte de uma série de composições realizadas durante a sua fase na Bahia entre 1679 e 1694:

² Vocábulo proposto por Fernando Ortiz em substituição ao termo aculturação, pois esse, segundo Ortiz, pressupunha que os povos colonizados assimilavam pacificamente os elementos exteriores que lhes eram impostos pelos estrangeiros e eliminavam a sua própria cultura, o que, de acordo com o autor, não ocorre dessa maneira. Para Ortiz o termo transculturação “expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque essa não consiste apenas em adquirir uma nova e diferente cultura, que é a rigor apontado pela voz inglesa de aculturação, mas que o processo implica também necessariamente a perda ou o desprendimento de uma cultura precedente, o que poderia chamar-se de desculturação e também significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais, que poderiam ser denominados de neoculturação.” (ORTIZ, 2002, p. 96). Na transculturação há uma troca recíproca de valores culturais.

Que de quilombos que tenho
 Com mestres superlativos,
 Nos quais se ensina de noite
 Os calundus e feitiços!

 O que sei é que em tais danças
 Satanás anda metido,
 E que só tal padre-mestre
 Pode ensinar tais delírios.³

Podemos observar nesses versos, que é nítida a desvalorização e abominação das manifestações religiosas e culturais referentes aos africanos e afro-brasileiros daquele período, e tal visão, presente na literatura, constitui um reflexo do pensamento da coletividade detentora do poder, ou seja, dos políticos, da Igreja Católica e dos donos de terras, que concebiam os escravizados como suas propriedades, semelhantemente a máquinas capazes de gerar riquezas e, assim desprezavam os aspectos relacionados à história, cultura e religiosidade desses indivíduos.

O predomínio dessa visão de mundo, disseminada na política, na vida social e na literatura, tornou o caminho para a abolição da escravatura no Brasil lento e demorado. Quando se estuda o percurso histórico do país, é possível constatar que já, em 1826, havia sido firmado um acordo por D. Pedro I junto à Inglaterra, através do qual ficou estabelecido que, a partir do mês de março de 1830, seria ilegal a prática do tráfico de escravos no Brasil. O cumprimento desse tratado seria condição para que fosse reconhecida a Independência do país, mas infelizmente não foi isso o que aconteceu. Somente com a promulgação da Lei Eusébio de Queirós, em 1850, o tráfico de africanos para o Brasil foi realmente proibido.

Preocupados com a prosperidade da nação e com a manutenção de suas riquezas e poder, muitos políticos, senhores e até mesmo o clero, defendiam a continuidade do tráfico e do trabalho escravo, sob a alegação de que era necessário manter os negros em tal situação devido à falta de mão de obra, sobretudo para a atuação nas plantações de cana de açúcar. Observa-se que de acordo com as concepções da época, o único aspecto valorizado na população negra era a sua força física para a execução do trabalho braçal.

Em nome do progresso, a classe política e os fazendeiros protelaram ao máximo essa extinção, defendendo a monocultura e questionando o tratado, que conseqüentemente não foi cumprido. Assim, a escravidão se arrastou por vários anos, suscitando debates políticos e

³ Versos extraídos da obra *Dialética da Colonização*, de autoria de Alfredo Bosi (1992, p. 61). Referência disponível na seção destinada às obras utilizadas na confecção desse trabalho.

disputas pelo poder entre partidos, sendo que as câmaras serviam apenas de instrumento à classe dominante.

Segundo Bosi (1992), até meados do século XIX, vários governamentais se mantiveram em silêncio e compactuaram com o regime escravocrata, em virtude dos fatores enumerados acima. Nesse âmbito, destacaram-se políticos como o brigadeiro Cunha Matos, Clemente Pereira, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Araújo Lima, Honório Hermeto, além de muitos militares e grupos políticos coadjuvantes, responsáveis por sustentar e propagar as ideologias imperantes. Em meio a esse contexto, em 1871, foi então votada a Lei do Ventre Livre.

Contemporâneos a tais personalidades, cidadãos como Tavares Bastos, Nabuco de Araújo, André Rebouças, Ruy Barbosa, Luís Gama, José do Patrocínio e Antônio Bento lutavam pela emancipação dos negros, enfrentando a pressão dos cafeicultores, que juntamente com seus aliados no Parlamento, preocupavam-se com a substituição da mão de obra negra, mais tarde suprida pelos imigrantes, em consequência ao crescimento da imigração nesse período. Apesar desse conflito de ideias e de interesses, a Lei Áurea foi então sancionada em 13 de maio de 1888, e supostamente extinta a escravidão no país, mesmo que não em sua totalidade, despertando na população negra a esperança de uma vida digna, com liberdade e melhores condições de existência.

Enquanto reflexo desse contexto histórico de lutas pelo abolicionismo, os textos literários contemporâneos a ele, também, suscitam reflexões sobre as relações étnico-raciais estabelecidas em solo brasileiro, como é o caso do romance *Escrava Isaura*, lançado na segunda fase do Romantismo. De autoria de Bernardo Guimarães, a obra foi considerada polêmica por seu caráter marcadamente abolicionista, mas teve grande repercussão sobretudo pela temática abordada. Poucas obras haviam mencionado esse assunto anteriormente. Em um trecho da obra, no qual Isaura dialoga com a sua senhora, sinhá Malvina, sobre um cântico entoado pela escrava, é possível perceber claramente essa postura:

– Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida, que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas, que eu conheço. És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano.

[...] – Mas senhora, apesar de tudo isso que sou eu não sou mais do que uma simples escrava? Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

– Queixas-te de tua sorte, Isaura? – Eu não, senhora: apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, sei conhecer o meu lugar. (GUIMARÃES, 1976, p. 13)

A ideologia e a visão de mundo que se percebe no diálogo é a mesma que se reflete no seio da sociedade brasileira do período, estabelecendo lugares de brancos e negros e pressupondo a superioridade de uma etnia sobre a outra. A fala da sinhá, quando afirma que a escrava é tão bem-educada e bonita e por isso não parece ter sangue africano, é carregada de preconceito, estereotipização e discriminação, uma vez que se subentende daí que os sujeitos negros deveriam ser feios, mal-educados, sem instrução. Além disso, vangloria-se do grande favor que estava prestando à escrava, insinuando diante da afirmação, que a moça seria indigna de tudo aquilo devido à condição de descendência africana.

Além da referida obra, é possível destacar nesse período, o livro *O Mulato*, de Aloísio de Azevedo, lançado em 1881. O texto coloca em cena a figura do escravo submisso, considerado nobre por esse motivo, e vencedor por consequência do seu branqueamento. Em virtude disso, também traz à tona a questão étnico-racial, tão intensamente discutida no contexto sociopolítico da época. A obra indica ideologias, atitudes e estereótipos comuns à visão de mundo europeia acerca dos negros e dos afrodescendentes. É atribuída à estética realista e trata sobre questões delicadas, como o preconceito contra os negros na sociedade do Maranhão, criticando também a corrupção clerical e suscitando discussões sobre os abusos e humilhações sofridos pelos escravizados na época, em meio à forte campanha pró abolição da escravatura.

Assim sendo, a literatura se configura, muitas vezes, como forma de manifestação do pensamento e dos anseios ou inquietações relacionadas aos fatos sociais da época e contribui de forma relevante com os estudos concernentes à história, bem como ao modo de viver e de pensar dos grupos sociais em contextos específicos. No tocante ao cenário brasileiro, ela pode auxiliar no entendimento e reconstrução da história e memória da nossa sociedade.

Na situação da pós-abolição, a concepção sobre os sujeitos negros ou afrodescendentes começou a mudar, até mesmo porque fortaleceu-se, a partir daí, a representatividade negra, e o discurso de personalidades que sempre lutaram para serem ouvidas. A emergência de autores que além de abordar a temática étnico-racial, eram também negros ou descendentes de africanos, inicia um ciclo de rompimento com o silenciamento que perdurou por séculos. Machado de Assis, Lima Barreto, Solano Trindade, Luís Gama, Lino Guedes e Maria Firmina dos Reis, entre outros, foram os primeiros a dar ênfase à abordagem das questões étnico-raciais na literatura. Segundo Duarte,

No gesto ousado da construção literária, os afro-brasileiros nunca foram voz isolada. Se tivemos, há um século e meio atrás o “Orfeu de Carapinha” Luís Gama a assumir sua afro-descendência e invocar a “musa de azeviche”, ou a fala corajosa de Maria Firmina dos Reis – a narrar o drama de seus irmãos de cor em pleno Maranhão senhorial – vozes outras já se inscreviam em papel impresso mundo a fora para iniciar uma tradição que chega aos dias de hoje. (DUARTE, 2014, p. 14).

Além dos esforços desses brasileiros, a luta pela emancipação dos negros em outros países, como Inglaterra, Estados Unidos, França, Senegal, fortaleceu-se também nesse período. Segundo Duarte (2014), os movimentos de combate ao racismo e valorização das populações negras se intensificaram, especialmente, a partir do século XX, mas já eram comuns há muito mais tempo, embora grande parte das produções literárias anteriores a tal período tenha se perdido. Convém lembrar, nesse âmbito, o movimento denominado “Negritude”, surgido por volta de 1934, segundo Bernd (1988), que já buscava uma mudança de olhares para a população negra, com o intuito de reverter a visão pejorativa do “ser negro” e construir uma imagem assertiva desse grupo étnico.

Consoante a isso, é possível notar que as lutas pelo respeito e valorização da cultura e da história das populações afrodescendentes têm se expandido através da atuação dos Movimentos Negros em âmbito nacional e internacional, os quais funcionam como sujeitos coletivos, procurando manter vivas a história, a cultura, a religiosidade e, principalmente, a identidade negra. Segundo Gomes (2017), as ações do Movimento Negro no Brasil foram responsáveis por ressignificar e politizar afirmativamente a concepção de raça, averiguando a história do país e da população negra nesse contexto, dando visibilidade, assim, às demandas étnico-raciais.

Vale ressaltar, ainda, que esse movimento enfatiza a ideia de raça como uma construção social, desestruturando o “mito da democracia racial” e questionando relações de poder e percepções deturpadas sobre a população negra. Com isso, traz à tona novas ideologias, cosmovisões, e reposiciona os papéis dos sujeitos negros na sociedade, em busca de igualdade de direitos e de tratamentos, contribuindo com o fortalecimento de identidades étnico-raciais.

Dentro dessa conjuntura, a literatura afro-brasileira se efetiva como importante recurso de propagação das vozes dos sujeitos negros, mas enfrenta muitas dificuldades para se manter operante, principalmente porque os textos de autores negros, por sua natureza, caracterizam-se como denúncias da exclusão e das arbitrariedades contra esse grupo étnico, bem como da prática do racismo na sociedade brasileira, em seus diferentes âmbitos, além de revelar fatos

históricos, ocultados na tentativa de manter relações de poder que minimizem ou discriminem os negros e afrodescendentes.

As dificuldades enfrentadas pelos autores negros não é algo recente. A criação dos *Cadernos Negros* ilustra muito bem essa situação, quando, em 1978, um grupo de oito poetas se uniram e dividiram os custos para a publicação dos seus textos, os quais foram vendidos inicialmente em um evento de lançamento, e mais tarde, tiveram a venda estendida a uma pequena quantidade de livrarias. Para a surpresa de muitos, a reação dos indivíduos que tiveram acesso a tais escritos foi bastante positiva, e, desde então, essas publicações passaram a ocorrer anualmente, consolidando a coletânea como um importante veículo de propagação da literatura afro-brasileira. Atualmente, já existem quarenta publicações, constituídas de textos em prosa e poemas.

Infelizmente, ainda na atualidade, muitos escritores e escritoras negras, quando não se veem obrigados a custear as suas publicações, acabam expostos a situações em que suas produções são menosprezadas por editoras que não acreditam no potencial de mercado desse tipo de literatura. Apesar do enfrentamento dessas barreiras, no mercado editorial ou no seio da sociedade, um coletivo de autores negros trabalha de maneira veemente para que suas narrativas alcancem evidência e suas vozes sejam ouvidas. Uma das consequências positivas disso, é que já existem editoras, como a Malê, a Pallas, entre outras, que dedicam grande parte de suas produções a textos com temáticas afrodescendentes.

Nesse contexto, seja pelo caráter estético, cultural, histórico ou documental, é importante notar a relevância admitida pelo texto literário e sua carga significativa, pois, ao estudarmos a literatura, a história se revela em diferentes proporções: nas ideologias presentes no texto, na linguagem, nos costumes, nos valores, entre outros. A partir dessa percepção, é possível retomar aspectos referentes ao contexto social de uma época, aos sujeitos que compunham tal sociedade, ao autor do texto e às visões de mundo no período em que a obra foi escrita.

Segundo Benjamin, (1987, p. 223), “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”, por isso torna-se imprescindível que as vozes afro-brasileiras sejam ouvidas com especial atenção, já que muitos fatos da história referente aos negros foram ocultados ou distorcidos, ressaltando-se a vertente europeia dos acontecimentos e impondo-se aos povos negros e indígenas uma política da assimilação⁴.

⁴ Refiro-me aqui ao conceito de Aimé Césaire, utilizado por ele para fazer alusão à tendência dos povos americanos de assimilar a cultura europeia, explicitado segundo Bernd (1998, p. 18).

Essa ocultação deliberada, exercida por aqueles que se mantiveram no poder, durante boa parte da existência da nação brasileira, se reflete ainda hoje nas variadas formas de discriminação, racismo e segregação racial, reproduzidos no modo de viver e de pensar de muitos indivíduos, independente do grupo étnico ao qual pertencem. Em virtude disso, o papel dos escritores afrodescendentes tem se tornado cada vez mais preponderante e as circunstâncias os impulsionam a explicitar as vivências individuais ou coletivas e demandas da população negra, possibilitando a emancipação desses sujeitos e recondução de suas visões de mundo e de si mesmos.

Diante do exposto, é natural que as narrativas literárias, muitas vezes, transformem-se em documentos tão importantes e contribuam para a compreensão das ideias, dos acontecimentos e da estruturação da sociedade. Os diários, por exemplo, já revelaram muito acerca da história em seus diferentes âmbitos. O *Diário Íntimo* de Lima Barreto, publicado postumamente em 1953, traz relatos da convivência na sociedade brasileira equivalentes ao período em que ele viveu, ressaltando o quanto a conjuntura social daquele período era extremamente carregada de preconceitos. Nele o autor explicita a tristeza e a indignação pelo tratamento dado às pessoas negras e confirma a existência tão secular do racismo.

Ao discorrer sobre a produção literária de Lima Barreto, Schwarcz (2017, p.16) declara que “sua obra se distingue das demais [...] em razão do tipo de testemunho que ele traz com sua literatura.” Por meio dos escritos registrados em seu diário e nas demais produções de sua autoria, como nos romances *Clara dos Anjos* e *Recordações de Isaías Caminha*, ou no conto “O traidor”, o escritor manifestou grande preocupação com a situação da população negra no país, autodeclarando-se como “autor negro” e expressando suas inquietações a partir de críticas e ironias políticas, sarcasmos, posicionamentos fortes e, principalmente, expressando angústia e sofrimento, diante da vida que levava.

A produção literária de Lima Barreto é muito vasta e, segundo Duarte (2014), é composta por peças teatrais, romances, contos, crônicas, correspondências, críticas e memórias. Esses textos geralmente eram dotados de muita criticidade, que era uma das características marcantes do escritor. Conforme Schwarcz (2017, p. 10), um “afrodescendente por origem, opção e forma literária, Lima Barreto combateu todas as formas de racismo, aqui e nos Estados Unidos - país que costumava hostilizar em seus escritos, pois julgava que por lá seus “irmãos de cor” eram tratados muito mal -”, E assim realizou uma literatura de matriz afrodescendente.

No âmbito feminino, esse tipo de escrita pode ser percebido nos diários de Carolina Maria de Jesus, os quais também desempenham papel significativo nesse contexto. *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e *Diário de Bitita* foram os livros da autora que alcançaram

maior visibilidade. O segundo, ainda pouco estudado no ambiente acadêmico e, conseqüentemente, nas escolas de Educação Básica, revela, em sua composição, não só uma narrativa testemunhal, como também o registro de um período histórico no país, ocorrido após a abolição da escravatura. Nele a escritora negra, sob o ponto de vista étnico-racial, escreve suas memórias sobre a dura rotina de sua família, no cerne de uma sociedade agrária da qual afloram injustiças sociais, preconceito e intensa discriminação, conseguindo retratar um painel do cenário social em que vivia.

Ao rememorar e explicar a realidade, ela busca reinventar-se, ressignificar o seu passado e estabelecer um processo de mudança e transformação do momento em que vivia. A obra possui um grande valor literário, mas também histórico, características que tornam a sua leitura digna de ser o ponto de partida para o entendimento e discussões sobre relações étnico-raciais no contexto escolar brasileiro, pois consegue reproduzir a visão da população negra sobre o momento pós-abolicionista e sobre as condições de vida oferecidas a esse grupo na época, possibilitando ao leitor conhecer uma visão diferenciada daquele período, já que os registros oficiais e divulgados foram construídos sob a ótica da etnia branca, europeia.

A leitura de obras como *Diário de Bitita* pode instigar o processo de percepção da realidade do leitor, pois oferece-lhe a oportunidade de aquisição de novos conhecimentos e a reelaboração de conceitos e informações deturpadas que foram propagadas com a intenção de desvalorizar a imagem do negro, e determinar, a partir das relações de poder e da propagação de estereótipos, uma posição de inferioridade, conduzindo-o a uma reflexão especialmente sobre a origem e as formas de manifestação do racismo na sociedade brasileira.

Em conformidade com o exposto, é importante considerar, segundo Rouxel (2013, p.172), que “as ligações que o leitor estabelece consciente ou inconscientemente durante a leitura podem estar relacionadas a outros textos lidos anteriormente ou a saberes provenientes de sua experiência de mundo”. Com isso, a possibilidade de ampliação da sua capacidade de percepção, da sua atividade cognitiva e da sua visão crítica da realidade será ainda maior, a partir de atividades que promovam a intensificação do exercício da leitura. A literatura, como a arte da palavra que reproduz ou recria uma realidade, consegue suscitar no leitor sensações e experiências diversas, a partir dos sentidos construídos com base na leitura desenvolvida.

Ao rememorar ou ficcionalizar histórias no *Diário de Bitita*, a autora estabelece uma relação dialógica com o leitor, permitindo-lhe contemplar os fatos narrados, e, a partir deles, ampliar os sentidos construídos inicialmente por ela, recuperando imagens de um passado histórico de extrema importância para o nosso entendimento enquanto sujeitos, nação e população majoritariamente negra. Em virtude de a obra apresentar um sujeito enunciador que

também é o objeto da escrita, de identidade negra, feminina, a qual vive em situação de miserabilidade e fome, em um período que marcou a história do nosso país, encontramos-nos diante de uma leitura que propiciará a discussão da temática étnico-racial, abordando ainda questões sociais importantes no ambiente da sala de aula.

Acredito que tais debates têm um papel de grande relevância na formação e conscientização de indivíduos negros e não negros sobre a importância dos grupos humanos presentes na construção da sociedade brasileira e na constituição da sua população, e podem desconstruir a ideia de que existe uma raça superior às demais, pois esse pensamento é uma das justificativas utilizadas para a prática do racismo e da segregação racial, ainda tão presentes em nosso país.

Sendo assim, para desfazer a concepção sobre essa hegemonia racial da população branca, é importante ressaltar que a noção de supremacia de uma raça se fundamenta especialmente nos resquícios da teoria racista. Munanga define o racismo como:

[...] filhote ideológico da ciência das raças, que nasceu na modernidade ocidental a partir da filosofia das luzes, entre a segunda metade do século XX. Na tentativa de explicar a variabilidade biológica humana, esses cientistas classificaram essa variabilidade em categorias biológicas estanques que batizaram de raças [...]. (MUNANGA, 2019, p. 115).

Ainda segundo o autor (2019), somente no fim da primeira metade do século XX e início da segunda metade do mesmo século foi que os cientistas da área de Biologia molecular e Bioquímica concluíram que, biológica e cientificamente, as raças não existem. Para Munanga (2003), o conceito de raça precisa ser entendido no sentido de uma construção sociológica, e da forma como tem sido aplicado atualmente, constitui um conceito carregado de ideologia, através do qual se perpetuam relações de poder.

A concepção de Munanga (2019) dialoga com o pensamento de Guimarães (1999, p. 11), pois, para esse autor, “raça é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais”. Guimarães (1999) ainda reforça que é uma definição que pode abarcar significados diferentes, levando-se em consideração a cultura, as ideologias, o modo de ser e de viver de um povo, e uma vez interpretada erroneamente, faz surgir o racismo, também oriundo da experiência colonial e do desejo de dominar o outro, impulsionando sentimentos de superioridade das pessoas umas sobre as outras.

Nesse contexto, é fundamental ressaltar ainda a noção de etnia, que, por sua vez, nos remete à ideia de grupo que é culturalmente homogêneo. A palavra tem origem no grego *ethnos*, povo que tem o mesmo *ethos*, costume, e possui também a mesma origem, cultura, língua, religião, etc. O conceito de etnia está relacionado mais intimamente à sensação de pertencimento a um grupo, às experiências semelhantes que os aproximam, às suas visões de mundo, e isso independe de laços consanguíneos ou características ditas biológicas. Munanga a define da seguinte forma:

[...] uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território [...]. (MUNANGA, 2003, p. 12).

Sendo assim, a etnia está relacionada às características culturais e identitárias assumidas por indivíduos, e sua conceituação, tanto quanto a de raça, tem sido, ao longo do tempo, ideologicamente manipulada por pessoas que conduzem as discussões referentes a esses aspectos, e ao racismo, de acordo com os seus interesses.

Entender como se estruturam tais concepções no âmbito das relações humanas pode contribuir significativamente com os debates voltados para a formação de identidades étnico-raciais. Diante disso, aliando conhecimentos de Literatura e História, as atividades desenvolvidas a partir dessa intervenção pedagógica serão fundamentadas pela leitura do texto literário afro-brasileiro, buscando efetivar o que dizem as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, pois uma educação que considere os aspectos voltados para a convivência entre as etnias que compõem a população brasileira, buscando o respeito às diferenças, bem como a igualdade de direitos, deveres e oportunidades, viabilizará a melhoria na convivência entre os diferentes grupos étnicos no ambiente escolar e na sociedade como um todo.

Nesse sentido, a seção que dará continuidade às reflexões acerca desse tema será elencada a partir de conceitos que corroboram a necessidade da inserção da leitura do texto literário no ambiente escolar, de forma mais enfática e planejada, com o propósito de ampliar a capacidade interpretativa e a visão de mundo dos discentes, bem como de discorrer sobre aspectos peculiares às demandas étnico-raciais que são temáticas presentes na literatura, sobretudo na literatura afro-brasileira.

2.1 O PAPEL SOCIAL DA LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES ÉTNICO-RACIAIS

A literatura assume variadas funções no contexto escolar e pode desempenhar um papel educativo e formador que excede esse âmbito formal, progredindo para a vida particular e social em que o leitor se encontra inserido. Entretanto, isso só ocorre quando a relação entre texto e leitor já está aprofundada e possibilita o estabelecimento de conexões entre as histórias lidas e o ambiente familiar, social, político e histórico do qual ele faz parte. Sendo assim, os efeitos de sentidos gerados a partir daquilo que é registrado são múltiplos e variam de um indivíduo para o outro.

Mas, para que os discentes atinjam o grau de maturidade necessário ao estabelecimento de tais relações, é preciso que a abordagem do texto literário seja feita de forma planejada, coerente com a realidade deles e articulada aos objetivos que se deseja alcançar. Nesse contexto, a mediação docente faz toda a diferença, e precisa levar em consideração tanto as concepções que se tem de literatura, como a metodologia escolhida para o desenvolvimento das ações propostas, de modo que estejam em consonância com a necessidade e o interesse que os discentes manifestam em relação ao tema escolhido para a leitura.

Segundo Nascimento Neto (2016, p. 842), “A literatura, pois, tem a capacidade de lidar com assuntos polêmicos de forma especial, quer ela seja um drama ou uma comédia”. Sendo ela tão versátil, a partir da mesma, é possível desenvolver um trabalho prazeroso e interdisciplinar, buscando estabelecer diálogos e intertextualidades. Para isso, é necessário levar em consideração também o que dizem os documentos oficiais voltados para o ensino de língua materna, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), acerca da abordagem do texto literário:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. (BRASIL, 1998, p. 26).

Diante disso, é preciso pensar em um ensino de literatura que não seja apenas fruição, nem um mero pretexto para transmitir conteúdos gramaticais ou responder a questionamentos sobre informações explícitas ou implícitas no texto, pois a produção literária constitui uma forma de dar sentidos ao mundo, ativar a imaginação, e também uma possibilidade de desenvolvimento de identidades individuais e coletivas dos sujeitos, uma vez que, a partir da

leitura, a ativação dos nossos sentidos, das memórias, da mobilização de conhecimentos e do estabelecimento de relações entre realidade e ficção se tornam possíveis.

O texto literário apresenta uma linguagem específica, carregada de subjetividades, valores, muitas vezes, de posicionamentos políticos e ideológicos e permite diferentes perspectivas de interpretação, por isso o ensino de literatura precisa ser repensado de forma que desperte nos discentes o prazer de ler, incentive o contato frequente com obras literárias, proporcione-lhes o aprimoramento das suas habilidades de leitura e escrita, e, conseqüentemente, a ampliação da capacidade de estabelecer relações entre um texto e outro e entre o texto e situações reais, culminando no enriquecimento de suas experiências leitoras.

Nesse âmbito, a metodologia adotada deve propor experiências que possam contribuir também para a formação cidadã dos discentes, já que a literatura recria e delinea experiências humanas consideradas universais. Acerca do trabalho com literatura, Candido (2011, p. 177) ressalta que ela “tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como elemento intelectual e afetivo”. Dentre as variadas funções da literatura, encontra-se a de permitir aos indivíduos produção, reprodução e propagação de imagens acerca de si mesmos e dos outros, permitindo-lhes perceber se há conexão entre os valores expressos pelo autor e aquilo que eles consideram importante para a consolidação de suas identidades, princípios e caráter.

Essas imagens estão diretamente ligadas à construção das identidades e do sentimento de pertença de cada indivíduo. Segundo Bhabha (1998), o processo identitário dos indivíduos, assim como as culturas e tradições históricas relacionadas aos diferentes grupos étnicos, passam por constantes redefinições. Por isso, o referido autor pondera que:

A questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-datada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser para um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação [...] é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem. (BHABHA, 1998, p. 76-77).

Diante disso, é possível inferir que o desenvolvimento identitário de um indivíduo é algo constante, uma vez que as identidades não se apresentam de forma fixa ou estável, podendo ser alteradas diante de vários fatores, como imagens que ele tem de si mesmo e dos seus semelhantes, sentimentos, comportamentos, da sensação de pertencimento referente a um grupo

e outros aspectos como as decisões que toma na vida, a maneira como se comporta, os caminhos que deseja seguir. Bhabha (1998) concebe a identidade como um produto nunca acabado.

Esse processo de construção identitária também envolve categorias, como gênero, idade, nacionalidade, língua, cultura, e está relacionado a diferentes sentimentos. Os postulados de Bhabha aproximam-se das ideias defendidas por Bauman (2005), o qual defende que as identidades são entidades abstratas em constante mutação, alicerçadas com base nas atitudes assumidas pelo sujeito e nas referências adotadas por ele, na busca pela consolidação do seu sentimento de pertencimento. Assim, a identidade emerge a partir da crise de pertencimento do indivíduo, a qual o leva a refletir sobre o que ele é, de fato, e sobre o que ele pode ou deve ser.

É importante salientar, que há um caráter transitório e complexo em tal desenvolvimento, uma vez que as identidades se consolidam no âmbito das relações humanas e vão sendo moldadas a cada experiência vivenciada pelo indivíduo, a cada postura ou papel social assumido. Corroborando isso, Hall (2006), ressalta a concepção de C.H. Mead e C.H. Cooley e outros interacionistas sobre o tema afirmando que:

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2006, p. 11).

Apesar desse processo de interação que envolve a construção identitária ser tão necessário, nem sempre os relacionamentos entre o indivíduo e os grupos ou entre grupos diversos que compõem a sociedade são harmônicos, por isso tornam-se imprescindíveis as discussões referentes aos variados aspectos que podem interferir, direta ou indiretamente nessa convivência, entendendo-os e respeitando as singularidades de cada pessoa. Os conflitos entre as diferentes etnias no âmbito brasileiro, por exemplo, não são recentes. Ribeiro (1995) salienta que os embates estiveram presentes desde que as relações entre negros, indígenas e europeus se estabeleceram e ocorriam principalmente na disputa pelo território geográfico, de forma extremamente violenta.

Concernente à população negra, o período escravocrata revela não apenas um regime de exploração da mão de obra, mas também as violências físicas, morais e psicológicas às quais estava submetida. No tocante às mulheres, a violência sexual também era uma constante e deixava marcas tão profundas quanto as das chibatadas. Eram rotineiramente violentadas por seus senhores ou serviam como objeto de iniciação sexual dos filhos deles, muitas vezes, engravidando e tendo os filhos afastados do seu convívio, em algumas situações, pelo fato de

serem comercializados. A população negra foi muito injustiçada no período pós-abolicionista, punida por crimes jamais cometidos e submetida a conviver em uma sociedade que não a aceitava e não oferecia condições de ter uma vida digna.

Hoje em dia, esses conflitos se configuram principalmente no âmbito das relações de poder na sociedade, a qual estipula lugares sociais de brancos, negros e indígenas. No entanto, isso não quer dizer que as lutas por territórios não existam, pois a segregação espacial ainda é constante no país e se reflete principalmente na estrutura das grandes metrópoles, onde as favelas, denominadas comunidades, e os bairros nobres se desenvolvem paralelamente, reforçando a demarcação de território entre ricos e pobres, pretos e brancos.

Em virtude disso, para consolidar a sua própria identidade, os indivíduos precisam conhecer as diferenças que os aproximam ou distanciam dos demais e, no âmbito desse processo, reconhecer a coexistência dessas características na sociedade, conscientizando-se de que é fundamental aprender a respeitá-las, para que a convivência nos diferentes grupos sociais seja possível. Além disso, é importante que eles percebam que não há uma necessidade de abandonar a sua individualidade para se ajustarem a padrões previamente estabelecidos, que não respeitem a alteridade, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar do outro.

O ser humano não vive sozinho e a convivência com os outros indivíduos, ainda que de forma tensa, auxilia ricamente na constituição da imagem que tem de si mesmo e do seu semelhante, e no estabelecimento de parâmetros para a convivência em sociedade, na qual é necessário respeitar as individualidades existentes em cada sujeito. Os estudos de Hall (2006) acerca da identidade apontam para três concepções desse termo. Na que mais se aproxima do contexto das explanações consideradas aqui, Hall (2006, p.11) afirma que o “o sujeito [...] tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”. Sendo assim, a identidade que prevalecerá, será aquela com a qual o indivíduo desenvolverá maior identificação, ainda que temporariamente.

Nesses “mundos exteriores”, dos quais Hall trata, no tocante às relações étnico-raciais, observa-se que a presença marcante do racismo faz com que ocorra a exclusão de determinados grupos étnicos, de seus valores e concepções, reforçando a segregação racial entre tais coletivos e a marginalização de alguns deles. No contexto brasileiro, é possível perceber, desde o período colonial, as ações de apagamento da cultura, religiosidade e até da linguagem dos negros e indígenas, banindo aspectos importantes da história do país e colocando-os em nível marginal, para dar ênfase a padrões europeus, os quais não correspondiam à maioria da população

quantitativamente, mas estavam em consonância com os ideias e modos de vida da classe dominante.

Apesar disso, as culturas negra e indígena subsistiram em meio às tentativas de silenciamento e de violência, coexistindo junto à cultura europeia. É nesse contexto de diálogos e vivências tão variadas, e não raras vezes de exclusão, que ocorre a consolidação de identidades no Brasil. Sendo assim, é preciso acrescentar a esse processo a reflexão sobre a formação étnica do país, a partir do processo de miscigenação, que corresponde, segundo Ribeiro (1995), ao cruzamento entre europeus, negros e índios. Acerca disso, Ribeiro ainda afirma que:

Na verdade, cada família brasileira de antiga extração retrata no fenótipo de seus membros características isoladas de ancestrais mais próximos ou mais remotos dos três grandes troncos formadores. Conduzindo, em seu patrimônio genético, todas essas matrizes, os brasileiros se tornam capazes de gerar filhos tão variados como variadas são as faces dos homens. (RIBEIRO, 1995, p. 238).

A geração de filhos tão variados, do qual fala Ribeiro, muitas das vezes não era algo tão natural e despropositada. Houve no Brasil, uma tentativa de branqueamento da população, a partir do cruzamento biológico dos diferentes indivíduos e isso se deu também com as culturas desses povos, com o intuito de “melhorar” a população aqui existente e moldar indivíduos que de fato representassem esses habitantes tão híbridos.

Esse processo de mestiçagem está relacionado ao conceito de raças e culturas diferentes que compuseram e compõem a população brasileira. Mas, apesar de muitas vezes propagada como uma mistura de raças, ela não pode ser entendida dessa forma, uma vez que o conceito desse vocábulo tem sido descartado pelos estudos biológicos e considerado atualmente um conceito sociológico, entendido levando-se em consideração a carga ideológica e as relações de poder presentes na convivência dos diferentes grupos humanos.

Sendo assim, podemos falar em uma pluralidade cultural, que se materializa de várias formas no cotidiano da sociedade brasileira, relacionada a aspectos como o modo de se vestir, o gosto musical, estilo de cabelos, linguagem, culinária, crenças e tradições, modos de pensar, entre tantas outras coisas. Mas, ainda que reconhecida, essa diversidade nem sempre é bem aceita. Ao contrário do pensamento propagado pelo senso comum, inicialmente formulado por Gilberto Freyre e divulgado sobretudo a partir dos governos de Getúlio Vargas, por órgãos oficiais do governo, celebridades e livros em geral, afirmando a existência de uma democracia racial no país, as relações étnico-raciais no Brasil nunca foram harmônicas.

De acordo com o mito da democracia racial, os negros não enfrentavam problemas no país e não existia qualquer tipo de impedimentos para que gozassem de uma vida boa e justa. A propagação dessa ideologia, muitas vezes ainda vigente na atualidade, faz com que as estruturas sociais não sofram alterações e os padrões de relações raciais no país sigam reproduzindo ações semelhantes às do período escravocrata, indo de encontro aos comportamentos e arquétipos de uma sociedade brasileira contemporânea e dita democrática.

Segundo Fernandes (1989), mitos como o da democracia racial servem para encobrir uma realidade, mas acabam revelando-a ainda mais, já que são propagados apenas para privilegiar uma classe dominante. Se não havia ou não há conflitos entre os grupos que compõem a população brasileira e todos vivem harmonicamente, não há a necessidade de lutas por direitos ou igualdade de tratamentos. Ou seja, negando a existência de problemas como o racismo, segregação racial e discriminação, por exemplo, não há a necessidade de conscientização ou combate a tais impasses.

Diante disso, faz-se necessário que os debates em torno desse assunto sejam ampliados, no intuito de reconhecer todos os indivíduos que compõem a população brasileira como importantes para a constituição da nação, ressaltando as contribuições de cada grupo na formação da história, cultura, educação, linguagem, literatura e conhecimento científico produzidos até o presente.

É imprescindível refletir sobre as possibilidades de exploração desses temas no contexto escolar e de que maneira é possível auxiliar os discentes na compreensão dessas relações entre sujeitos negros e não negros, favorecendo o desenvolvimento da consciência crítica, do poder de argumentação e conseqüentemente ampliando a compreensão deles acerca das questões étnico-raciais, tão presentes no cenário brasileiro, encaminhando-os a empreenderem ações na sociedade, em suas diferentes esferas. Nesse sentido, Santos adverte que:

Ignorar e rejeitar as maneiras singulares de cada povo empobrece nossa civilização. E, curiosamente, uma boa definição para civilização seria: oportunidade rara de encontro de culturas, orquestração excepcional em que um número considerável de instrumentos em tempo de ser ouvido. (SANTOS, 2016, p. 23).

Desconsiderar os temas referentes aos sujeitos negros e indígenas na constituição da nação brasileira constitui uma forma de apagamento de parte relevante da história e cultura do país. Sendo assim, ao valorizar e dar ênfase às contribuições dos povos africanos e também dos indígenas, como preveem, respectivamente, as Leis Federais nº 10.639/2003 e 11645/2008, o que se propõe é uma conscientização e o respeito às diferenças nas relações de coexistência

étnico-raciais, bem como o reconhecimento da influência dessas populações na formação cultural e social do país, desmitificando a ideia propagada de que existe superioridade de um grupo étnico em relação ao outro.

Em virtude disso, a abordagem da literatura afro-brasileira em sala de aula desempenha um papel muito importante, uma vez que propicia aos discentes o contato com obras que visam apresentar as contribuições dos negros no contexto literário e também social do país. Além disso, muitas obras afro-brasileiras retratam as dificuldades enfrentadas pela população negra, os desafios diários, ressaltando a força e a resistência desses sujeitos diante dos obstáculos enfrentados e ainda as conquistas que foram e são ocultadas deliberadamente.

Dessa forma, tal literatura atua como relevante instrumento de conscientização, reflexão e expressão artística que reproduz a propagação de imagens e convicções, contribuindo para suscitar e aprimorar o olhar crítico dos discentes para fatos históricos e cotidianos que muitas vezes não são abordados no ambiente escolar. Por esse motivo, a inclusão da literatura afro-brasileira na Educação Básica permitirá o resgate de memórias e traços culturais presentes na formação do povo brasileiro, bem como a desestruturação de conceitos marcados por estereótipos e discriminação.

Segundo Candido (2011), semelhante ao princípio da igualdade dos direitos humanos, a literatura deveria ser uma garantia estendida a todos, incluindo as minorias que compõem a sociedade. O autor ressalta que uma proposta de trabalho com a literatura possui força humanizadora, pois proporciona a humanização⁵ do sujeito. Essa humanização, por meio da prática educativa, já defendida por Freire (1987), só é alcançada a partir do desaparecimento da opressão desumanizante, cessada a partir do diálogo e de um trabalho de conscientização dos mesmos, o qual os conduzirá à sua emancipação enquanto sujeitos. Além disso, Candido também salienta que:

A literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CANDIDO, Antonio, p. 177).

⁵ Definido por Candido (2011) como um “processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor”.

Para o autor, a literatura é um bem incompressível⁶, pois existe nos indivíduos uma necessidade de fabulação que contribui com a vida das pessoas e com a formação da sua personalidade. Sendo assim, através da leitura de textos literários, é possível ao leitor, experienciar diferentes realidades e situações que suscitam emoções, promovem o aprendizado de conceitos e a ampliação da sua concepção de mundo. A literatura traz em si um papel formador que precisa ser descoberto pelos indivíduos que ainda não conseguem identificar essa característica valorativa, ela funciona como meio de acesso à cultura e conseqüentemente de fortalecimento de identidades.

Diante disso, cabe também à escola, enquanto instituição educativa, promover tal acesso aos discentes que dela fazem parte. É nesse contexto que a obrigatoriedade do ensino das culturas afro-brasileira e indígena precisa se efetivar, tornando possível a compreensão de acontecimentos, saberes e experiências referentes a esses grupos étnicos, uma vez que anteriormente não eram citados ou enfatizados e, ainda na atualidade, encontram resistência no ambiente escolar. Através da literatura, essa inserção torna-se possível.

Acredito que a literatura afro-brasileira pode auxiliar de forma significativa na desestruturação de estereótipos e concepções racistas presentes nos diversos espaços onde os discentes vivem e pelos quais circulam, principalmente na escola, pois, geralmente o texto afro-brasileiro consegue estabelecer um diálogo com o leitor, já que possui uma caráter marcadamente social e político, buscando expor questões sociais tão presentes no passado e na atualidade, e dessa forma exercendo função relevante na composição do conhecimento crítico e de um olhar reflexivo sobre a realidade negra e sobre a coletividade da qual ele faz parte. Bernd ressalta esse caráter social e postula que tal literatura deve ser entendida como:

Aquela onde emerge uma consciência negra, ou seja, onde um “eu” enunciativo assume uma identidade negra, buscando recuperar as raízes da cultura afro-brasileira e preocupando-se em protestar contra o racismo e o preconceito de que é vítima até hoje a comunidade negra brasileira, apesar de passados mais de cem anos da abolição da escravatura. (BERND, 2011, p. 114).

A literatura afro-brasileira exerce o papel de um sujeito coletivo negro, carrega consigo os anseios, sentimentos e particularidades de um grupo que foi marginalizado através da criação e divulgação de imagens pejorativas a seu respeito, da propagação de pensamentos racistas e discriminatórios. Ela atua na implementação de ações de combate aos desrespeitos sociais e

⁶ Candido (2011) pontua como “aquele que não pode ser negado a ninguém”.

busca respeito e valorização para os afrodescendentes, mostrando a força e a coragem do povo negro, bem como levantando uma representatividade que não reproduza a estereotipização, por isso assume também uma natureza de protesto contra as numerosas formas de racismo. Para entender esse caráter, convém observar as ponderações de Duarte acerca desse tipo de literatura:

[...] que elementos distinguiriam essa literatura? Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. (DUARTE, 2011, p. 122).

A literatura afro-brasileira traz ao cenário da literatura do Brasil um reposicionamento de papéis, de vozes e de valores anteriormente desprezados nas produções literárias ou considerados como menos importantes, propondo uma revisão do acervo instituído como clássicos da literatura que representa o cânone nacional, e que é abordado no ensino formal de literatura. Além disso, promove uma ampliação da perspectiva literária de forma que o ensino da mesma não permaneça reproduzindo o currículo excludente que ainda vigora em muitas escolas.

Os textos literários afro-brasileiros defendem os direitos humanos, promovendo a igualdade de olhares lançados a negros e brancos, ricos ou pobres. Sua inserção no ambiente escolar pode ser corroborada pelo que diz Santos (2001, p. 20), acerca do papel da escola: “É tarefa da escola fazer com que a História seja contada a mais vozes, para que o futuro seja escrito a mais mãos”. Por isso, enfatizar, ler e vivenciar o texto literário afro-brasileiro na sala de aula é também uma forma de reconhecimento às inúmeras lutas travadas pelos movimentos negros para conseguirem a incorporação do estudo desses temas no currículo educacional. É concretizar o reconhecimento de um grupo que sempre foi relegado na sociedade, valorizando a identidade, cultura e história dos componentes desse grupo. Segundo Rios,

A educação é um processo de socialização e criação de saberes, crenças, valores, como finalidade de ir construindo e reconstruindo as sociedades, os indivíduos e grupos que a constituem. É um movimento longo e complexo, no sentido de as pessoas nele envolvidas irem renascendo, a cada momento, junto com os outros. (RIOS, 2010, p. 3)

Sendo assim, o tratamento da questão étnico-racial, bem como de particularidades culturais e históricas que foram omitidas como forma de apagamento dos aportes africanos na

formação do povo brasileiro, poderá ser feito a partir da leitura do texto literário. Nesse sentido, a escolha por um texto pensado e elaborado por uma autora negra, narrando fatos que se aproximam da realidade étnica e social de muitos discentes que compõem a unidade escolar, se apresenta como uma perspectiva de suscitar a identificação dos discentes com a obra e os significados dessa leitura, bem como favorecer a construção de uma educação mais igualitária, na qual eles possam conviver de forma mais harmônica e natural com as diferenças presentes na escola e na sociedade como um todo, conhecendo e valorizando a descendência negra.

Segundo Munanga (1996), a inabilidade para conviver com essas diferenças estimula o racismo. Ele afirma (1996, p.17) que “toda e qualquer construção racista é baseada nas diferenças reais ou imaginárias. As diferenças unem e desunem, tanto ao nível macrocosmo, quanto ao microcosmo”. Em virtude disso, é importante que essas diferenças sejam tratadas sob a perspectiva da pluralidade cultural, da mestiçagem, da valorização da identidade, do reconhecimento da riqueza cultural do país, extinguindo a ideia de supremacia racial e ampliando a representatividade de grupos minoritários.

A escola é um dos cenários dessas variedades étnicas, mas também um espaço de construção e reelaboração de conhecimentos. É ainda um ambiente de formação de leitores. Diante disso, tal formação pode ter como ponto de partida a proposição de situações de leitura e discussões que levem os discentes a expor suas ideias, a repensar suas trajetórias, comportamentos e escolhas, que juntos constituem suas identidades. Para isso, é importante que se identifiquem com o que leem ou com a proposta pedagógica desenvolvida.

Diante do exposto, saliento que a proposição a ser executada e relatada nessa dissertação estará fundamentada na leitura da obra de Carolina Maria de Jesus, intitulada *Diário de Bitita*, pelo fato de se constituir não apenas um registro pessoal, mas também uma produção carregada de posicionamentos políticos, dotados de certa criticidade e relacionados a um determinado período histórico⁷ vivido pela autora. Nele, ela relata situações e memórias que se aproximam ou reproduzem o cotidiano de muitos indivíduos negros, podendo auxiliar os discentes a estabelecerem uma relação singular com a sua identidade étnico-racial e agirem com respeito às outras identidades, se entendendo como sujeitos conscientes de seus direitos e deveres na sociedade e nos grupos de convivência dos quais fazem parte.

Em complementação ao exposto, apresentarei na parte seguinte algumas ponderações acerca da literatura afro-brasileira, de sua relevância e contexto de surgimento.

⁷ A narrativa explicitada em *Diário de Bitita* corresponde a fatos vivenciados nas primeiras décadas do século passado, período pós-abolição da escravidão no Brasil, época na qual a população negra, devido à inexistência de políticas que a inserisse na sociedade, enfrentou inúmeras dificuldades para sobreviver.

2.1.1 Considerações sobre a Literatura Afro-Brasileira

O processo de colonização do Brasil deu origem a uma sociedade marcada por uma diversidade de povos, línguas e culturas, mas diante do contexto estabelecido entre dominador – dominados, o qual reflete as relações de poder que permearam a constituição da nação, o que prevaleceu foi a concepção de mundo europeia, assim como todos os padrões de comportamento, beleza, religiosidade e costumes, ressaltando características que contemplavam uma pequena parcela da sociedade (o europeu colonizador) em detrimento de outra (negros e indígenas explorados).

Esses padrões sociais que atendiam ao interesse da classe dominante foram propagados nos discursos presentes em diferentes âmbitos, como uma forma de exercer o controle sobre a minoria - assim considerada a partir das relações de poder - moldando comportamentos, ações e direcionando o modo de viver e de pensar desse grupo. Isso corrobora os estudos de Foucault (2012, p. 9), quando afirmou que “o discurso, longe de ser um elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica [...] fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, um dos seus mais temíveis poderes”. Dessa forma, o discurso, enquanto construção linguística dotada de intencionalidades e múltiplas possibilidades de interpretação, pode ser direcionado para atender aos mais variados interesses de quem o produz.

O cenário da colonização foi moldado a partir do discurso que circundava a catequização dos indígenas, imputando-lhes a religião cristã e induzindo-os a abandonarem sua religiosidade, cultura e tradições. Os negros também se viram obrigados a abandonarem sua cultura, seus idiomas, crenças e comportamentos, sob alegação de constituírem uma “raça inferior” e por isso, precisarem se submeter ao branco europeu. As concepções oriundas desse discurso, que foram difundidas e ainda são, tinham a intenção de promover a dominação europeia sobre essas duas camadas da população, fato que perdurou por séculos. Em consequência disso, o comportamento da sociedade refletiu e ainda reflete os efeitos desse discurso, tornando necessária e urgente a desconstrução das ideias impregnadas a partir dele no imaginário popular.

Em face disso, é importante lembrar uma ponderação de Fanon (2008), ao salientar que quando o homem branco impõe sua discriminação aos negros, os faz de colonizados, arranca-lhes os seus valores e toda a sua originalidade, reforçando um complexo de inferioridade que os leva a buscar um embranquecimento alucinatório. Diante disso, é preciso agir no sentido de uma mudança nas estruturas sociais e sobretudo nas relações raciais no país, nas diversas esferas

que compõem a sociedade. A escola é um dos espaços prioritários em que essa transformação precisa acontecer.

Nesse âmbito, a literatura, considerada por muitos estudiosos como reflexo de uma sociedade e propagadora dos mais significativos discursos, auxilia na disseminação e consolidação dos conceitos que se formam no decorrer do tempo, nos diversos recintos. Na literatura brasileira, as concepções reproduzidas, durante muito tempo, refletiram o que estava presente no imaginário da classe dominante e dos escritores, os quais, em sua maioria, eram de origem europeia, brancos, do sexo masculino, e expressavam uma percepção do mundo e das coisas que não representava de fato todas as camadas da população, especialmente as minorias sociais como pobres, negros, indígenas e mulheres. Segundo Duarte,

Ao percorrermos os arquivos da literatura brasileira canônica – e seus suplementos –, encontramos o negro não só como raro tema da escrita do branco, mas como voz/vozes voltadas para a expressão de seu ser e existir. Mesmo quando fazem do branco o objeto de sua fala. (DUARTE, 2014, p. 14).

É possível notar, na grande maioria das obras da literatura hegemônica brasileira, a transferência da condição marginalizada do negro e afrodescendentes, do contexto social do país para a produção literária, reproduzindo assim a inferiorização desses sujeitos, que sempre eram tipificados como escravizados ou subalternos de seus senhores ou patrões. Por esse motivo, dentre outros, a literatura afro-brasileira assume o papel de desconstruir, no imaginário da população brasileira, independente da etnia pertencente, essas imagens pejorativas e estereótipos, que funcionam, ainda na atualidade, como rótulos para os sujeitos negros.

Souza (2004, p. 278) salienta que “enquanto discurso cultural, a literatura se constitui um espaço privilegiado para a construção de imagens e sedimentação de conceitos e construção de identidades, nacionais ou outras”. Entretanto, para que essas representações e identidades sejam consolidadas, é necessário que os textos literários de fato correspondam à realidade de um indivíduo, grupo étnico ou nação. No Brasil, apesar da existência de uma sociedade pluriétnica, essa legitimação da etnia branca prevaleceu por muito tempo nos discursos sócio-políticos e na literatura, estimulando e difundindo um comportamento excludente para com as demais etnias. Diante disso, Souza ainda afirma que:

Na história da literatura brasileira, foram diversos os momentos em que os setores da intelectualidade e da vida política voltaram-se para a construção de um discurso fundamentado em imagens do país que buscaram promover a uniformização ou a homogeneização de seus habitantes, com vistas a

construir, na diversidade étnica e social, uma “comunidade imaginada” denominada Brasil. (SOUZA, 2004, p. 278).

Essas tentativas, pautadas também no mito da democracia racial, que insistia em ratificar a convivência harmônica entre os grupos étnicos aqui presentes, não obtiveram êxito, justamente por não corresponderem à veracidade. Ademais, conforme Souza (2004), legitimavam as hierarquias, definindo papéis sociais dos indivíduos. Diante disso, a partir do século XIX, representantes de minorias sociais, como, por exemplo, afrodescendentes e mulheres começaram a intervir e modificar esse contexto, inserindo na literatura discursos que os representassem e auxiliassem na construção identitária dos componentes desses grupos.

Somado a essas ações, é importante ressaltar ainda a luta dos movimentos negros pela valorização e respeito à população negra, cujas conquistas foram alcançadas pelos esforços incansáveis desse grupo populacional e de representantes desses movimentos no Brasil, sobretudo no âmbito da intelectualidade negra. Segundo Duarte (2014), a literatura afro-brasileira sempre se fez presente na história e constituição do povo brasileiro. Em artigo de sua autoria, publicado na coleção *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, do qual é também organizador, Duarte inicia suas considerações a partir de um questionamento muito pertinente, exposto a seguir:

Pode o negro falar? Expressar seu ser e existir negros em prosa ou verso?
Publicar?

Nem sempre.

Sobretudo no passado: falar da condição de escravizado, ou de homem livre na sociedade escravocrata, levantar sua voz contra a barbárie do cativo; ou, já no século XX, enquanto sujeito dolorosamente integrado ao regime do trabalho assalariado; ou excluído e submetido às amarras do preconceito, com suas mordidas. Apesar de tudo, muitos falaram, escreveram, publicaram. E não só no Brasil; não só nos países que receberam corpos prisioneiros e mentes “Cheinhas de inteligência”, como podemos ler no “Navio Negreiro” de Solano Trindade. (DUARTE, 2014, p. 14).

A condição desfavorável das populações negras, nos diversos países por onde os descendentes de africanos foram espalhados, não se configurou em impedimento para a escrita dos indivíduos de identidade negra. Conforme Duarte (2014), os precursores da literatura ligada às raízes africanas, seja no Brasil, Estados Unidos ou Inglaterra enfrentaram um demorado e sofrido processo de superação das condições desumanas às quais estavam subjugados, mas fizeram da escrita uma forma de combate à opressão e também um processo de arquivamento, para que a história não se perdesse.

Dentre as dificuldades enfrentadas inicialmente por eles, além das condições adversas de vida e sobrevivência, o racismo, a segregação racial, esteve o lento processo de aquisição da leitura e da escrita no período pós-abolicionista. No entanto, nenhum desses obstáculos foi tão grandioso a ponto de calar a voz dos negros oprimidos. Ainda, no século passado, segundo Duarte (2014), a literatura afrodescendente conseguiu se expandir em diversos países, sobretudo nos Estados Unidos, com o avanço do trabalho dos intelectuais e ativistas Booker T. Washington, W. E. B. Du Bois e Marcos Garvey, que rejeitaram fortemente o racismo e implementaram ações na busca pela valorização dos sujeitos negros.

Também contribuíram de forma significativa para esse processo de valorização os poetas da diáspora negra de língua francesa Aimé Césaire, da Martinica, Léon Damas, da Guiana Francesa, e Leopold Sédar Senghor, do Senegal, ao se reunirem em Paris para o movimento de Negritude, que se propagou pelas décadas posteriores incluindo nomes como o do haitiano René Desperte. Na década de 1930, destaca-se nesse âmbito o poeta Nicolás Guillén, liderando a renovação da poesia cubana e incorporando a herança africana a esse contexto, efetivando o que se chamou de *Indigenismo* haitiano.

Em consequência da força adquirida por esse movimento, ele começa a se espalhar por outros países caribenhos e também pelo Brasil, onde nesse período destacam-se as figuras de Nascimento Moraes, Lino Guedes, Breno de Menezes, Aloísio Resende e Solano Trindade. Entretanto, para obter visibilidade a luta dos afro-brasileiros não foi fácil, segundo ratifica Duarte:

Num país onde mais da metade da população é descendente de africanos, e que fala uma língua distinta da matriz portuguesa devido, sobretudo, às inúmeras contribuições trazidas dos idiomas africanos, a literatura proveniente desse segmento da população passa quase sempre por algo restrito à oralidade, por artisticamente inexpressivo e até por inexistente. (DUARTE, 2014, p. 19).

A busca por espaço no campo das produções literárias para os autores afro-brasileiros, a difusão de suas ideologias e o combate ao racismo e à opressão mediante a tentativa de branqueamento da população, seja no âmbito biológico, da mistura de tipos humanos ou das ideias, difundindo a segregação racial através da falta de oportunidades e da propagação de estereótipos, nunca foi fácil. E ainda hoje, apesar de muitos avanços nesse âmbito, a voz autoral negra é questionada e calada em ambientes como as escolas de Educação Básica e as Universidades, as quais deveriam promover a iniciação acerca das reflexões propostas por esse grupo.

Essa modalidade de literatura brasileira recebeu forte impulso por volta da década de 1930, em meio às mudanças diversas pelas quais a sociedade passava, e está diretamente ligada ao fortalecimento dos movimentos sociais no Brasil, sobretudo ao surgimento do Teatro Experimental do Negro, criado por Abdias Nascimento. Essa companhia de teatro atuou entre 1944 e 1961, buscando reabilitar e valorizar socialmente a herança cultural, a identidade e a dignidade do afro-brasileiro, por meio da educação, da cultura e da arte. É o que ratifica Souza:

A partir da década de 1930, junto a todas as transformações sociais, políticas e culturais vivenciadas pelo Brasil, multiplicam-se as estratégias de inserção do negro na vida social e política: a imprensa negra torna-se cada vez mais atuante, funda-se a Frente Negra Brasileira em vários estados e, posteriormente, jornalistas, atores e escritores reúnem-se em torno do Teatro Experimental do Negro, que tem como uma de suas metas interferir no sistema de representação hegemônico e promover a inserção do negro na vida artística e cultural do país. (SOUZA, 2004, p. 281).

A partir desse período, a quantidade de manifestações culturais relacionadas a questões afrodescendentes ganhou novo impulso, seja de forma individual ou coletiva. As associações entre escritores e intelectuais afrodescendentes se fortaleceram em busca da valorização da cultura afro-brasileira e da consolidação de uma cultura que abrangesse esses aspectos, sendo que as publicações estavam quase sempre associadas ao jornalismo. Apesar disso, é possível constatar, que já na literatura brasileira do século XIX, revelavam-se com produções literárias afrodescendentes, autores como Francisco de Paula Brito, Laurindo Rabelo, Gonçalves Dias, Antonieta de Barros, Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama, Lima Barreto, Auta de Souza, Cruz e Souza e outros.

No início do século XX, destacaram-se nomes como Solano Trindade, Aloísio Resende, Mestre Didi, Carolina Maria de Jesus e vários autores. Nesse contexto, em 1978, um coletivo de escritores afro-brasileiros lançou o primeiro volume da série *Cadernos Negros*, a qual completou no ano passado, quarenta anos de existência. Constituíram essa coletânea textos de Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Cristiane Sobral, Abelardo Rodrigues, Ademiro Alves (Sacolinha), dentre outros.

Nessa conjuntura, é importante ressaltar que, apesar das dificuldades do mercado editorial, a quantidade de publicações afro-brasileiras tem crescido bastante e, em alguns casos, já existem até editoras especializadas nesse tipo de obra. Tal esforço pela propagação de representações equivalentes à realidade dos sujeitos negros e de uma reflexão sobre a consciência de ser negro, bem como do resgate à história e às glórias de sua ancestralidade,

desconstruindo, no imaginário popular, a visão estereotipada acerca desses indivíduos é um dos principais objetivos dessa vertente literária.

Souza (2006, p. 54) enfatiza que “os textos literários afro-brasileiros visam desnudar os véus da representação de origem europeia que coloca o seu padrão fenotípico e cultural como modelo absoluto, considerando negativo todo e qualquer “desvio” desse modelo”. Assim sendo, a literatura afro-brasileira constrói o seu discurso com a intenção de expressar a consciência social do negro, demonstrando a necessidade da recuperação dos seus espaços sociais, do combate à invisibilização dessa especificidade literária e da repressão de todas as formas de racismo, segregação e caracterização de estereótipos.

Ela constitui uma forma de desestruturação dos protótipos sociais que relegaram o negro a posições inferiores aos brancos em todas as esferas e especialmente nas relações de poder propagadas na sociedade e difundidas também pela literatura hegemônica, pois, ao representar os indivíduos negros, diversas vezes o fazia de forma preconceituosa e discriminatória, ressaltando características ligadas ao corpo e a comportamentos considerados inadequados e que não eram comuns a todos.

A literatura afro-brasileira tem conquistado um espaço importante de reflexões na atualidade e aborda questões relacionadas às identidades negras, tratadas por sujeitos negros, de forma a conscientizar e sensibilizar os indivíduos sobre a necessidade de repensarmos as relações étnico-raciais na sociedade, nos diversos ambientes pelos quais circulamos. Dessa forma, ela quebra paradigmas e desconstrói estereótipos acerca da população negra, conduzindo os leitores a um processo reeducação e desmanche da visão eurocêntrica e racista propagada no país, bem como de conscientização da importância e do legado desse grupo étnico, não apenas no que concerne ao trabalho braçal na construção do país, que é o que mais se propaga, mas, sobretudo nas artes, na cultura, na língua, na literatura e, principalmente, no que se refere ao pensamento intelectual negro.

2.2 LEIS 10.639/2003 E 11.645/2008: LEGITIMAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA

As Lei 10.639/2003 e 11.645/2008, ambas sancionadas pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, constituem um avanço no reconhecimento da necessidade de políticas públicas que contribuam para uma sociedade brasileira mais justa e igualitária, pois essas leis tornam obrigatório, de forma respectiva, o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira e da História e Cultura Indígena, nas instituições de ensino públicas e privadas de

Ensino Fundamental e Médio e direcionam para uma educação mais cidadã, que leve em consideração a necessidade de convivência e respeito com a diversidade entre os grupos étnicos que compõem a população do país. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases,

Art. 26 -A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, 2017, p. 21).

A aprovação dessas leis ressaltou a diversidade étnica no país e enfatizou a necessidade de valorização e aceitação das diferenças, bem como do reconhecimento das contribuições de negros e índios na formação da sociedade brasileira. Tal efetivação é consequência de muitas lutas dos Movimentos Negros⁸ que atuam efetivamente no Brasil, com o objetivo de resolver os problemas da população negra. Segundo Gomes (2010, p. 99), “negros e negras atuaram e atuam das mais diversas maneiras na busca de uma digna inserção na sociedade brasileira”. Essas ações ocorrem desde o regime escravagista, mas intensificaram-se principalmente a partir da década de 1930, com a criação da Frente Negra Brasileira⁹ e várias outras organizações políticas.

Além disso, as ações empreendidas principalmente a partir da década de 1970 e 1980, foram fundamentais para impulsionar os debates sobre a necessidade de desenvolvimento de ações afirmativas e políticas públicas que inserissem o negro profissionalmente, intelectualmente e politicamente em espaços historicamente negados a eles. Nos anos 1990, com o crescimento de manifestações em prol da afirmação da identidade negra, foi possível reunir, em Brasília, segundo Dias (2005), 10 mil sujeitos negros, num evento chamado de “Marcha Zumbi dos Palmares”, no ano de 1995, e entregar, ao então presidente Fernando Henrique Cardoso, um documento reivindicatório.

⁸ Definido por Pereira (2012, p. 99) como “um movimento social que tem como particularidade a atuação em relação à questão racial”.

⁹ Segundo Pereira (2012, p. 100), “[...] foi a mais importante organização do movimento negro brasileiro no início do século XX, e chegou a reunir cerca de 40 mil associados em diferentes estados”.

Já a partir dos anos 2000, os debates sobre uma educação antirracista se intensificaram, e segundo Gomes (2010, p. 105), “o Movimento Negro buscou na história a chave para compreender a realidade do povo negro”. Com isso, a proposta de uma interpretação crítica da realidade racial brasileira que apontasse para uma possível superação do racismo e das desigualdades de tratamentos e de oportunidades culminou na sanção da lei 10.639/2003, pautada inicialmente no texto constitucional apresentado ao congresso pelo deputado Paulo Paim. Em 2008, essa lei passou por reformulação e alteração, originando a lei 11.645/2008.

Diante dessas propostas o cenário da educação no Brasil vem passando por mudanças. Segundo Gomes,

A partir de então várias iniciativas de formação de professores para a diversidade vêm sendo realizadas no Brasil, editais do Ministério da educação têm sido construídos e recursos públicos – não muitos – têm sido destinados para o trabalho educacional voltado para a questão racial no país. (GOMES, 2010, p.103).

Entretanto, mesmo com tais ações, a devida implementação dessas leis não tem sido efetivada por causa de fatores diversos como a insegurança na abordagem de questões étnico-raciais ou de gênero e a resistência por parte de alguns professores, já que uma grande maioria deles é fruto de uma educação que sempre privilegiou os saberes da classe hegemônica, mas é preciso que os debates, as reflexões e as leituras sobre tais assuntos sejam retomados nas salas de aulas, buscando reconduzir os discentes a uma tomada de consciência acerca da singularidade e da importância e contribuições da população negra para a constituição do país.

Nesse contexto, é possível perceber que as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 apontam o caminho para uma educação mais coerente com o contexto brasileiro e que não seja excludente e discriminatória ou reforce a ideia de superioridade da população branca. Dessa forma, será possível repensar, a partir de ações pautadas nessas diretrizes, os estereótipos direcionados a essas etnias, especialmente aos negros, e refletir sobre ideologias difundidas e impostas pela visão eurocêntrica acerca da história do país, além de reconhecer posturas racistas e discriminatórias nos vários espaços sociais.

No entanto, a eficácia dessas ações só poderá ser percebida a partir da reformulação dos projetos políticos pedagógicos de cada escola, de forma que deem ênfase à necessidade de uma educação antirracista, que se apresente como um direito comum a todos os discentes. Uma educação na qual se leve em consideração a diversidade e o princípio da alteridade. Dessa forma, é de fundamental importância que a escola seja concebida como um espaço democrático, no qual discentes e docentes entendam que precisam aprender a respeitar e conviver com a

diversidade, combatendo o preconceito e a discriminação, valorizando a trajetória de cada um dos grupos que coexistem nesse espaço, a fim de que possamos estabelecer diálogos que contribuam com a formação cidadã de todos os envolvidos no processo educativo.

2.3 LETRAMENTO LITERÁRIO: CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS QUE EXCEDEM O TEXTO ESCRITO

Em muitos contextos educacionais, a leitura não tem sido enfatizada nas aulas de Língua Portuguesa. Uma das consequências dessa situação, é que, ainda é grande a quantidade de alunos que apresentam dificuldades relacionadas à sua competência leitora, mesmo após a conclusão de todo o processo da Educação Básica. Além disso, em cenários onde ela é mais frequentemente abordada, é comum que as atividades desenvolvidas se restrinjam à decodificação de textos, à resolução de exercícios para a identificação de informações neles presentes, ou ao preenchimento de fichas de leitura.

Somadas a isso, também existem as ocorrências em que os textos são utilizados como subterfúgio para o ensino de regras gramaticais ou com a finalidade de cumprir a ação leitora como pré-requisito para a resolução de uma prova, sem que haja um reconhecimento atento dos sentidos que podem ser construídos a partir da exploração do texto. Essas atitudes constituem-se como entraves ao desenvolvimento da competência leitora dos discentes, uma vez que o contato com textos ocorre de forma rotineira e desprovida de sentido, ocasionando o desinteresse dos mesmos.

Diante desse cenário, é fundamental que a prática pedagógica concernente à leitura no âmbito escolar seja repensada e, conseqüentemente, modificada, de maneira que atenda às reais necessidades da formação integral dos discentes. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.43), “a leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal”. E essa prática precisa ser estimulada pela escola, de forma a despertar nos discentes a necessidade e a vontade de exercê-la.

Nesse sentido, é importante salientar a orientação contida na Base Nacional Curricular Comum, acerca do trabalho com a Língua Portuguesa:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais

permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2017, p. 67).

Para que ocorra a ampliação dos letramentos nessas circunstâncias, a leitura precisa, de fato, ocupar um espaço privilegiado nas aulas de língua materna, com objetivos definidos e ações metodológicas adequadas e delimitadas pelo docente. Além disso, é necessário que seja proporcionado aos discentes o contato com diferentes gêneros textuais, produzidos em linguagem verbal e não-verbal, em variadas situações de comunicação, pois isso lhes permitirá o aumento de seus níveis de interpretação e, conseqüentemente, de letramento.

Nessa situação, o ato de ler não pode ser entendido apenas como decodificação do texto, pois o fato de dominar o código escrito não garante que os discentes, por conseguirem decodificar palavras ou frases, irão interpretar e compreender os sentidos do que foi lido. Sobre esse processo, Silva pondera que:

O ensino de leitura sempre pressupõe três fatores: as finalidades, os conteúdos (textos) e as pessoas envolvidas no processo, ou seja, as características dos alunos e da turma a ser trabalhada. Sem a presença desses três fatores, o trabalho com a leitura/literatura corre o risco de se tornar vazio ou um “receituário” em que se repetem esquemas já prontos. (SILVA, 2003, p. 103).

É importante que a escola se conscientize também, de que existem situações em que o aluno não gosta de ler, principalmente devido às estratégias adotadas para o tratamento desse tipo de conhecimento, pois elas não têm sido eficazes e, em alguns contextos, a abordagem da leitura fica submetida à decifração de fragmentos de textos presentes nos livros didáticos, os quais muitas vezes nada tem a ver com a realidade dos alunos, e por isso acabam contribuindo para o desinteresse e repulsa pela leitura.

Diante disso, é preciso selecionar textos adequados para serem trabalhados de acordo com a realidade dos discentes, levando em consideração a faixa etária deles ou os assuntos pelos quais manifestam interesse, o grupo social do qual fazem parte, a região em que estudam e moram, e a partir disso desenvolver ações que estejam em consonância com as necessidades manifestadas por eles, a fim de proporcionar-lhes um letramento eficaz e que possa ser aprimorado a cada nova experiência leitora.

A prática da leitura é um dos caminhos possíveis para o letramento. Em uma sociedade como a nossa, na qual muitos indivíduos não possuem o hábito de ler, é fundamental que a escola propicie momentos e atividades que despertem o olhar dos discentes para a importância e valorização dessa atividade. É impossível formar leitores sem a presença da leitura na escola. Cintra e Passarelli ponderam que:

A leitura como processo de construção de sentido tem início na infância, com a alfabetização, e se prolonga pela vida, daí a associação comumente feita entre leitura e letramento, uma vez que a competência leitora pode ser aprimorada ao longo da vida, seja na escola, seja fora dela. (CINTRA E PASSARELLI, 2011, p. 17).

Transformar as atividades com literatura em experiências significativas deve ser questão prioritária nas escolas que primam pela formação de leitores críticos e conscientes, para que esses sejam capazes de expressarem seus pontos de vista e suas opiniões acerca de suas vivências leitoras, buscando a ressignificação dos textos lidos. Refletir sobre a formação de leitores pressupõe analisar a eficácia das atividades propostas, selecionar textos adequados para a faixa etária e o contexto social dos discentes, oferecer condições físicas e psicológicas para que essa leitura aconteça e seja proveitosa.

Essa perspectiva deve ter como objetivo a ampliação e consolidação do repertório cultural dos indivíduos, sendo que durante a leitura eles podem fazer comparações, estabelecer distinções, reconhecer conceitos, fazer inferências, transformar as linguagens utilizadas, despertar sentimentos e sensações, e principalmente, descobrir o prazer de ler, seja para se informar, para debater, para combater, criar ou recriar a realidade. Dentro dessa conjuntura, Castro salienta que:

Para que o sujeito da linguagem se apodere, de fato, das práticas de recepção e produção textuais situadas socialmente, não lhe basta simplesmente ser alfabetizado, é necessário que desenvolva habilidades para compreender e produzir uma gama de textos orais e escritos; é preciso que ele se torne letrado. (CASTRO, 2018, p. 19).

Um indivíduo alfabetizado não é consequentemente um indivíduo letrado. Durante muito tempo, os termos alfabetização e letramento foram concebidos como a mesma coisa. Mas é importante elucidar que são processos distintos, embora se complementem e sejam fundamentais na constituição do sujeito leitor. O primeiro está relacionado ao período no qual os alunos encontram-se em fase de aquisição do processo de leitura e escrita, de forma mais ligada à codificação e decodificação da linguagem, enquanto o segundo refere-se às situações de apropriação da linguagem, que ultrapassam a mera decodificação de textos e pode acontecer em diferentes níveis.

É nesse âmbito que ocorre o letramento. Kleiman (1995, p. 19) define letramento “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. O conceito proposto por

Soares (2004, p. 72), é bastante semelhante e ressalta que “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais”. Para ambas, o letramento corresponde ao uso das habilidades de leitura e escrita para suprir as necessidades sociais cotidianas dos indivíduos, nas quais as experiências relacionadas a essas aptidões são postas em ação na sociedade.

Existem diferentes tipos de letramento e cabe à escola a busca pelo desenvolvimento das habilidades de leitura que auxiliarão os discentes no decorrer da vida social e estudantil. O letramento do qual trataremos nesse trabalho é o letramento literário, alcançado por meio da leitura e exploração dos textos literários. Nessa categoria de letramento, toma-se por base a leitura do texto literário, que, segundo Castro (2018, p.15), é “uma excelente base para o desenvolvimento de atividades de letramentos relacionadas a diferentes áreas do conhecimento, ensejando, portanto, leituras de caráter interdisciplinar”. Em virtude disso, para que ele se efetive, repensar a função do ensino de literatura na escola constitui fator preponderante, pois tal atividade precisa ser desenvolvida de forma prazerosa, visando a formação humana do indivíduo.

Como o cenário que se instalou nas escolas, acerca do ensino de literatura, necessita de intervenção o quanto antes, Cosson propõe a seguinte reflexão:

[...] Dizem que o lugar da literatura na escola parece enfrentar um de seus momentos mais difíceis. Para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é produto do século XIX que já não tem razão de ser no século XXI. A multiplicidade de textos, a onipresença das imagens, a variedade das manifestações culturais, entre tantas outras características da sociedade contemporânea, são alguns dos argumentos que levam à recusa de um lugar à literatura na escola atual. (COSSON, 2016, p. 20).

O contexto é desafiador, mas apesar das dificuldades enfrentadas no que concerne à permanência da literatura na escola, não se pode perder de vista a riqueza de sentidos presentes em um texto literário, as várias possibilidades de leituras e aprendizados construídos a partir dele. A literatura não precisa permanecer na escola simplesmente por força da tradição, mas sobretudo pela necessidade de acesso dos discentes ao conhecimento cultural, social, histórico e tantos outros que ela acarreta, pela fruição, pelo prazer de experienciar uma leitura e descobrir novas histórias e formas de enxergar o mundo. A leitura do texto literário não é algo mecânico. Acerca desse tema, Iser ressalta a ideia de que:

No processo da leitura se realiza a interação central entre a estrutura da obra e seu receptor. [...] A obra literária se realiza então na convergência do texto com o leitor; a obra tem forçosamente um caráter virtual, pois não pode ser reduzida nem à realidade do texto, nem às posições caracterizadoras do leitor. Dessa virtualidade da obra resulta sua dinâmica, que se apresenta como condição dos efeitos provocados pela obra. (ISER, 1996, p. 50).

De acordo com o pensamento de Iser (1996), é por meio da leitura que os textos se concretizam, uma vez que é nesse momento que ocorrem as interações entre o que o autor quis expressar e o que o leitor de fato entendeu e como aplicou tais ideias. Essa interpretação é consequência das possibilidades de sentido oferecidas pelo texto ao leitor, é resultado do diálogo que esse texto lhe permite estabelecer com seus conhecimentos prévios ou talvez outras leituras e com o mundo que o cerca.

Diante disso, para organizar o ensino-aprendizagem de literatura de maneira que este constitua uma prática significativa para os discentes, é necessário que muitos ajustes sejam feitos no contexto escolar, mas, sobretudo que os docentes repensem os conceitos que têm de literatura, o valor e a função dela para a formação do leitor, que definam bem os objetivos a serem alcançados e as competências e habilidades a serem desenvolvidas partir da leitura do texto literário. A respeito dessa formação do leitor literário Cosson ressalta que:

Se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler.[...] Lemos da maneira como nos foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar, daquilo que a nossa sociedade acredita ser objeto de leitura e assim por diante. [...]. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. (COSSON, 2016, p. 29-30).

Nesse sentido, os métodos adotados para o ensino da literatura devem ser pensados desde o primeiro contato do leitor com o texto até a concretização de sua interpretação e exposição do entendimento do mesmo. A ativação de conhecimentos prévios, a definição de termos desconhecidos, a indução à percepção de relações intertextuais podem favorecer muito o aprimoramento da percepção dos sentidos expressos pelo texto e à medida que o discente for se acostumando a realizar esse percurso na leitura, irá adquirindo maturidade suficiente para estabelecer relações mais profundas e fazer inferências pertinentes.

A leitura não pode ser entendida ou utilizada apenas como fonte de informação. Ela precisa ser um instrumento através do qual o leitor constrói a sua identidade, sua visão de mundo e dos outros seres humanos. Nesse processo de formação do leitor, o profissional docente tem

papel preponderante e, diante de tal incumbência, é importante lembrar o que diz Lajolo (2018, p. 15), quando enfatiza que “formam-se leitores lendo. Lendo literatura. Discutindo literatura. Toda e qualquer literatura. A que achamos boa e a que achamos ruim”. Não há como formar leitores críticos sem a leitura e as reflexões sobre os textos lidos.

Sendo assim, despertar nos discentes o prazer de ler e a possibilidade de interação com os textos literários, percebendo os efeitos de sentido provocados pelo que está escrito, constitui-se uma tarefa de grande responsabilidade, pois é a partir dessas experiências leitoras no ambiente escolar que ele irá assimilar um conceito de literatura e desenvolver uma relação de aproximação ou repulsa por ela.

Esse despertar, quando feito a partir da leitura do texto literário afro-brasileiro, também se efetiva como forma de aguçar a consciência política e cidadã dos discentes, levando-os a uma melhor compreensão do sentido de ser negro no Brasil, da necessidade de revisão de conceitos e imagens formuladas com base nas concepções racistas, arraigadas no imaginário popular brasileiro, e da importância de reconhecer sua ancestralidade negra, fazendo valer os seus direitos no que concerne ao respeito, à igualdade de tratamentos e, principalmente, à não aceitação da discriminação e da determinação de seus papéis sociais como subalternos ou inferiores aos demais componentes da sociedade.

2.4 PRODUÇÕES LITERÁRIAS DAS MULHERES NEGRAS: DA REPRESENTAÇÃO ESTEREOTIPADA À ESCRITA CONTUNDENTE

Durante muito tempo, a representação das mulheres negras na literatura brasileira foi marcada pela discriminação e estereotipização, as quais disseminaram uma imagem pejorativa dessas mulheres e determinaram de forma clara os papéis sociais impostos a elas na conjuntura da sociedade brasileira. Somente depois de muitas lutas pela valorização e respeito, empreendidas em sua grande maioria pelas próprias mulheres negras, esse cenário começou a mudar. Sendo assim, para entender como esse processo de desvalorização da figura feminina negra ocorreu e, infelizmente, ainda ocorre, é fundamental conhecer a definição de estereótipo.

Levando em consideração os estudos de Pereira (2002, p. 43), “no plano **etimológico**, o termo ‘estereótipo’ é formado por duas palavras gregas, *stereos*, que significa rígido e *típus*, que significa traço”. O autor ainda ressalta que a denominação ‘estereotipia’ historicamente foi usada na psiquiatria durante o século XXI, para referir-se à repetição automática e frequente de um mesmo gesto ou ação específica de pacientes que sofriam de *dementia praecox*, e além disso

ênfatisa a possibilidade de origem desse termo a partir de um jargão tipográfico que utilizava tal vocábulo para referir-se a uma estrutura metálica capaz de produzir vários objetos iguais.

Assim, segundo Pereira (2002), por causa de uma analogia referente a esse processo de reprodução mecânica, o termo passou a ser difundido pelas ciências sociais e tem sido usado para se fazer referência à situação em que uma imagem é constantemente atribuída a um grupo ou aos indivíduos que pertencem a um grupo. No âmbito das ciências sociais, pesquisadores como Homi K. Bhabha ressaltaram a temática e suas implicações na conjuntura social, na interação entre os indivíduos de diferentes etnias.

Bhabha (1998, p. 110) define estereótipo como “[...] um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo.” Dentro dessa perspectiva, é importante ressaltar alguns aspectos que nos chamam a atenção: a complexidade do conceito talvez se deva ao fato de nem sempre as imagens criadas corresponderem à realidade, podendo suscitar representações equivocadas; a ambivalência e a contrariedade, possivelmente estão relacionadas ao fato de que existem estereótipos que refletem positivamente ou negativamente, a depender do contexto. Infelizmente, em muitas situações, o predomínio é de uma visão deturpada e negativa, que é difundida indistintamente.

Nesse âmbito, vale ressaltar a concepção de estereótipo adotada por Leyens, Yzebyt e Schadron (1994), citados por Pereira (2002, p. 46): estereótipos são “como crenças compartilhadas sobre os atributos pessoais, especialmente traços de personalidade, como também sobre os comportamentos de um grupo de pessoas”. Na conjuntura das relações raciais, lamentavelmente os estereótipos tendem a ser pejorativos, e ratificam essa definição, uma vez que estão sempre relacionados à cor da pele, à textura dos cabelos, o formato do nariz, dos lábios, etc.

No que diz respeito aos sujeitos negros no Brasil, a reprodução de estereótipos, tanto no passado quanto no presente, corresponde a uma tentativa deliberada de inferiorizar e embranquecer a população, num intuito de negar e apagar da história do país o intenso legado africano. É nesse sentido que objetivamos refletir sobre a produção e propagação de estereótipos sobre as mulheres negras, evidenciando que eles ocasionaram frequentemente uma generalização de comportamentos e inviabilizaram, muitas vezes, a percepção da força, do caráter, da inteligência e de outros atributos positivos sobre esse grupo.

Sendo assim, a estereotipização sinalizava principalmente sua valoração em comparação com as outras mulheres. Essa valoração é ressaltada por Freyre, ao discorrer sobre a sociedade brasileira do século XIX:

O padrão da moralidade de duas faces prevalecia na década de 1850: idolatrava-se a mulher pura – mulher lírio – enquanto os desregramentos sensuais do homem só de leve eram reparados. Em casas-grandes e sobrados patriarcais, não era raro os sinhozinhos se iniciarem na vida sexual profunda, desvirginando moças, emprenhando escravas negras. Escravas que eram também empregadas pelos ioiôs da casa. Em alguns casos a sinhá da casa, generosa e tolerante, criava os filhos do marido como brancos e legítimos. (FREYRE, 2009, p. 85).

A objetificação praticada pelos senhores e filhos deles para com as suas escravizadas, que eram constantemente abusadas sexualmente e estupradas, tendo, muitas vezes como consequência, a geração de filhos mestiços e bastardos, é retratada inclusive em obras da literatura hegemônica, mas sempre sob a ótica do sujeito branco. Em sua grande maioria, os filhos gerados dessas relações não eram bem aceitos e nem criados em relação de igualdade com os outros e a paternidade, não raras vezes, jamais era reconhecida, sendo muitos escravizados e até vendidos, pois à mulher negra até mesmo o direito de ser mãe foi, em diversas situações, negado.

Duarte (2009) aborda esse tema de forma crítica, e explana essa estereotipização assinalada na literatura brasileira, principalmente, através de descrições que ressaltam especialmente as características inerentes ao corpo e à sensualidade dessas mulheres, as quais eram frequentemente referidas como solteiras e destinadas ao prazer carnal, além de subentender-se que não seriam apropriadas para a maternidade, como citado anteriormente, já que predominavam representações nas quais não se fazia menção aos filhos dessas mulheres.

Segundo o autor, essa imagem marca profundamente a literatura brasileira desde o período colonial e se estende por séculos, em muitas produções consideradas canônicas, propagando o racismo arraigado na visão de mundo da nossa sociedade. Vale ressaltar, ainda, que as produções literárias nas quais se divulgam tal imagem, fruto do imaginário europeu, são também consequências de um pensamento machista que predominava na época e ainda se perpetua na sociedade atual, uma vez que são textos de autoria masculina ou, quando de autoria feminina, produzidos por mulheres submetidas a uma educação e sociedade machistas.

Apesar desses percalços, o cenário da literatura nacional está sendo mudado, e não só a imagem, como a função e a visibilidade da mulher negra têm trilhado por caminhos diferentes. Diante disso, é importante retomar aqui algumas escritoras marcantes, que contribuíram com essas mudanças no âmbito literário, alterando a conjuntura das produções literárias brasileiras e desconstruindo a hegemonia branca e masculina nesse espaço.

Considerada por Duarte (2014) como uma das precursoras da literatura afro-brasileira, Maria Firmina dos Reis (1825-1917) destacou-se nesse contexto com a publicação do primeiro

romance abolicionista brasileiro, *Úrsula*, em 1859. Nascida no Maranhão, no século XIX, oriunda de família escravizada, ela prestou concurso público para o magistério e cursou jornalismo. Foi também a responsável pelo marco de desconstrução dos estereótipos atribuídos às mulheres negras, e pela redefinição de seus papéis sociais. Além do romance, ela publicou vários outros textos, incluindo poemas e músicas e um diário intitulado *Álbum*. Foi também a fundadora da primeira escola mista e gratuita do Estado do Maranhão.

Em 1876, nasce outra figura feminina que contraria a estereotipização da mulher negra no imaginário popular: Auta de Souza. A escritora teve a vida marcada por tragédias, como a morte prematura dos pais, a perda do irmão em uma explosão de um candeeiro, e alguns anos após a morte do irmão, a perda do companheiro e também da saúde, pois foi acometida de uma tuberculose. Teve uma vida breve, morreu aos vinte e quatro anos, em 1901. Era admirada por muitos e foi considerada um modelo de seu tempo, como é possível atestar na afirmação de Cunha:

As primeiras abordagens de sua poesia devem-se aos comentadores católicos, que ressaltaram as características místicas dos poemas, exaltando, porém, o perfil de moça recatada e piedosa da autora, que assinava muitos dos seus textos apenas como “filha de Maria”. (CUNHA, 2014, p. 254).

Infelizmente, algumas antologias literárias brasileiras invisibilizam personalidades como a de Auta de Souza e impedem que a sua produção literária seja amplamente conhecida e admirada, e que novas experiências e visões sejam de mundo sejam despertadas ou modificadas a partir do reconhecimento, divulgação e leitura dessas obras.

No ano em que morreu Auta de Souza, em 1901, nasceu a professora Antonieta de Barros. Órfã de pai, ela foi criada pela mãe com a orientação constante de vencer os obstáculos impostos pelo preconceito em virtude de sua cor e origem. Em 1921, concluiu os estudos e formou-se professora, oficializando um ano após, um curso que mantinha desde antes da sua formação. Destacou-se como professora competente, jornalista, escritora, oradora e política, chegando ao cargo de deputada federal pelo Partido Liberal Catarinense. Foi a primeira mulher negra a integrar esse cargo.

Constituiu-se um exemplo de mulher, atuante, corajosa e consciente do seu papel no cenário político e social, contribuiu de forma peculiar e intensa com a sociedade e com a renovação da visão acerca da mulher negra nesse contexto. Faleceu em 1952, um ano após a sua aposentadoria da função de professora, mas deixou o seu legado em diferentes formatos,

como escritos publicados em jornais, crônicas, discursos reeditados e um livro apenas, intitulado *Farrapos de ideias*, publicado em 1937.

A esse contexto, convém somar com muito apreço a figura de Carolina Maria de Jesus. Ao contrário de todas as autoras anteriormente citadas, Carolina estudou bem pouco, apenas até a segunda série do Ensino Fundamental, mas isso não a impediu de cumprir com maestria o seu objetivo de utilizar a escrita como forma de combate à discriminação, racismo e imposições da sociedade patriarcal na qual se encontrava inserida. Questionadora, sua obra é pautada em experiências cotidianas e na observação da convivência social entre as diferentes etnias, denunciando o racismo, as injustiças sociais e a violência cometidas contra as pessoas pobres e pretas.

Carolina Maria de Jesus nasceu em uma cidade mineira chamada Sacramento, em 14 de março de 1914, 26 anos após a data fixada como referência à abolição da escravatura, em uma família pobre, numerosa e desunida, segundo informações contidas na introdução do seu livro *Diário de Bitita*. Conforme Farias,

No limiar do século 20, a minúscula Sacramento, saída há pouco da escravidão, recebeu fortemente os impactos dessas grandes transformações sociais, no caso a mudança brusca do regime monárquico para o republicano. Mudanças na política, mudanças na economia: a migração da área mineradora, no garimpo do ouro e pedras preciosas, para a agricultura, com a lavoura e criação de gados. Essa mudança representou um movimento violento de saída dos fazendeiros e seus escravos para o oeste mineiro como Desemboque, onde teve início toda a sorte de fundação de vilas e de cidades. Em 1872, por exemplo, o censo brasileiro registrava 1.310.806 cidadãos africanos e seus descendentes brasileiros escravizados, concentrados 61% em Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro. (FARIAS, 2017, p. 12).

Ainda, segundo Farias (2017), mesmo com a virada do século XIX para o XX, Sacramento continuava como nos primórdios escravistas, uma mistura de Colônia e Império, tanto nas relações sociais, quanto concernente ao mundo do trabalho. Muitos negros pobres e até em situações miseráveis e os brancos continuavam ricos e dispensando aos negros um tratamento preconceituoso, como quando esses eram escravizados. Eles eram também constantemente perseguidos.

A família de Carolina Maria de Jesus era composta por negros da região do Rio das Velhas, associados ao garimpo do ouro e à agricultura de subsistência. Parte significativa da população negra que povoava Sacramento era formada por ex-escravos. O avô de Carolina, por quem ela demonstra muito amor e respeito nos registros do *Diário de Bitita* havia sido

escravizado. Foi nesse contexto que ela nasceu, em meio ao acontecimento da Primeira Guerra Mundial na Europa, e cresceu observando sempre com muita atenção o que ocorria ao seu redor.

A entrada de Carolina na escola, aos sete anos de idade, foi ordenada na época, pela então patroa de sua mãe, a senhora Maria Leite de Barros. Carolina estudou em uma escola mista, para meninos e meninas, o Colégio Allan Kardec. Lá a menina enfrentou o preconceito dos colegas e também muitas dificuldades para aprender a ler, mas devido à rigidez, aos métodos e à perseverança de sua professora, dona Lonita Solvina, ela aprendeu a ler e se encantou tanto com a leitura, que por não ter livros em sua casa e nem nas casas de seus parentes, já que eram todos analfabetos, saiu pela vizinhança em busca de um livro. Encontrou então, *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, que foi a sua primeira leitura.

Para Farias (2017, p. 53), “sem dúvida, a iniciação para a paixão pela literatura começa com um romance de fase abolicionista, escrito em pleno regime escravista”. Permaneceu por pouco mais de um ano na escola, pois precisou acompanhar a mãe, que se mudou para outro trabalho, mas o amor pelos livros perdurou por toda a vida. Não queria sair da escola, mas a necessidade falou mais alto. Apesar disso, levou consigo livros sobre assuntos diversos, como a abolição, a história de Tiradentes, livros de Luís Gama, entre outros. Certamente, a consciência crítica e política de Carolina Maria de Jesus é fruto de tais leituras, as quais lhe deram muita propriedade para discorrer sobre a situação dos negros em sua época, de forma que na atualidade, seus textos conseguem promover profundas reflexões sobre mudanças ocorridas nesse cenário e outras que ainda são necessárias.

Em virtude das dificuldades enfrentadas para encontrar trabalho e sobreviver, ela e a mãe passaram por várias atividades laborais, morou na roça, sofreu muitas humilhações e chegou a ser presa, fato que impulsionou a sua mãe a aconselhá-la que fosse embora da cidade de Sacramento. Comovida com a sua situação, a mãe resolveu acompanhá-la e, juntas, partiram, com destino a Franca, São Paulo, aonde chegaram em 31 de janeiro de 1937, onde novamente encontrou muitos obstáculos. A luta pela sobrevivência era árdua e muitas vezes faltava o que comer. O sonho de ser escritora era o que a motivava e enchia o seu coração de esperança.

Apesar de tantos contratempos, Carolina mantinha o hábito de ler. Lia Jornais, revistas, livros, acompanhava os acontecimentos ligados à política e à sociedade da época e, sempre que possível, produzia textos. Segundo Farias (2017), já em São Paulo, ela procurava mostrar seus registros e poesias nas redações de jornais e rádios por onde passava, e não encontrava dificuldades no acesso a esses espaços, devido ao apoio e recomendação ou indicações, geralmente políticas. Era muito próxima do dr. Adhemar de Barros, ex governador de São Paulo, e essa proximidade lhe abriu algumas portas.

Farias (2017, p. 179) salienta que “Carolina intensificou sua ação na imprensa no início de 1940, começando em São Paulo, mas passando pelo Rio de Janeiro”. Frequentou o ambiente de jornais daquele período como “O dia”, “A Época” e “Última Hora” e teve textos publicados em alguns jornais. A escritora também alimentava um sonho de ser jornalista ou trabalhar em rádio, pois tinha uma visão de que os profissionais dessa área são inteligentes. Acerca desse período, o referido biógrafo ressalta a seguinte informação:

É bom lembrar que em 1940, quando adentrou a redação da “Folha da Manhã”, Carolina tinha uma grande produção de poesias enfiadas num caderno, sendo que o jornal divulgou apenas uma delas, que foi o poema “O colono e o fazendeiro”, um dos textos mais conhecidos da autora. (FARIAS, 2017, p. 180).

A escritora morou um tempo no Rio de Janeiro também, mas acabou voltando a São Paulo, em 1942. Ainda, segundo Farias (2017), ela intensificou o seu padrão de leitura e escrita quando foi viver em São Paulo, pois tinha o objetivo de melhorar de vida, adquirir uma casinha e viver tranquila. Sua escrita foi influenciada inicialmente pela leitura dos livros da escola romântica brasileira **As Primaveras**, de Casimiro de Abreu, e **A escrava Isaura**, de Bernardo Guimarães.

Enquanto não realizava o seu sonho como escritora, Carolina jornadeou por vários trabalhos, e foi morar na favela do Canindé, após ser obrigada a sair do terreno em que vivia, devido a uma ação de reapropriação movida pelos donos, em 1948. Nesse período, lia os livros que encontrava em sua rotina diária como catadora de papel, e escrevia, quando tinha tempo, e também quando estava triste. Em certa ocasião, após efetuar uma denúncia referente às condições de moradia dela e dos outros habitantes da favela do Canindé, ela teve o seu primeiro contato com o jornalista Audálio Dantas. O jornalista foi ao local para gravar uma matéria e então Carolina apresentou-lhe os cadernos de sua autoria.

Audálio demonstrou grande interesse e os levou consigo. A partir daí, o sonho de Carolina começou a se tornar realidade e o seu primeiro livro, intitulado *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, foi publicado no ano de 1960, tornando-se um sucesso nacional e internacional, tendo sido traduzido para 13 países. O livro foi lançado em 19 de agosto de 1960 e logo nesse primeiro dia foram vendidos oitocentos exemplares, sendo que as vendas, posteriormente, só aumentaram, fazendo com que se tornasse um “best-seller”. Sobre esse momento na vida de Carolina, Lajolo ressalta:

O sucesso e a fama vieram em 1960, quando a Livraria Francisco Alves lançou o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, constituído por fragmentos do diário de Carolina Maria de Jesus editados por Audálio Dantas. A obra foi um sucesso: consta que vendeu 600 exemplares na noite de autógrafos, 10 mil exemplares na primeira semana e 100 mil em um ano. (...) O livro foi traduzido para inúmeras línguas, e sua autora ganhou destaque internacional, tendo sido objeto de reportagens de Life, Paris Match, Realité e Time. (LAJOLO, 2014, p. 437-438).

A repercussão e o reconhecimento no cenário nacional e internacional corrobora o que escrita de Carolina Maria de Jesus revela: uma mulher consciente do seu lugar de fala como minoria, mulher, negra, pobre, mas que não se deixou abater devido a tais condições. Utilizou a escrita para combater e criticar duramente a postura da sociedade, dos políticos, as desigualdades sociais e a segregação racial e geográfica que determinava os lugares de brancos e pretos e nos presenteou com produções que permitem de fato uma reflexão profunda sobre as questões étnico-raciais inerentes à nossa sociedade. Farias pondera que:

[...] Carolina já era uma escritora antes do “Quarto de Despejo”. O livro catapultou a sua almejada carreira, igualmente sua verve literária, isto é certo, verve que já era inata nela, de há muito tempo. De 1940 (ano da publicação da reportagem na “Folha da Manhã”, supostamente a primeira, por assim dizer), até 1955 (ano que data o primeiro texto apontado em “Quarto de Despejo”), foram, ao menos, 15 anos transcorridos de lida literária. Não é pouco tempo, e não foi fácil. (FARIAS, 2017, p. 185).

A escritora obteve um sucesso extraordinário e publicou outros livros, como *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Meu Estranho Diário* (1996- publicação póstuma), mas não alcançou o mesmo êxito do primeiro, talvez pela falta de apoio e divulgação dessas publicações. Após um tempo, acabou sendo esquecida pela mídia e já não agradava mais em suas publicações de cunho social e político. Antes de morrer, entregou cadernos com anotações a duas jornalistas francesas que vieram da França para lhe entrevistar, e os registros desses cadernos posteriormente originaram a publicação do *Diário de Bitita*, ocorrido em 1982 na França e em 1986 aqui no Brasil.

Sua morte ocorreu em 1977, no sítio em que morava em Parelheiros, São Paulo. Em um dos cadernos, em que escrevia nessa época, deixou o seguinte poema, intitulado “O Barracão”, o qual revela a tristeza e a desesperança que carregava dentro de si:

Eu nasci pra sofrer
 Se eu morrer não levo saudades
 Na terra, o negro não pode ter
 Personalidade

Eu nasci aqui no Brasil
 Mas sofri. Fui tão infeliz
 Lutei e não consegui
 Realizar o que eu quis.

Pedi: me dê felicidade
 Quero o campo e não a cidade
 Mas foi tudo em vão,
 Por isso me arrependi
 Porque fui tola e saí
 Do meu barracão.

JESUS, Carolina Maria de. In: FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 341.

Carolina sentia-se desapontada, pois notava que a sua voz fora silenciada. Poucos ainda a procuravam para dar entrevistas. Quando pensava em algum projeto novo, ela é que saía à procura de editoras, apresentando as ideias. Mas infelizmente, as coisas já não eram como antes. Carolina partiu, entretanto, deixou um legado muito importante. A maior parte de sua obra tem caráter memorialista, mas deixou um conjunto de obras diversificado, alternando entre a produção de seus diários, poesias, músicas e outros escritos. Seja como escritora ou como mulher, o exemplo de resistência, de consciência crítica e política, a coragem e determinação de Carolina fazem dela uma escritora negra digna de estudos aprofundados e reconhecimento, e contribuem de forma significativa para a erradicação desses estereótipos lançados sobre a figura feminina negra.

Convém destacar, portanto, que a desconstrução da fantasia acerca da mulher negra, retratada de forma sensualizada e apta a satisfazer os desejos sexuais dos homens, propagada em várias obras da literatura hegemônica, pode ser vista na obra de todas essas autoras, pois de fato, reconstruem a imagem dessas mulheres ressaltando-as como mulheres fortes, resistentes, que lutam contra as várias formas de opressão, racismo, desigualdades e violências e sobretudo mulheres que possuem uma inteligência singular, pois conseguem usar os seus dramas, carrascos e dores para transformarem as suas vidas e as de outros indivíduos através da escrita.

Num contexto em que a mulher constitui uma maioria em número, porém do ponto de vista das relações de poder, uma minoria subjugada e destinada a “ser esposa”, “mãe”, “do lar”, cada vez mais a figura feminina tem se levantado contra esse território demarcado, contra a predestinação traçada para a sua existência, a desigualdade de gênero refletida na vida familiar, social e no mercado de trabalho, e o feminicídio, que a ameaça diariamente. Infelizmente, mesmo depois de mais de um século do término da escravidão, a sociedade, muitas vezes ainda

trata os negros como subalternos e inferiores. Apesar disso, as mulheres negras têm alcançado destaque em vários âmbitos do cenário nacional e internacional.

A escrita dessas mulheres, pois, constitui-se em uma arma seguramente efetiva para o combate às injustiças e humilhações sofridas por elas e pelos seus ancestrais e suscita debates sobre temas de grande relevância para a concretização de uma visão de mundo que leve em consideração a necessidade do respeito e da consciência do nosso papel enquanto cidadãos. É o que ratifica Silva quando afirma que:

Muito mais do que simplesmente contar histórias, ficcionalizando temas e criando personagens, a literatura escrita por mulheres negras tem um empreendedor papel de trazer à cena contemporânea, o debate sobre a importância, o compromisso e a responsabilidade das intelectuais negras em usar a escrita como ferramenta de produção teórica e também como recurso de um tipo de ativismo que fundamenta questões relacionadas à raça, à classe, ao gênero e à sexualidade, presente nos textos escritos por essas autoras. (SILVA, 2017, p. 7).

Apesar de parecer algo relativamente novo no âmbito da Literatura Nacional, as produções intelectuais das mulheres negras no Brasil não constituem atividades recentes, mas começaram a ter mais evidência há pouco tempo. Essas escritoras, devido à condição feminina, e sobretudo negra, encontram diversas barreiras para publicar as suas obras, justamente porque possuem uma escrita denunciadora e de cunho social, voltada para um coletivo, e carregada de ideologia, o que, quase sempre, faz com que tais produções sejam vetadas.

Os textos produzidos por essas mulheres tem desempenhado um importante papel na sociedade, pois revelam a preocupação com a desconstrução de estereótipos atribuídos à população negra, sobretudo à figura feminina negra e, com esse intuito, tais autoras propõem um olhar livre de preconceitos referentes a esses grupos, tentando mostrar-lhes outras maneiras de se perceber como negro, assumindo as suas características, crenças, valores e se orgulhando da sua história. Nesse sentido, a seção posterior dará continuidade às considerações acerca da importância da produção escrita das mulheres negras, direcionando tais reflexões para o âmbito das obras da autora Carolina Maria de Jesus, especialmente do *Diário de Bitita*.

3 RETRATOS DA “ESCREVIVÊNCIA” NA OBRA: *DIÁRIO DE BITITA*

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.

Carolina Maria de Jesus

O termo “escrevivência” foi criado pela autora Conceição Evaristo, segundo a mesma em 1995, na construção de sua dissertação de mestrado. Em entrevista ao Jornal NEXO¹⁰, publicada em 26 de maio de 2017, ela afirma que não tinha a intenção de criar um conceito, mas que o termo surgiu de uma relação estabelecida entre o vocábulo e as ideias de “escrever”, “viver” e “se ver”.

Na realidade, essa “escrevivência”, segundo Evaristo (2017), se concretiza como a escrita sobre a vivência de mulher negra na sociedade. Sua intenção ao criar tal vocábulo era desconstruir o estereótipo da “mãe preta” contando histórias para ninar os filhos dos patrões, na Casa Grande, pois, logicamente, o seu objetivo ao escrever não comungava com essa construção ideológica. Seu propósito, ao narrar histórias de mulheres negras, era registrar a luta, a força e a resistência da mulher negra, sendo uma mulher negra.

Apesar de ainda não serem denominadas como “escrevivência”, as produções literárias de Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza e Carolina Maria de Jesus, autoras que precederam Conceição Evaristo, já abordavam de forma enfática e denunciativa, a vivência da mulher negra na sociedade. Tais produções, praticadas por mulheres negras com o intuito de desconstruir estereótipos, geralmente se respaldam na observação e registro das vivências de outros sujeitos negros, ou nas vivências das mesmas, e se expandem com o intuito de quebrar paradigmas e reposicionar os indivíduos negros na sociedade, sobretudo as mulheres com esse pertencimento étnico-racial, conscientizando-as de seus papéis sociais.

No tocante aos textos de Carolina Maria de Jesus, é importante notar, que ao escrever, ela assume uma postura de resistência e combate ao preconceito racial, de classe e de gênero, enfrentados durante a sua trajetória como mulher negra, pobre, neta de escravo, mãe solteira. Em *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, relata a difícil realidade da vida quando morava na favela do Canindé, em São Paulo; No *Diário de Bitita*, ela cria um alter ego e busca

¹⁰ Disponível em: <

resgatar as memórias significativas de sua infância e juventude, narrando a difícil luta pela sobrevivência em um período pós-abolição, no qual não foram oferecidas aos negros as mínimas condições de vida para que eles fossem inseridos na convivência em sociedade.

Em *Diário de Bitita*, o que se pode notar através dos registros de Carolina, é que a qualidade de vida dela, da família e das pessoas ao seu entorno era muito ruim, era raro encontrarem trabalho, passava-se fome, humilhação e havia uma manifestação de racismo exacerbada naquele período. O jornalista Farias (2017) ressalta que o nível de empobrecimento das famílias negras na região da cidade de Sacramento, em Minas Gerais, região onde Carolina nasceu, era muito grande na época, e a falta de estudos ou de uma profissão complementavam o cenário de péssimas circunstâncias de sobrevivência disponíveis a essas famílias.

O *Diário de Bitita*, assim como os outros livros da autora, reflete um grito de firmeza e empoderamento de uma mulher negra, pobre, favelada, mas muito consciente da realidade social e política que a envolvia. A obra é estruturada em vinte e duas seções, às quais chamarei nessa abordagem, de capítulos, mas que, além de não serem denominados assim na conjuntura da obra, são identificados por temas e abordam situações vivenciadas por Bitita entre o período de 1914, que compreende o ano do seu nascimento e, 1937, época em que ela se muda definitivamente para São Paulo.

A “escrivência” se revela em cada seção, seja no relato de uma experiência feliz como descreve no capítulo em que fala das madrinhas, no carinho e admiração revelados ao mencionar o avô, ou quando explicita as injustiças e humilhações sofridas na procura por trabalho, em uma luta diária pela sobrevivência. Em cada parte, Carolina expõe um enfrentamento, uma superação.

Através da personagem Bitita, um “alter ego” criado por Carolina, a autora recorre às suas experiências mais significativas, promovendo uma exposição das suas origens e da constituição da sua personalidade, levando o leitor a entender alguns porquês de sua forma de pensar, agir e enfrentar o mundo. O nome dado à personagem é exatamente o apelido que lhe fora atribuído quando criança. Desde a infância, ela foi obrigada a lutar contra a rejeição, o preconceito, a pobreza, o desrespeito, a falta de oportunidades, mas jamais se vitimizou ou se intimidou diante dos obstáculos encontrados diariamente.

No contexto da sua morosa trajetória, a autora encontrou na escrita de si uma forma de explicitar os seus anseios, mas também denunciar e combater as adversidades individuais e coletivas suportadas, já que a situação da grande maioria dos negros, na época em que se passam os fatos narrados, era similar à dela. Apesar de ter pouco estudo, carregava consigo um talento

especial para a escrita e um senso crítico aguçado, adquirido a partir das leituras de livros que encontrava, muitas vezes, quando exercia a atividade de catadora de papel.

Carolina questionou a sociedade da época e sua postura racista. Denunciou as ilegalidades e desonestidades praticadas contra os negros, mesmo quando narrava episódios sob a perspectiva de sua visão enquanto criança, como se pode constatar no seguinte trecho do *Diário de Bitita*:

[...] Na cidade não tínhamos onde morar. Minha mãe foi residir no quartinho de Mariinha, que estava nervosa dizendo que não podia receber o seu amante. Minha mãe xingava como se eu fosse a culpada daquela tragédia. A única coisa que eu fazia era rogar pragas ao Loló. A única vingança ao meu dispor. Os meus livros ficaram na fazenda.

Que fome que nós passávamos! Conseguimos quinze mil réis, e alugamos um quartinho na casa de um casal de italianos. Dois dias vivemos em paz. Mas no terceiro dia, o dinheiro do aluguel acabou-se porque o senhorio gastou no álcool. Ficou nos xingando:

– Vão embora, negros vagabundos. Desocupem o meu quarto.

Eles queriam alugar o quarto novamente, para arranjam dinheiro para beber pinga. Já estavam dominados pelo álcool e não respeitavam mais os trinta dias do mês. [...] (JESUS, 2014, p. 143).

As condições de vida enfrentadas por Bitita e pela mãe, seja em Sacramento ou já em São Paulo, eram muito adversas. A desigualdade social na época era mais intensa do que atualmente, e não havia leis que protegessem ou amparassem a população negra, permitindo que essa ficasse exposta às mais diversas barbaridades. *Diário de Bitita* foi escrito a partir das memórias da autora, nascida 26 anos após o decreto da Abolição da Escravatura. A narrativa descreve episódios marcantes de sua trajetória no período ressaltado, e apesar de o título da obra sugerir inicialmente um encadeamento de relatos, sua escrita vai além de tudo isso. Segundo Palmeira,

A obra de Carolina Maria de Jesus não se limitava a relativizar as ideias dominantes, mas as coloca em xeque, oferecendo uma leitura que desestabiliza a estrutura vigente. Em seus textos não há protesto político propriamente dito, senão o protesto contra o comodismo, a violência e a falta de educação, principalmente nos espaços de opressão pelos quais a autora passou. De modo que se pode afirmar sim, que sua escrita tanto é política quanto é de crítica social à classe dos predominadores que nada fazem para transformar as péssimas condições de vida dos desfavorecidos. (PALMEIRA, 2010, p. 319).

As exposições transmitem a veracidade necessária para que os leitores mergulhem na história de Bitita, visualizando mais do que os fatos contados pela autora. As arbitrariedades cometidas contra ela, como mulher negra, ou contra outras pessoas também negras, os

problemas sociais da época, estão ali registrados nas linhas ou entrelinhas do texto. Entretanto, mesmo em face de tantas agruras, em nenhum momento se vê uma Bitita prostrada. É intencionalmente essa era a imagem que ela queria passar, não apenas da personagem criada, mas também sua, e isso de fato correspondia à realidade. Bitita se destacava por onde passava. Enfrentava o obstáculo que fosse necessário, com muita coragem, ousadia e determinação. Demonstrou isso em vários episódios do livro.

Sendo assim, muito antes de surgir o termo empoderamento, Carolina Maria de Jesus já era uma mulher empoderada, que dava voz aos seus anseios, às suas angústias, dores e lutas. Através dos registros em cadernos, os quais muitas vezes eram encontrados no desenvolvimento de sua atividade cotidiana como catadora de papel, ela se autoafirmou como negra e lutou contra a opressão e o racismo de uma sociedade que, em sua maioria, via o negro estereotipado em forma de animal. Esses escritos posteriormente se transformaram em livros, poemas e canções, através dos quais Carolina escrevia para combater, para sobreviver, e se mostrar digna de ser respeitada, notada e ouvida por todos.

As histórias contadas pela escritora se assemelham às vivenciadas por muitos indivíduos do passado e da atualidade. Assim como ela, muitos negros, meninos ou meninas, que ocupam o cenário das instituições públicas de ensino, enfrentam duras rotinas para se manterem na escola, no mercado de trabalho, no âmbito social como um todo, buscando melhores condições de vida, lutando por mais dignidade, igualdade e respeito. Por diversas vezes, tais enfrentamentos os fazem abdicar de sonhos e planos devido à necessidade de sobrevivência, já que a desigualdade social, as famílias desestruturadas, a ineficácia de políticas públicas que assistam à população pobre e negra os impulsionam a isso.

Diante disso, a inserção de obras da autora nas leituras escolares de Educação Básica, sobretudo do *Diário de Bitita*, torna-se necessária para a formação escolar e cidadã de jovens cada vez mais politizados e conscientes do seu papel na sociedade. A narrativa explicita a afirmação identitária da autora, suas concepções como mulher, sua consciência política, racial e de classe, e isso pode instigar os discentes uma reflexão muito pertinente acerca de suas próprias trajetórias, do caminho percorrido pelo sujeitos negros em todo o processo de construção do país, da condição de ser negro na atualidade, conscientizando-os sobre a necessidade de continuar lutando por uma sociedade em que os indivíduos sejam respeitados independente de etnia, gênero, classe social, ideologias, dentre outros, e fortalecendo suas identidades étnicas sem que sejam discriminados por isso.

3.1 O GÊNERO TEXTUAL DIÁRIO E A ESCRITA DE SI

A necessidade de comunicação é inerente ao ser humano. Desde as primeiras civilizações, nossos ancestrais já procuravam meios de externar seus pensamentos e sentimentos através da escrita rudimentar. Com o avançar dos séculos, e, conseqüentemente, o desenvolvimento e aprimoramento da escrita, sobretudo a partir da criação da escrita cuneiforme, pelos sumérios, a atividade comunicativa entre os indivíduos tornou-se mais efetiva e proporcionou aos povos da época uma grande evolução em sua capacidade de expressão e registro de convicções.

Para discorrer sobre a escrita de si, Foucault (1992) faz referência aos ascéticos, ressaltando que esses indivíduos utilizavam a escrita de si como uma forma de disciplina, para externarem os seus pensamentos no papel e, assim, evitarem os erros. Segundo Foucault (1992, p.129), a escrita de si “[...] atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro”. Dessa forma, projeta-se na escrita um interlocutor, para quem são contados os pensamentos mais secretos, os desejos mais íntimos, confissões.

As inquietações presentes no cotidiano dos indivíduos e a necessidade de catalogar ideias e experiências vividas, fez com que algumas pessoas adotassem a prática de registrar em cadernos as situações vivenciadas ao longo de sua existência. E esse hábito tão antigo e ao mesmo tempo atual, pode ter contribuído significativamente com o surgimento do gênero textual diário, sobretudo o diário íntimo, no qual o autor escreve sobre situações e sentimentos pessoais.

Apesar disso, é importante ressaltar que os primeiros diários de que se tem notícias não eram textos privados, eram de caráter público e predominantemente usados por pessoas do sexo masculino. Seu uso já era comum antes mesmo do cristianismo e se modificou ao longo do tempo. O formato de registro em diários passou a ter característica íntima e confessional entre o final do século XVIII e início do século XIX, quando transitou da natureza pública para a privada, e também começou a ser adotado rotineiramente pelas moças da época, com o intuito de registrar as suas vivências, assumindo, dessa forma, um tom confessional e subjetivo. Esses diários eram utilizados, segundo Perrot (1989), como uma forma de exercerem controle sobre si e esses textos, eram, muitas vezes, destruídos posteriormente.

O hábito de escrever diários é cultivado até a contemporaneidade, e tais produções exercem a função de suporte de memórias autobiográficas, compilação de impressões ou confissões daquele que escreve. Com o advento da internet, surgiram os blogues, conhecidos

como diários virtuais, e novamente esse tipo de escrita assume propriedade pública, devido à extensa possibilidade de acesso e leitura pela coletividade em geral.

Entretanto, mesmo com o avanço no que concerne aos formatos e utilidades do diário, muitas pessoas ainda cultivam o hábito de manter um diário escrito em cadernos ou agendas. As intenções com que se realiza esse tipo de escrita podem ser várias, desde a confissão, autorreflexão, documentação, autopunição, entre outras, predominando nesse contexto a abordagem de memórias particulares dos autores, escrevendo sobre temáticas escolhidas por eles.

As narrativas do próprio eu, ou seja, realizadas em primeira pessoa, nas quais o narrador se constitui sujeito e objeto da escrita, também consistem numa forma de o autor ressignificar a própria existência, fortalecendo a sua identidade e reafirmando ou desconstruindo uma imagem instituída socialmente. Tais narrativas sempre estiveram presentes na literatura, principalmente no âmbito das produções femininas, como uma forma de se reinventar, pois durante muito tempo a escrita feminina foi silenciada. Até o século XIX, cabia aos homens o registro dos acontecimentos e da história.

No contexto brasileiro, os registros autobiográficos passaram a ser reconhecidos há pouco tempo, recebendo notoriedade a partir de 1991, mas, segundo Lacerda (2003), começaram a ter evidência a partir de 1960, quando o mercado editorial iniciou as publicações de textos de grupos considerados minoritários, como mulheres, negros, homossexuais, camponeses e demais. Até então, essas produções eram vistas como textos de valor menos importante, por desenvolver-se prioritariamente através da classe feminina, considerada minoria no âmbito das relações sociais.

Apesar disso, tais publicações consubstanciaram a literatura nacional, sobretudo de gênero feminino, e esta tem se consolidado ao longo do tempo. A ampliação dos direitos da mulher, conquistados através de muitas lutas, contribuiu significativamente para a visibilidade da escrita feminina autobiográfica, destacando-se nessa perspectiva autoras, como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Lygia Fagundes Telles e outras.

No cenário da literatura afro-brasileira, o panorama cultural que se desenvolveu a partir da década de 60, favoreceu a possibilidade de abordagens de questões sociais, bem como a ampliação dos instrumentos culturais como o rádio, tevê ou cinema e, conseqüentemente, abriu espaço para uma escrita periférica, como a de Carolina Maria de Jesus. Dentre as produções da autora, as que mais se destacam são de caráter autobiográfico, como *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), *Casa de Alvenaria* (1961) e *Diário de Bitita* (1982/1986). Esse publicado postumamente.

É importante ressaltar, que segundo Lejeune (2008, p. 14), a autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Em *Diário de Bitita*, por exemplo, esse foco na história individual e na sua personalidade, por parte da autora, se faz de forma bastante enfática. As memórias registradas revelam muitos traços do caráter, modo de ser, de viver e de conceber o mundo, as coisas e as pessoas.

Mais do que uma busca por registrar memórias e tornar-se autora conhecida, a escrita de Carolina em *Diário de Bitita* constitui-se como um convite à reflexão e mudança de olhar sobre a trajetória do povo negro no Brasil. Seus registros são carregados de posicionamentos sociais, políticos e ideológicos frente aos problemas sociais inerentes àquele período. Além disso, ela tece uma crítica veemente às relações étnico-raciais e ao racismo acentuado na sociedade. Talvez o livro seja inclusive uma forma de se reafirmar como escritora e de consolidar e marcar a sua produção, uma vez que a mesma já não se encontrava no auge da fama.

3.2 FORTALECENDO IDENTIDADES A PARTIR DA CONTESTAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS SOBRE A POPULAÇÃO NEGRA

O termo “identidade” tem sido o foco de muitos estudos realizados a partir do século XX e apresenta desdobramentos e ampliações como o de identidade cultural, identidade sexual, identidade racial, entre outras. Segundo Bauman (2005), antes desse período, as especulações em torno desse conceito se restringiam aos estudos filosóficos.

No âmbito desta proposta, o conceito de identidade estará unido às definições de raça e etnia, buscando consolidar o direito adquirido pelos educandos a partir da aprovação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, já que, ao longo do meu percurso enquanto docente de Língua Portuguesa, tenho observado que muitos de nossos alunos apresentam uma visão de mundo carregada de práticas preconceituosas, que diferenciam a forma de se verem e de serem vistos pelos demais, justamente devido à ausência de abordagem e discussão desses temas na escola.

A propagação de estereótipos sobre a população negra no Brasil, desde o período concernente ao regime escravocrata, sempre foi uma constante em nossa sociedade e esse é um problema social relevante, que perdura em nossos dias e precisa ser combatido. Segundo Souza,

Os discursos sobre os não-europeus, construídos e atualizados durante todo o período de expansão e colonização europeia, até hoje fornecem as bases para

a caracterização das diferenças étnicas e para que o racismo constitua, ainda, uma base persistente nas relações sociais. A eficácia desses discursos reside no fato de que, pela repetição e incontestabilidade, eles acabam por ser introjetados por todos. (SOUZA, 2006, p.53).

Não é por acaso, que, ainda na atualidade, muitas pessoas sejam discriminadas ou até mortas devido ao fato de serem negras. A associação de indivíduos negros à criminalidade ou a situações vexatórias e pejorativas não é algo incomum no imaginário popular da sociedade brasileira, embora mais da metade da população seja constituída por pretos e pardos. Essas imagens, falsamente propagadas para sustentar a dominação europeia sobre os diversos povos, somadas à teoria racista do século XVIII, geraram não apenas o racismo, mas trouxeram consigo toda uma gama de consequências lesivas que infelizmente ainda perduram sobre os negros e afrodescendentes no presente.

A impropriedade concepção da superioridade de brancos sobre negros, que ocorre também devido à estereotipização da população negra, na maioria das vezes impede a ascensão desses indivíduos em sua vida pessoal, social, estudantil e no mercado de trabalho, fazendo com que o negro não reconheça a sua ancestralidade, seus traços físicos e características em geral como algo positivo, consequentemente negando a sua identidade negra. Esse processo de negação é ressaltado por Fanon quando esclarece que:

Todo povo colonizado - isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem na nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu mato, mais branco será. (FANON, 2008, p. 34).

Muitas vezes, a população negra se encontra alienada à sua própria existência, induzida a assumir uma posição de passividade, na qual reforça dentro de si e em suas ações, a ideia de inferioridade no que concerne aos brancos, estimulando o racismo, acreditando que quanto mais negar as suas crenças, religiosidade, costumes, para se aproximar do padrão branco, mais bem aceita será. E isso geralmente não acontece. Devido à conjuntura social que os envolve, muitos negros optam pelo embranquecimento, pela invisibilização, numa tentativa de se defender do racismo e das arbitrariedades sofridos. Entretanto, é necessário que percebam o quanto valiosa é a sua negritude, e que ser negro não os torna inferiores aos demais sujeitos, e essa imagem, que está imbricada na visão que eles têm de si mesmos, nas suas identidades, precisa ser desconstruída.

Conforme Erikson (1972), a construção de uma identidade implica em definir quem a pessoa é, quais são os seus valores e que direções deseja seguir pela vida. Nesse âmbito, reconhecer a nossa ancestralidade e buscar as raízes a partir das quais fomos formados, partindo do pressuposto de que esse fator tem influência direta sobre nossas preferências, os nossos costumes, a forma de nos vestirmos, constitui uma atividade de grande relevância para a nossa formação enquanto cidadãos.

Nesse âmbito, Souza (2006, p. 54) ressalta que “o modo como o indivíduo vê e acredita ser visto e o fato de os grupos se reconhecerem, ou não, nas imagens identitárias que lhes são atribuídas serão decisivos para delinear a configuração das suas reivindicações e os papéis sociais que irão requerer para si.” Por isso é de fundamental importância suscitar debates sobre as identidades assumidas pelos cidadãos, induzindo-os a olharem para si e questionarem a suas posturas frente a si mesmos, à vida e à sociedade.

Em virtude disso, é imprescindível levar em consideração estudos relacionados à formação do povo brasileiro, a partir da miscigenação entre diferentes etnias, das quais são provenientes a pluralidade de pensamentos, valores, religiões e manifestações aqui existentes. Nesse contexto, a literatura pode favorecer, não apenas a abordagem desses temas, mas também a ressignificação do que entendemos sobre eles.

De acordo com Candido (1995, p. 175), “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Diante disso, considero que seja indispensável enfatizar o trabalho com o texto literário na Educação Básica, sobretudo com a literatura afro-brasileira, pois através dessa iniciativa será possível retomar características importantes da etnia negra, bem como proporcionar aos discentes envolvidos nessa intervenção pedagógica, um novo olhar para os fatos históricos e cotidianos relacionados à vida da população negra no Brasil. Nesse sentido, cabe ressaltar a ponderação de Silva acerca do texto literário afro-brasileiro:

O texto literário afro-brasileiro, em seus múltiplos desdobramentos, tem um papel ímpar no sentido de provocar o leitor, não só a identificar-se em meio a essas contradições, mas convoca esse mesmo leitor à consciência da sua condição de existência, neste caso, étnico-racial. (SILVA, 2016, p. 3).

Outro fator importante a ser destacado é que a literatura afro-brasileira possui uma identidade diferenciada, revela aspectos próprios e um caráter social bastante acentuado, características que culminam na descontinuidade do silenciamento das vozes dos autores e autoras negros. Com isso, pode oferecer aos discentes, através das leituras, de textos e de mundo, experiências significativas que se aproximem de suas vivências cotidianas, além de

efetivar a escola como um espaço democrático e imprimir um novo sentido e motivação para a permanência deles nesse local, já que o fator identificação com o ambiente e conteúdos estudados é decisivo na permanência do aluno na instituição.

Sendo assim, as atividades desenvolvidas a partir dessa proposta de intervenção primaram por garantir aos discentes a possibilidade de ouvir as vozes silenciadas pela sociedade brasileira, influenciada por uma concepção eurocêntrica de mundo que lhe foi introjetada cotidianamente desde a colonização. A intenção é a de conduzir os discentes a identificar-se com elas e propagarem também as suas vozes, que talvez venham sendo emudecidas pelo racismo e segregação social ou racial, promovendo o enriquecimento de suas experiências pessoais através da interação com o outro, buscando efetivar o respeito e a alteridade, dentro e fora dos ambientes escolares.

Dar visibilidade às produções literárias de autores e autoras afro-brasileiros e discutir esses textos é também uma forma de reconhecer a diversidade inerente à vida em sociedade. Pressupõe-se que essas ações podem permitir a desconstrução de conceitos equivocados e estereótipos sobre a população negra, bem como o questionamento à ideia sobre a existência de uma democracia racial no Brasil, e que a partir da leitura dos registros contidos na obra de Carolina Maria de Jesus, *Diário de Bitita*, será possível estabelecer um diálogo sobre conceitos como negro, negritude, etnia, racismo e discriminação racial, ainda ignorados em alguns contextos escolares.

Além disso, é importante salientar a necessidade de efetivação da Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com vistas a consolidar a identidade cultural da população negra nas instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas. Acerca dessa temática, Silva afirma que:

A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, do direito de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de políticas públicas que contemplem efetivamente a todos. (SILVA, 2011, p. 12-13).

A ocultação de fatos históricos e culturais referentes a esses indivíduos e à sua contribuição para a formação da nação brasileira ainda é muito grande no contexto educacional. Isso reflete uma postura discriminatória e abre precedentes para que estudos tão necessários sobre a pluralidade cultural em nosso país, a miscigenação, as heranças africanas e indígenas em seus diversos âmbitos, inclusive o linguístico, deixem de ser realizados. Muitas vezes, nós, educadores, enquanto formadores de opinião, contribuímos pouco para que mudanças ocorram, nesse sentido. Por vezes, nos esquivamos de propor situações que auxiliem o discente a lidar com ocorrências de racismo e discriminação sofridos diariamente.

Através de uma ocorrência recente, com alunas de uma turma para a qual eu leciono, a qual se deu em um local público e muito frequentado na cidade, pude constatar a necessidade de instruir os discentes sobre isso. Na ocasião, tínhamos desenvolvido uma proposta pedagógica fora do ambiente escolar, levando os discentes do Ensino Médio de nossa escola ao cinema, que fica situado dentro do shopping da cidade. Eu e mais duas docentes, juntamente com quatro turmas de nossa escola, fomos ao referido local para assistirmos ao filme **Pantera Negra**, produzido pela Marvel Studios, em horário pré-agendado, e paralelo ao funcionamento das atividades comerciais do local.

O filme tem protagonistas negros e para muitos discentes desse grupo foi a primeira vez que tiveram contato com uma produção artística dessa natureza, na qual a representatividade negra é tão positiva. A abordagem de temas, como a resistência negra e a importância da valorização das tradições ancestrais, a performance autêntica da figura da mulher negra como forte, corajosa e resistente, fizeram dessa ocasião um episódio significativo para um trabalho de desconstrução de mentalidades sobre a população negra. Ao final dessa etapa, alguns comentaram sobre a obra exibida e demonstraram muita satisfação com o que viram.

No entanto, após o término da exibição, eles foram dispensados para retornar às suas residências e duas discentes negras, que resolveram ir ao sanitário, se depararam com uma senhora socialmente considerada branca, bem vestida, que manifestou comportamento racista em relação a elas. Ficaram tão desconcertadas que não esboçaram reação. Foram embora, mas no dia seguinte relataram o ocorrido a uma das professoras que estavam presentes no dia da atividade.

Ao tomar conhecimento do fato, abordei o assunto em sala e elas narraram o acontecimento. Abrimos uma discussão sobre o ocorrido e constatamos, pelas circunstâncias da situação, que foi claro racismo, discriminação. E com base na atitude delas, foi possível inferir que, apesar de terem a iniciativa de comunicar o ocorrido a nós, professoras, diante da senhora que as insultou, elas não esboçaram reação, certamente devido à paralisia que o

racismo, ou as atitudes racistas tentam impor sobre as pessoas. Refletindo sobre tal situação, isso nos direciona a uma observação proposta por Fanon:

O negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais. (FANON, 2008, p. 95-96).

Essa citação faz parte dos estudos de Frantz Fanon em sua atuação como psicanalista, registrada no livro *Peles Negras, Máscaras Brancas* e nos leva a pensar sobre a necessidade de “descolonizar” a visão de mundo dos discentes no que concerne às suas identidades étnico-raciais, pois os mesmos, devido ao próprio meio social em que se encontram, são induzidos ao embranquecimento e à negação da sua identidade negra, no caso de indivíduos negros. E os não-negros, muitas vezes, são induzidos à discriminação e à prática do racismo.

Situações, como a descrita acima, se repetem no cotidiano deles, na escola ou no trabalho, já que a disseminação de estereótipos sobre os afrodescendentes e de uma visão deturpada desses indivíduos está enraizada em nossa sociedade e consolidada em diversos aspectos, inclusive nos livros didáticos, nos quais a representação do bom, do belo e ideal é sempre em pele branca. Isso gera um conflito identitário no qual o próprio aluno negro deixa de assumir a sua negritude, na tentativa de evitar o “constrangimento”, o isolamento e a discriminação por parte dos colegas que se autodeclararam brancos, e propagam muitas vezes uma falsa ideia de superioridade, seguida de atitudes racistas.

Na mesma turma onde essas alunas estudam, uma discente negra tem sido alvo de críticas e brincadeiras inadequadas que a tem colocado em situação de isolamento em relação ao grupo. Observando a situação, percebi a complexidade, sobretudo porque grande parte desse público é composto por negros, os quais, muitas vezes não se reconhecem como tais, porque são frutos de uma sociedade racista, e assim não identificam benefícios em se assumir como negros, apesar de se propagar no país a falsa ideia de uma democracia racial, onde todos convivem muito bem com as diferenças, concepção reforçada inclusive pela escola.

Somado a isso, outra evidência da necessidade de inserção da temática na sala de aula foi constatada. Durante uma aula com a turma, discutíamos textos sobre o aumento de casos de suicídios entre jovens, para os discentes, posteriormente, realizarem uma produção textual, quando ouvi de um discente negro um questionamento em tom de desabafo: “Professora, por

que a escola não fala sobre o que acontece com pessoas da minha cor? Porque muitas coisas acontecem, e a escola não toca nesse assunto”.

Fiquei surpresa com a pergunta, mas percebi quão grande era a necessidade de proporcionar a esses discentes o estudo e o debate sobre racismo, assunto que muitas vezes é pouco discutido no contexto da sala de aula. Respondi-lhe então que teríamos momentos específicos de reflexão e discussões sobre isso, porque constitui tema de grande relevância na consolidação da nossa identidade individual e coletiva e na nossa formação cultural, histórica e social enquanto cidadãos.

Diante das lacunas observadas no contexto escolar acerca dessa temática, das informações veiculadas pela mídia cotidianamente sobre as arbitrariedades cometidas contra pessoas negras, das leituras de teóricos que abordam as relações raciais no Brasil, das situações expostas acima, e do próprio público-alvo da escola pública brasileira, julgo amplamente necessário propiciar aos discentes momentos específicos, planejados e desenvolvidos de forma significativa, nos quais as discussões sobre os aspectos relacionados às práticas preconceituosas disseminadas em nosso cotidiano, sejam efetivas no intuito de desconstruir mentalidades pejorativas acerca da população negra e mestiça, as quais os direcionem a sofrer ou praticar ações racistas.

A inserção dos textos literários afro-brasileiros no ambiente educacional pode contribuir significativamente para uma formação integral desses discentes, consolidando as suas identidades étnico-raciais. Isso é ratificado por Souza ao declarar que:

Os textos dos escritores negros, poéticos ou não, propõem-se a operar com um conceito de produção textual que negue qualquer necessidade de embranquecimento ou recalque de suas tradições culturais, como foi pregado em certos momentos na história do Brasil. (SOUZA, 2004, p. 292).

Acredito que as leituras dos relatos presentes na obra norteadora dessa proposta de intervenção, as rodas de conversa, exibição de depoimentos e filmes, bem como o estabelecimento de relações com textos complementares e as produções de relatos orais e escritos por esses discentes, poderão favorecer não apenas a consolidação da Lei 10.639/2003, como também estimulá-los à reflexão sobre os temas mencionados e à reestruturação da concepção de mundo e de si mesmos.

3.3 O CONTEXTO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Figura 1
Portão de entrada da escola



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2018)

Figura 2
Pátio da escola



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2018)

Figura 3
Auditório da escola



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2018)

Figura 4
Pátio da escola



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2018)

A intervenção descrita nessa proposta foi idealizada tendo como público-alvo os discentes de uma turma do Programa Tempo de Aprender I, referente à Educação de Jovens e Adultos e equivalente ao segundo segmento do Ensino Fundamental II. No entanto, devido à incompatibilidade entre a carga horária de aulas da turma e a carga horária de aplicação das atividades (documento comprobatório *cf* ANEXO 6), o trabalho foi redirecionado para uma turma de 4º Ano do Curso Técnico em Comércio, que equivale ao terceiro ano do Ensino Médio.

O grupo é formado por dezesseis discentes, com idades entre 17 e 23 anos, os quais estudam no turno matutino, no Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes, situado no Bairro Andaiá, na cidade de Santo Antônio de Jesus, Bahia. Uma escola tradicional na cidade, que completou 50 anos de existência em 2019. A instituição possui, em três turnos de funcionamento, 2.560 alunos, e oferece diferentes modalidades de ensino, como a Educação de

Jovens e Adultos, Cursos Técnicos Profissionalizantes em Comércio, Finanças, Contabilidade Secretariado, e Informática, Ensino Médio Regular, Tempo de Aprender I e Tempo de Aprender II e Cursos Subsequentes, além do Exame Supletivo – Comissão Permanente de Avaliação (CPA).

A escola atende a uma grande parcela da comunidade, em especial alunos oriundos da Zona Rural, que estudam prioritariamente no turno matutino. Recentemente foi intitulada como representante do Projeto Escolas Culturais, do Governo do Estado da Bahia, na cidade de Santo Antônio de Jesus. Tem espaço amplo, possui auditório, laboratório de informática, laboratórios de Ciências, duas quadras poliesportivas, biblioteca e 29 salas de aula, além de refeitório e sanitários para professores e alunos.

3.4 ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS EM AÇÃO

Essa proposta de trabalho tem como finalidade inserir a literatura afro-brasileira no cotidiano escolar, a partir da leitura do livro *Diário de Bitita*, de autoria de Carolina Maria de Jesus, publicado na França em 1982 e posteriormente traduzido para o português, sendo publicado no Brasil em 1986. Além dessa leitura, serão utilizados textos literários complementares, bem como a exibição de vídeos, execução de exercícios, produção de relatos, contação de histórias e discussões através dos quais serão abordados temas como segregação social e racial, racismo, injustiças sociais sofridas no passado e no presente pela população negra e a necessidade de fortalecimento e valorização de uma identidade negra.

Vale ressaltar que, também serão propostas atividades e leituras extraclasse, as quais mobilizarão diferentes tipos de conhecimentos, como o empírico, científico, religioso e o senso comum. Em consequência das variadas formas de linguagens apresentadas, será possível ampliar a capacidade leitora do aluno, bem como a sua capacidade de interpretar textos e de compreender o mundo que o cerca e se perceber como sujeito capaz de modificar a realidade através do conhecimento e da atitude frente a todo o seu universo.

As atividades serão desenvolvidas a partir de sequências didáticas executadas em doze encontros, nos quais serão realizadas as leituras dos registros do *Diário de Bitita* e de outros textos literários, com o intuito de aprimorar as habilidades de leitura dos discentes, produções textuais, e essas leituras também serão base para a discussão, compreensão e consolidação de conceitos que estão incorporados à nossa vida em sociedade, mas a respeito dos quais a escola muitas vezes se revela omissa.

Essa pesquisa-ação também objetiva refletir sobre a diversidade cultural no país, a formação da nossa sociedade, etnia, valores e racismo, levando em consideração o direito à diferença e à individualidade de cada um, buscando efetivar as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais referentes ao ensino de Língua portuguesa e possibilitar a execução do que prevê a Lei 10.639/2003, numa tentativa de resgatar a história e memória da população negra, a fim de que seja reconhecida a importância desse grupo étnico na constituição e desenvolvimento da sociedade brasileira, e que a partir desses estudos sejam extintos estereótipos e concepções racistas presentes tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Dessa forma, pensar em atividades que possibilitem a desconstrução dessas ideias, vai além de um trabalho com literatura, leitura ou produção de textos, é uma ação social desenvolvida com a consciência de que precisamos recuperar, compreender e valorizar as nossas origens, bem como exercer o nosso papel como cidadãos de forma crítica e consciente dos nossos direitos.

3.4.1 Sequências Didáticas

As etapas descritas a seguir são propostas com base na leitura do *Diário de Bitita*, explorando diferentes linguagens no desenvolvimento das ações didáticas, com o intuito de diversificar as formas de abordagem da leitura da obra, a qual será realizada em classe e extraclasse. Além das habilidades de leitura, procuro desenvolver as discussões planejadas, de forma a garantir a promoção de experiências e debates pertinentes para o aprimoramento da consciência crítica, política e cidadã dos discentes, e que essas ações contribuam de forma significativa para o fortalecimento de suas identidades étnico-raciais e também para o entendimento e reconhecimento da literatura brasileira como um caminho necessário e possível a ser trilhado no ambiente escolar.

Etapas I: O que o meu perfil revela sobre mim?

Tempo estimado: 3 horas/aula (150 minutos).

Conteúdo: Literatura Afro-Brasileira; Preconceito; Racismo.

Objetivo: Reconhecer o perfil literário e social dos discentes;

Materiais necessários: Cópias dos questionários investigativos, datashow, notebook, caixa de presentes, diários de bordo, banner.

Essa etapa deve ser desenvolvida na sala de aula em que os alunos estudam, estando com as carteiras organizadas em semicírculo, mural de curiosidades afro-brasileiras, banner

com o título do projeto e ilustrações referentes à temática africana afixadas nas paredes. Inicialmente, acolher os discentes e convidá-los a ocuparem os seus lugares. Explicar-lhes que eles receberão um questionário, o qual deve ser respondido com muita atenção e clareza, pois o mesmo constitui uma atividade prévia referente ao projeto, funcionando como um instrumento de avaliação e conhecimento de suas realidades, e que servirá como base de dados para uma pesquisa científica.

Após a resolução do questionário, convidar os discentes a refazermos a leitura do texto de Bianca Santana “Quando me descobri negra”, abordado na introdução do instrumento de pesquisa, com o intuito de suscitar uma discussão sobre os possíveis motivos pelos quais algumas pessoas, mesmo sendo negras, não se aceitam ou não se percebem como tal. Os discentes poderão expor as suas convicções sobre o assunto, debatendo com os colegas, ainda que não concordem com todas as ideias, e esse momento será finalizado arrematando a conclusão de que todos têm visões de mundo e convicções diferentes, que é preciso respeitar as diferenças em seus mais variados âmbitos.

Em seguida, realizar a dinâmica “Rodada das entrevistas”,¹¹ através da qual eles terão a oportunidade de expor algumas de suas características pessoais. Os objetivos da dinâmica serão estimular a interação entre o grupo e promover um conhecimento mais amplo das realidades de cada participante, ampliando as informações já contidas no questionário respondido anteriormente, a fim de permitir à docente entender um pouco mais das necessidades da turma, seus anseios e inquietações.

Finalizada a dinâmica, dispor sobre a mesa duas caixas grandes em formato de embalagem para presente. Realizar o sorteio simbólico de uma discente e um discente para que recebam essas caixas, e, logo após, distribuam os diários de bordo acomodados dentro delas, para os demais. Orientar os discentes a registrar o que acharam do momento vivenciado e como se sentiram nesse primeiro encontro, ressaltando que a próxima aula será retomada com a socialização desses registros.

Etapa II: Rótulos foram feitos para produtos, não para pessoas.

Tempo estimado: 3 horas/aula (150 minutos).

Conteúdo: Literatura Afro-Brasileira; Preconceito; Racismo.

Objetivo: Identificar traços de discriminação e racismo em práticas sociais diárias.

¹¹ Disponível em: <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/rh-gestao-pessoas/dinamicas-de-apresentacao-divertidas-e-quebra-gelo/>>.

Materiais necessários: Papel metro, fichas coloridas, cópias do texto, cartazes e fichas para a dinâmica.

O espaço reservado para esse encontro, é a biblioteca da escola, cujo ambiente deve estar com cartazes contendo imagens de Carolina Maria de Jesus, de suas obras, e frases de sua autoria. Iniciar esse momento com a socialização de alguns registros do diário de bordo e em seguida a aplicação de uma dinâmica, chamada “dinâmica dos rótulos”¹², com o intuito de estabelecer um diálogo inicial com a turma sobre diversidade e preconceito, esclarecendo-lhe que quando rotulamos as pessoas, muitas vezes nos afastamos delas e deixamos de conhecer a sua essência, além de agirmos em algumas situações, de forma discriminatória.

Em seguida, convidar os discentes a olhar as imagens e frases afixadas nas paredes e dizer quem eles acham que é a mulher das imagens, qual profissão ela deve ter, a qual classe social pertence, o grau de instrução, enfim, o que as imagens conseguem transmitir? A partir das respostas, mediar uma discussão com os seguintes questionamentos: Por que vocês tiveram essa impressão sobre ela? Rotulamos ou não? Por que pensamos dessa forma?

Concluir a discussão com a leitura do texto “O perigo de rotular as pessoas, de autoria de Márcia Moraes¹³ e entregar-lhes fichas coloridas onde deverão completar a frase: ROTULAR É... A frase estará escrita em um cartaz com uma imagem central de pessoas com rótulos na testa e os papéis coloridos serão afixados a esse cartaz. Para mediar um debate, lerei algumas frases, solicitando que opinem. Após a exposição das opiniões e conclusão das discussões, encerrar o encontro.

Etapa III: Despertando expectativas e olhares sobre Carolina Maria de Jesus.

Tempo estimado: 3 horas/aula (150 minutos).

Conteúdo: Literatura Afro-Brasileira; Vida e obras de Carolina Maria de Jesus; *Diário de Bitita*.

Objetivo: Despertar a curiosidade sobre a obra e o desejo pela leitura.

Materiais necessários: Datashow, notebook, livro *Diário de Bitita*, vídeo, pincel, tinta, telas para ilustração.

Retomando a conversa sobre as imagens da aula anterior, proceder com a apresentação da autora, da proposta de trabalho e também da obra de Carolina Maria de Jesus, *Diário de Bitita*. Iniciar as atividades projetando slides, através do uso do datashow, para apresentar resumidamente essas informações. Em seguida, exibir dois vídeos sobre a vida e as obras de

¹² Disponível em: <<http://atelierveducadores.blogspot.com/2011/02/dinamica-dos-rotulos.html>>.

¹³ Disponível em: <<https://psicoter.com.br/o-perigo-dos-rotulos/>>.

Carolina Maria de Jesus^{14, 15} disponíveis no site *Youtube*, com o propósito de esclarecer as informações sobre a autora, e diminuir a resistência que alguns discentes apresentam diante do convite à leitura de um livro, buscando despertar o interesse pela história narrada, já que o hábito da leitura é pouco incentivado pela escola.

Na sequência, discutir sobre os vídeos, ressaltando aspectos como a origem humilde de Carolina Maria de Jesus, a sua visão de mundo, a resistência em meio às dificuldades e a consciência de liberdade e independência que revela em seus textos, bem como as informações que chamaram a atenção dos discentes. Logo após, realizar uma avaliação das atividades propostas, a partir da dinâmica “Expectativas em alta”¹⁶, adaptada para a situação.

A atividade consiste em entregar a cada um dos participantes uma tela, para que registrem as suas expectativas em relação ao projeto, em forma de uma ilustração. Para o desenvolvimento da atividade, disponibilizar pincel e tintas apropriadas. Essas imagens serão socializadas entre a turma, com o intuito de perceber, nos discursos expostos, a ideia que fazem da leitura, o que pensam sobre ações como essa intervenção, e, principalmente a aceitação da temática, bem como o interesse por conhecer sobre a obra e sobre a autora.

Para finalizar esse encontro, entregar a cada discente um exemplar do *Diário de Bitita*, esclarecendo que ele será o livro abordado durante o período de aplicação do projeto, porém sem especificar instruções de leitura, com o intuito de perceber, através de perguntas que serão realizadas na próxima etapa, como eles reagirão em relação à obra, se começarão a leitura, se demonstrarão interesse ou não.

Etapa IV: Conhecendo o gênero textual Diário.

Tempo estimado: 2 horas/aula (100 minutos).

Conteúdo: Literatura Afro-Brasileira; Gênero textual Diário; *Diário de Bitita*.

Objetivo: Entender e identificar características do gênero diário na obra em estudo; Produzir um texto pautado em memórias da infância.

Materiais necessários: *Datashow*, *notebook*, livro *Diário de Bitita*, slides.

Com a turma disposta em semicírculo, iniciar a aula desse período partindo da socialização das ilustrações feitas na aula anterior. Após isso, falaremos sobre o livro. Indagar

¹⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=E5V8SvEN2II>>.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EDYxWzhlFfw>>.

¹⁶ Disponível em: <<http://joasilva-educarpraserfeliz.blogspot.com/2012/07/103-dinamicas-para-jovens-e-adultos.html>>.

aos discentes se algum deles já começou a ler o livro, se gostaram de tê-lo ganhado, enfim: fazer uma breve sondagem sobre os primeiros contatos com a leitura do *Diário de Bitita*.

Na sequência, realizar a introdução do tema “Diário” lançando os seguintes questionamentos aos discentes: Vocês costumam registrar o que acontece no dia a dia? De que forma? A partir de suas respostas, iniciar uma exposição dialogada, com uso de slides sobre o gênero textual diário, e sua importância tanto para registros pessoais quanto históricos.

Em seguida, os convidarei para observarmos a estrutura do *Diário de Bitita*, compararmos com a estrutura comum aos diários, estabelecendo semelhanças e diferenças, uma vez que no *Diário de Bitita* as memórias da autora são agrupadas por temas, e não apresentam datas especificadas ou vocativos, características comuns a um diário tradicional. Posteriormente, solicitar aos discentes que acompanhem a leitura da apresentação do livro.

Dando continuidade às ações, convidar a turma para uma roda de leitura, na qual leremos o primeiro capítulo, intitulado “Infância. Para finalizar, distribuir aos discentes uma atividade escrita solicitando que revisitem suas memórias da infância e, a partir de um episódio que considerem significativo, registrem, individualmente, essas memórias em uma proposta de produção textual que lhes será entregue. Essa atividade será realizada em casa, já que não haverá tempo suficiente para a conclusão durante a aula.

Etapa V: Existe democracia racial no Brasil?

Tempo estimado: 3 horas/aula (150 minutos).

Conteúdo: Literatura Afro-Brasileira; Gênero textual Diário; *Diário de Bitita*; Segregação social e racial; Racismo.

Objetivos: Identificar ocorrências de racismo e segregação social com base nos textos lidos; Comparar dois textos de diferentes épocas, século XX e século XXI, abordando o mesmo tema.

Materiais necessários: Livro *Diário de Bitita*, cópias das atividades, vídeo, *datashow*.

Após cumprimentar os discentes, convidá-los para ir ao Laboratório Júnior da escola, onde as atividades devem ser iniciadas com a socialização das memórias produzidas em casa. Após esse momento, retomar a leitura a partir do capítulo “A festa”, pertencente à obra em estudo, e do relato “E que lugar seria?”, presente no livro *Quando me descobri negra*, de Bianca Santana. A partir da leitura, refletir sobre temas como segregação racial e social, e democracia racial no Brasil, com base no comportamento das personagens dessas obras, a fim de conscientizar os discentes de que o racismo e a segregação racial e social são problemas antigos da nossa sociedade e que ainda na contemporaneidade não são tratados e contestados de maneira adequada.

Em um segundo momento, exibir o curta-metragem *O xadrez das cores*¹⁷, com duração de 21 minutos e 10 segundos. As cenas apresentadas retratam o convívio entre uma funcionária negra, a Cida, e sua patroa branca, dona Estela, que desde o início da convivência menospreza e manifesta racismo em relação à contratada, por causa de sua cor, mas, no desfecho dos episódios, acaba tendo que reconhecer, devido à postura de Cida, o seu valor enquanto profissional e como pessoa. No decorrer da história, dona Estela passa a compreender que precisa de Cida, da convivência com ela, e percebe que as consequências do seu preconceito foram solidão e tristeza. Com isso, ela muda o comportamento, sobretudo devido à atitude da colaboradora, pois mesmo sem ter outro lugar para trabalhar, não se submeteu às humilhações às quais era exposta. A partir desses fatos, analisar os dois comportamentos.

Na sequência, convidar os discentes a socializar suas percepções sobre o filme, e em grupo, entregar-lhes três questões subjetivas, para que respondam, de forma oral e escrita. Será uma atividade na qual deverão estabelecer relações entre o texto de Bianca Santana, o vídeo assistido e o capítulo do livro. Ao final da aula, dividir a turma em dois grupos e solicitar que um grupo leia o capítulo “Um pouco de história” e o outro o capítulo “Os negros”, para serem abordados na próxima aula.

Etapa VI: Contexto histórico do Brasil no *Diário de Bitita*.

Tempo estimado: 2 horas/aula (100 minutos).

Conteúdo: Literatura Afro-brasileira; *Diário de Bitita*.

Objetivo: Reconhecer o contexto histórico do livro.

Materiais necessários: Livro *Diário de Bitita*, imagens, cópias da proposta de criação de personagens.

Pressupondo que os capítulos “Um pouco de história” e “Os negros” tenham sido lidos em casa, convocar os alunos para se reunirem em grupos, com o intuito de socializar e discutir alguns aspectos observados na narrativa, como a sociedade retratada por Bitita. Observar e ressaltar aspectos, como: o que os negros faziam naquele período, o que acontecia com eles quando estavam velhos, quais as profissões de homens e mulheres, aspectos da vida política, as revoluções, dentre outros.

Ao final dessa atividade, orientar os mesmos grupos a criarem dois personagens, dando-lhes nome, profissão e outras características, sendo um deles pertencente ao contexto histórico pós-abolicionista, do *Diário de Bitita* e o outro, um negro da atualidade. Com base nisso, os

¹⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IbrY4p-nrdk>>.

discentes produzirão um diálogo entre as personalidades criadas, abordando alguma temática relacionada a questões étnico-raciais e, em seguida, os grupos socializarão as ações implementadas. Essa atividade será apresentada em forma de dramatização, na etapa IX. Como atividade para a próxima etapa, orientar os discentes realizarem a leitura dos capítulos “A família” e “A cidade”.

Etapa VII: Desconstruindo estereótipos.

Tempo estimado: 2 horas/aula (100 minutos).

Conteúdo: Literatura Afro-Brasileira; Estereótipos; Racismo; *Diário de Bitita*.

Objetivo: Identificar os estereótipos atribuídos às pessoas negras no país.

Materiais necessários: livro *Diário de Bitita*, *datashow*, *notebook*, vídeo, cópias dos textos.

Para o reinício das atividades, convidar os alunos a se organizarem em semicírculo e instigá-los a socializar as informações sobre os capítulos lidos, “A família” e “A cidade”, a partir de perguntas sobre os assuntos abordados, os problemas sociais retratados, o racismo, e os desejos de Bitita, que eram justificados pela vivência em uma sociedade racista e machista, e outros aspectos.

Após isso, fazer uma breve explanação sobre o que são estereótipos, citando também casos de racismo que ganharam grande repercussão no cenário nacional e internacional. Em seguida, pedir aos discentes que identifiquem essas ocorrências no texto. Promover, na sequência, a audição da música *Lua negra*, do Negro E¹⁸, a qual deve ser acompanhada por eles através das cópias dos textos que lhes serão entregues, no intuito de estabelecer um comparativo entre a mensagem da música e o conteúdo do capítulo.

Disponibilizar cartolinas e pincéis atômicos, cola, tesoura, para que os discentes construam, com base nas informações encontradas nos textos, um painel da sociedade retratada por Bitita na época narrada, destacando aspectos referentes às condições de vida dos negros. Serão montados dois cartazes: um retratando questões do contexto histórico do livro e o outro retratando aspectos comuns à atualidade.

Encerrar a aula exibindo o vídeo com a música *Diversidade*¹⁹, de autoria de Lenine, e orientar a turma para a realização da leitura dos capítulos “Meu genro” e “A morte do avô”, em casa, pois devido à extensão não será possível realizá-la na sala de aula. Eles serão retomados na aula seguinte.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/nego-e/lua-negra.html>>.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=29Mj-8RdvUE>>.

Etapa VIII: Os caminhos do racismo no Brasil.

Tempo estimado: 2 horas/aula (100 minutos).

Conteúdo: Literatura Afro-brasileira; Relações familiares; *Diário de Bitita*.

Objetivos: Identificar ocorrências de racismo na narrativa;

Indicar expressões racistas utilizadas rotineiramente no contexto social atual;

Reconhecer a família como núcleo importante para o enfrentamento das adversidades.

Materiais necessários: livro *Diário de Bitita*, roteiro de estudos, *datashow*, cartazes produzidos na etapa VII.

Para iniciarmos as atividades, convidarei os grupos formados na aula anterior para apresentarem e explicarem os cartazes produzidos. A partir disso, falaremos sobre a miscigenação no Brasil, a formação da nação em termos de etnia, cor, língua, cultura e culinária, ressaltando as contribuições dos negros para a formação do país, sobretudo as contribuições intelectuais.

Na sequência, pedir aos discentes que relatem um pouco sobre os capítulos “A família” e “A cidade”, cujas leituras deverão ter sido realizadas em casa, e retomar os acontecimentos principais, ressaltando a importância do avô na vida de Bitita, bem como das tradições ou ensinamentos transmitidos pelas famílias, em geral, e o papel que essa desempenha na formação do nosso caráter e personalidade.

Para finalizar, propor aos discentes que façam um levantamento de expressões racistas que são utilizadas e propagadas em nosso cotidiano, mesmo sem que nós percebamos, e promover a socialização dessas expressões com a turma. Para a próxima aula, orientá-los a realizar a leitura dos capítulos “Meu genro” e “A morte do avô”.

Etapa IX: Cruzando linguagens.

Tempo estimado: 5 horas/aula (250 minutos).

Conteúdo: Literatura Afro-brasileira; *Diário de Bitita*.

Objetivo: Expressar a narrativa em diferentes linguagens.

Materiais necessários: livro *Diário de Bitita*, atividades impressas, cópias do cordel em homenagem a Carolina Maria de Jesus.

As atividades dessa etapa estão programadas para ocorrer no turno oposto ao que os discentes estudam. Para o início das ações, proceder com as apresentações teatrais referentes à criação dos personagens e do diálogo desenvolvidos na etapa VI. Após esse momento, convidar os discentes a avaliarem oralmente a produção da atividade. Feito isso, dividir a turma em

quatro grupos, e com base em um roteiro, que será disponibilizado aos discentes, direcioná-los à produção de uma síntese das informações contidas nos capítulos estudados em casa.

Para dar continuidade às ações, realizar a leitura dramatizada do cordel que conta a história de Carolina Maria de Jesus, uma composição da autora Jarid Arraes. Em seguida, dividir a turma em cinco grupos, os quais deverão produzir cordéis que recontem os episódios dos capítulos “A escola”, “A fazenda”, “Retorno à cidade”, “Doméstica” e “A doença”. Esses textos serão concluídos e apresentados na etapa XI.

Etapa X: Registros de uma mulher negra: dificuldade e resistência.

Tempo estimado: 2 horas/aula (100 minutos).

Conteúdo: Literatura Afro-brasileira; *Diário de Bitita*; Comportamentos sociais.

Objetivo: Identificar, com base na leitura dos textos, comportamentos que mudaram ou prevalecem na sociedade.

Materiais necessários: livro *Diário de Bitita*, caixinha com perguntas, folha para registrar a produção textual.

Essa etapa do trabalho está destinada prioritariamente para a conclusão da produção dos cordéis. As atividades serão retomadas a partir de uma rápida dinâmica, com questionamentos provocadores, acerca de comportamentos sociais que colocam à prova as nossas concepções sobre discriminação e racismo. Após esse momento, convidar os discentes a se reunirem em grupos e finalizarem a produção textual dos cordéis, que serão posteriormente socializados.

Etapa XI: Reavaliando o processo.

Tempo estimado: 3 horas/aula (150 minutos).

Conteúdo: Literatura Afro-brasileira; *Diário de Bitita*.

Objetivo: Promover a socialização final das leituras;

Socializar as produções dos cordéis.

Materiais necessários: livro *Diário de Bitita*, fotografias, *datashow*, *notebook*.

As atividades previstas para este momento devem ser iniciadas com a socialização dos cordéis produzidos na etapa anterior. Vale ressaltar que, nessa ocasião, os discentes já terão concluído a leitura do livro, pois terá sido combinado um prazo para esse término; sendo assim, todos conhecerão as histórias nele registradas. A fim de impulsionar a participação, retomar as informações dos últimos capítulos através da exposição de slides, intercalando com perguntas que instiguem os discentes a falarem mais sobre os fatos narrados.

Para finalizar, propor a todos os envolvidos uma autoavaliação das atividades e de todo o processo vivenciado.

Etapa XII: Consolidando Saberes.

Tempo estimado: 3 horas/aula (150 minutos).

Conteúdo: Vida e obras de Carolina Maria de Jesus; Empoderamento negro e racismo no século XXI.

Objetivos: Consolidar saberes construídos no decorrer do projeto.

Materiais necessários: *datashow*, cartazes, atividades produzidas no decorrer do projeto.

A culminância do nosso projeto está programada para ocorrer no auditório da escola, a partir de uma mesa redonda, na qual serão abordados os temas Vida e obras de Carolina Maria de Jesus, e Empoderamento negro e racismo no século XXI. Dois convidados, que não fazem parte da comunidade escolar, falarão aos discentes sobre as temáticas citadas acima. Os discentes, por sua vez, participarão com perguntas aos palestrantes e apresentarão suas produções desenvolvidas no decurso desse projeto: textos, pinturas e outros trabalhos, além da dramatização oriunda da criação dos personagens e do diálogo elaborados em algumas etapas do trabalho. O evento reunirá a turma envolvida no projeto, os componentes da mesa, a professora, outros componentes do corpo docente e a direção da escola.

No ambiente estarão expostos os textos produzidos pelos discentes, em forma de varal de cordéis e memórias, os quadros pintados na etapa 3, e painéis confeccionados durante os encontros. Ao final desse momento, todos os envolvidos participarão de uma confraternização, na qual serão servidas comidas típicas da culinária afro-brasileira.

4 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.

Carolina Maria de Jesus

A proposta de intervenção aqui descrita foi realizada em doze etapas, as quais ocorreram entre os dias 08 de maio de 2019 e 05 de setembro de 2019, perfazendo um total de 33 horas-aulas, sendo seis etapas com três horas-aulas, cinco etapas com duas horas-aulas e uma etapa com cinco horas-aulas. O grupo escolhido para a aplicação é constituído por dezesseis discentes do 4º Ano do Curso Técnico em Comércio, doze meninas e quatro meninos, que estudam no turno matutino, no Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes, na cidade de Santo Antônio de Jesus, Bahia.

Embora anteriormente registrado, vale ressaltar que a opção por essa turma, e não por um grupo de discentes de Ensino Fundamental, ocorreu porque as turmas referentes a essa modalidade de ensino, existentes na unidade escolar, possuem uma carga horária de aulas semestral, a qual ficaria comprometida com a execução de um projeto que requeira a quantidade de horas descrita acima. Diante da incompatibilidade atestada pela gestão escolar, (documentada conforme **ANEXO 6**), a intervenção foi redirecionada e adaptada a outro grupo com demandas semelhantes, no que concerne à proposição em pauta.

O planejamento inicial previa que a duração das atividades se efetivasse em três meses de aulas, ininterruptas. No entanto, devido a demandas da própria instituição, como a reforma da unidade escolar, o calendário de atividades ou situações como a aplicação de avaliações externas, feriados prolongados e paralisações de atividades devido às lutas pelos direitos dos trabalhadores, foi necessário reestruturar as ações metodológicas de acordo com o contexto que se apresentou, estendendo, assim, o tempo de aplicação da mesma, registrado no cronograma de ações da intervenção (cf. **APÊNDICE M**).

Durante o período de aplicação, foi possível notar o envolvimento progressivo da turma com as ações desenvolvidas, com a temática abordada, com as histórias registradas no livro e também uma melhora no diálogo e entrosamento entre os discentes. Com isso, evidenciou-se, então, a importância do resgate da literatura nas aulas de língua portuguesa, pois ela se interpõe nesse contexto como um instrumento capaz de promover reflexões sobre a realidade, compartilhamento de vivências, mudança ou reestruturação da visão de mundo dos discentes, além de lhes proporcionar o prazer de folhear um livro e se reconhecer nas histórias contadas por ele.

Além disso, com base no conhecimento empírico adquirido através desse trabalho, foi possível entender como as ações planejadas e estruturadas em forma de projeto pedagógico direcionam e facilitam o trabalho docente, tornando-o mais prazeroso e proveitoso, tanto para o docente, quanto para o discente, e propiciando a este uma maior autonomia no desenvolvimento de sua atividade intelectual, fortalecendo o seu espírito de cooperação, valorizando as suas aptidões e aprimorando-as.

Ao docente, um trabalho dessa natureza possibilita uma significativa oportunidade de reavaliar a sua prática pedagógica como um todo, sua função na escola e na sociedade, bem como seus objetivos e prioridades no processo educativo. Em concordância com o exposto, seguem descritas as etapas constituintes dessa intervenção pedagógica. Ressalto ainda que, para a utilização das imagens que identificam os discentes participantes da pesquisa, foi solicitada a assinatura de um termo de autorização, pelos discentes maiores de idade e pelos responsáveis daqueles que são menores.

Para referir-me às participações nas atividades experimentadas, os discentes serão tratados por nomes fictícios, de origem africana, já que estamos diante de um trabalho voltado para a literatura afro-brasileira e temática étnico-racial.

4.1 A INSERÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NO CONTEXTO ESCOLAR: SENSIBILIZANDO O OLHAR DO DISCENTE

Etapa I: O que o meu perfil revela sobre mim?

A primeira etapa dessa intervenção ocorreu na sala de aula em que os discentes estudam. O ambiente estava organizado com as carteiras dispostas em semicírculo, contendo mural de curiosidades afro-brasileiras, banner com o título do projeto e ilustrações referentes à temática africana afixadas nas paredes. Inicialmente, os discentes foram acolhidos e convidados a ocuparem os seus lugares.

Para dar início às ações, expliquei-lhes que, naquele momento, eles iriam receber um questionário, o qual deveria ser respondido com tranquilidade e clareza, e que aquele instrumento era necessário para que eu pudesse conhecer um pouco mais sobre eles, sobre suas realidades, e adotar os procedimentos pedagógicos adequados às necessidades da turma, ressaltando que, além de uma atividade prévia referente ao projeto, ele serviria como um instrumento que me forneceria dados para a avaliação e conhecimento de suas realidades, a fim de, posteriormente, serem utilizados em uma pesquisa científica.

Figuras 5 e 6
Alunos respondendo ao questionário

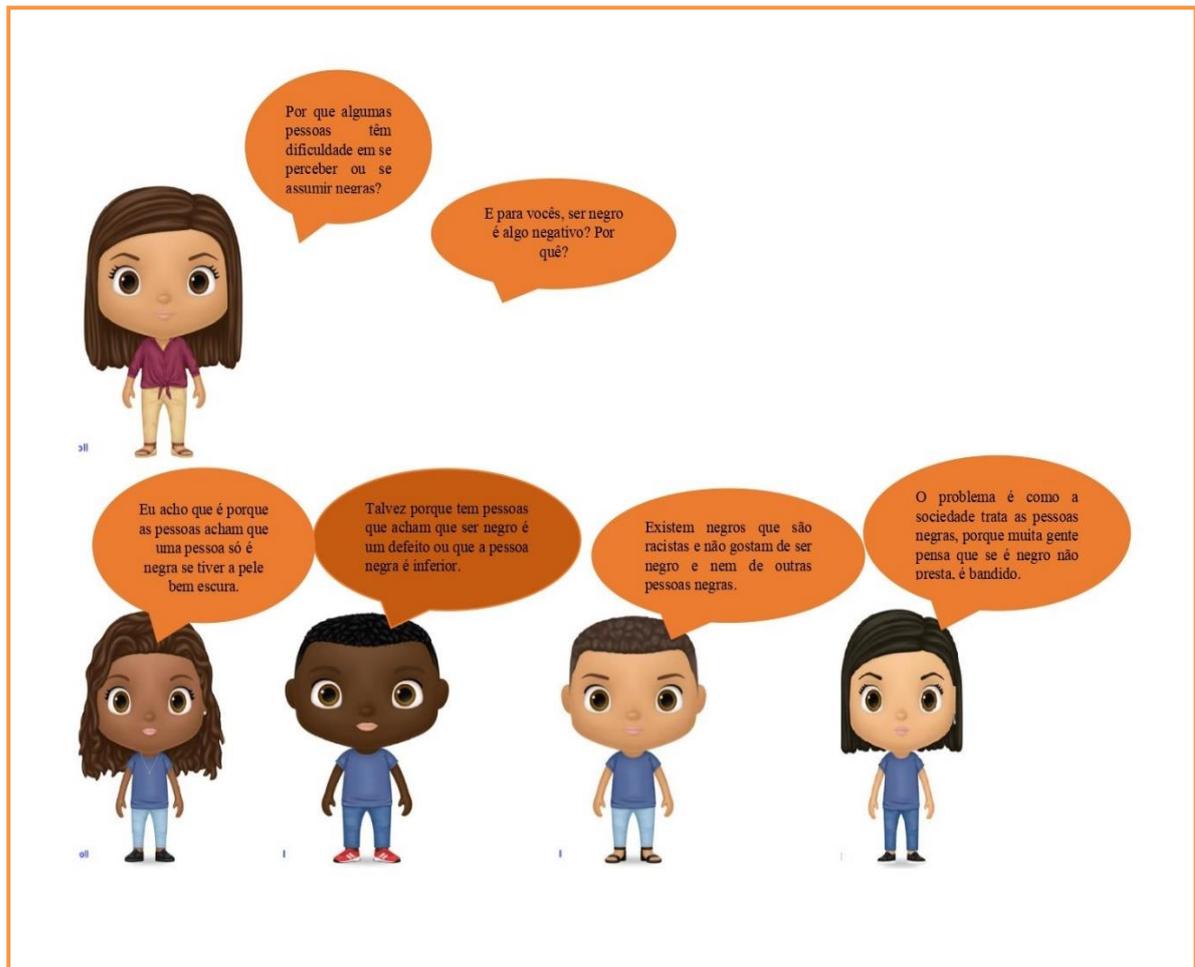


Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Após a resolução das questões, convidei os discentes a refazermos a leitura do texto de Bianca Santana, “Quando me descobri negra”, abordado no início do questionário. Ao final da leitura, lancei uma indagação como ponto de partida para a discussão, conforme exposto a seguir:

Figura 7

Ilustração do diálogo estabelecido



Fonte: Ilustração criada pela pesquisadora com base em registros da aula – 2019.

Após ouvir as considerações, falei-lhes acerca da necessidade de discutirmos demandas étnico-raciais, de conhecermos e divulgarmos a história e trajetória da população negra no Brasil, as lutas e as conquistas, pois assim, além de termos muitos motivos para nos orgulhar de nossa afrodescendência, também mostraremos aos outros o nosso valor e a necessidade de respeitarmos as diferenças entre os diferentes grupos na sociedade.

Na sequência das atividades, convidei a turma para participar da dinâmica “Rodada das entrevistas”. Foi um momento descontraído e muito proveitoso. Todos os discentes da turma foram entrevistados.

Figura 8
Discente participando da dinâmica das entrevistas



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora 2019.

Aqueles que desejavam fazer perguntas se manifestavam e tinham a oportunidade de indagar o colega entrevistado sobre assuntos como: sonhos, hobbies, vida profissional, discriminação e preconceito. Foram realizadas perguntas tais como:

Quais são os seus sonhos?
 O que você faz nas horas vagas?
 Quais os seus planos para quando você terminar o Ensino Médio?
 O que é preconceito para você?

Vale ressaltar que as perguntas foram elaboradas espontaneamente pelos discentes. Apenas os temas foram direcionados por mim. Através dessa dinâmica foi possível interagir bastante com a turma e alguns chegaram a comentar que mesmo sendo colegas desde o primeiro ano, desconheciam muitas informações e situações pontuadas naquele momento. Um episódio que merece destaque nessa circunstância é que quase todos, ao falarem em sonhos e desejos relacionados à vida profissional explicitaram a vontade de mudar o cenário financeiro da família, construir casas e ajudar os pais.

Uma discente, a **Nyashia** relatou o sonho de ser médica e explicou que a motivação para isso era porque ela queria ajudar pessoas e salvar vidas, pois um dia tivera sua mãe nos braços, passando mal, e nada pôde fazer, a não ser assistir à partida da matriarca. Já a **Aziza** relatou o

sonho de ter os componentes da família vivendo todos numa mesma casa, uma vez que não tem casa própria e os membros da família vivem em casas distintas.

Os discentes demonstraram gostar muito da atividade e alguns até choraram ao falar dos sonhos, que em sua maioria envolvem a vontade de ter mais qualidade de vida e poder oferecer isso à família. Foi um momento de grande relevância para que eu pudesse validar a necessidade de abordagem da temática escolhida e detalhar o perfil social dos componentes da turma com a qual o trabalho foi desenvolvido.

Para finalizar o encontro, realizei um sorteio utilizando a caderneta de registro de chamadas da turma e, convidando um discente e uma discente para entregar-lhes duas caixas de presente que estavam sobre a mesa, conforme imagem a seguir:

Figura 9
Caixas com os diários sobre a mesa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Pedi que abrissem o presente e compartilhassem com os colegas. Ao abrirem, se depararam com os diários de bordo embalados juntamente com um chocolate e distribuíram para a turma. Nesse momento, os discentes ficaram bastante eufóricos. Agradeceram os diários e eu lhes perguntei se gostaram do presente, ao passo que recebi resposta afirmativa.

Em seguida, ressaltai que o diário de bordo seria utilizado durante todo o período do projeto, para eles registrarem as aulas e o que mais lhes parecesse significativo. Solicitei, então, que fizessem em casa um registro sobre como foi o encontro, e avisei que os registros seriam lidos na próxima aula. Com isso, encerrei as atividades referentes àquele momento.

Figura 10
Discentes após a finalização da primeira etapa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019)

Etapa II: Rótulos foram feitos para produtos, não para pessoas.

A segunda etapa das atividades foi programada para acontecer na biblioteca da escola, mas devido ao atraso na reforma do referido ambiente, foi realizada na sala onde os discentes estudam, a qual foi organizada com imagens e frases da escritora Carolina Maria de Jesus afixadas nas paredes e com as carteiras dispostas em semicírculo.

Figura 11
Momento inicial etapa III



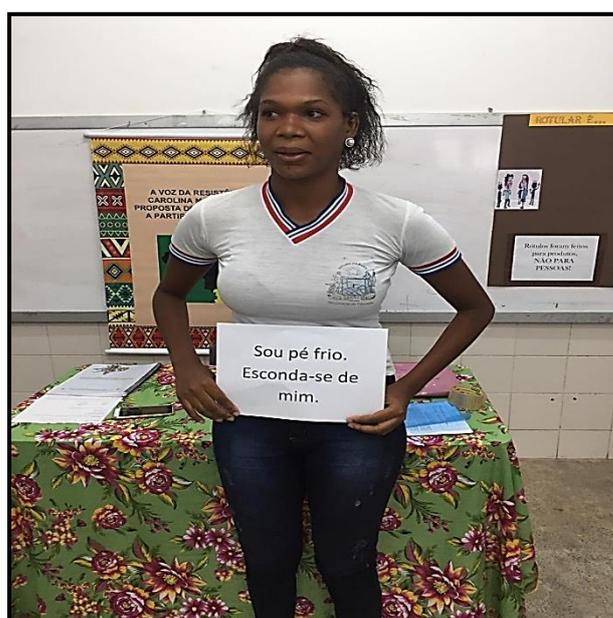
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Inicialmente, convidei os discentes a se acomodarem e expliquei-lhes que precisaria de seis voluntários para participarem de uma dinâmica. Eles se posicionaram para aguardarem o início da atividade, que consistia em entregar a cada participante voluntário uma faixa, contendo informações supostamente sobre eles. Essas informações eram desconhecidas por parte deles, mas visualizadas pela turma, que deveria reagir conforme o que estava escrito na faixa. Seguem as frases:

Sou confiável. Ouça-me!	Sou arrogante. Conteste o que eu digo!
Sou tagarela. Ignore-me!	Sou extrovertido. Sorria para mim!
Sou Amigo. Acolha-me!	Sou pé frio. Esconda-se de mim.

Foi um momento muito divertido para os discentes, sobretudo devido à surpresa e estranhamento dos que estavam utilizando as faixas, diante do comportamento dos demais. Ao final desse momento, perguntei aos que usaram as frases afixadas como eles se sentiram, e ouvi as seguintes respostas:

Figura 12
Aplicação da Dinâmica dos Rótulos



Eu não conseguia entender por que o pessoal tava me olhando daquele jeito.

Anaya

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 13
Aplicação da Dinâmica dos Rótulos

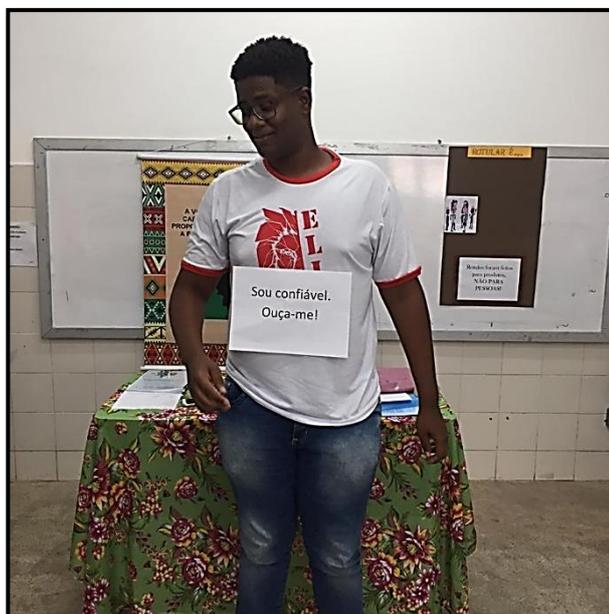


Me senti muito mal com a reação deles.

Aduke

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 14
Aplicação da Dinâmica dos Rótulos



Me senti muito estranho...

Akin

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Apesar da diversão inicial com a proposta, encerramos a dinâmica com uma breve analogia a situações do nosso cotidiano, já que, muitas vezes as pessoas nos julgam por alguma característica que temos, ou que elas julgam que tenhamos, e usam isso para justificar ações discriminatórias, racistas, ou de propagação do ódio. Ressaltei, então, que, quando rotulamos

as pessoas, acabamos nos afastando, criando falsos conceitos sobre elas e perdemos a oportunidade de conhecê-las em sua essência.

Dando continuidade, solicitei aos discentes que lessem as frases afixadas nas paredes e olhassem as fotografias de Carolina, sem que eles soubessem de quem se tratava. Perguntei-lhes quem achavam que era a mulher nas fotos, qual profissão ela deveria exercer, a qual classe social deveria pertencer, o seu grau de instrução, enfim, o que as imagens conseguiam lhes transmitir.

“Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.”	“Quem não tem amigo, mas tem um livro, tem uma estrada.”
“Quando o homem decidir reformar sua consciência, o mundo tomará outro roteiro.”	“A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso país, tudo está enfraquecendo.”
“Não digam que fui rebotinho, Que vivi à margem da vida. Digam que eu procurava trabalho, Mas fui sempre preterida.”	“A tontura da fome é pior do que a do álcool, porque a do álcool faz cantar.”

Figuras 15 e 16
Imagens e frases da autora Carolina Maria de Jesus afixadas nas paredes da sala.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

As respostas foram variadas. Inferiram, com base nas fotos, as quais, vale ressaltar, não foram apenas as que estão dispostas acima, tratar-se de “uma mulher pobre que mora na favela”, “uma empregada doméstica”, “uma pessoa que passa muitas dificuldades”, mas somente duas alunas associaram as imagens de Carolina às frases e à função de escritora.

Os demais, ao serem perguntados sobre por que não imaginaram que ela fosse a autora dos versos, associaram o fato ao comportamento, muitas vezes, adotado por algumas pessoas, e naquele momento, por eles, de julgar os outros pela aparência. Assim, retomamos o que foi trabalhado na dinâmica, reafirmando que não podemos julgar, ou seja, valorizar ou desvalorizar uma pessoa pela roupa que veste, pelo cabelo que tem, pela classe social da qual ela faz parte e principalmente pela cor da sua pele ou características físicas.

Como última atividade dessa etapa, realizamos a leitura do texto “O perigo de rotular as pessoas”, através do qual pudemos refletir um pouco sobre bullying, preconceitos, brincadeiras inadequadas e racismo e principalmente, como isso afeta as pessoas durante a infância e se reflete na vida adulta. Após alguns breves relatos dos alunos, realizei uma tentativa de conscientização de que os rótulos que, muitas vezes, atribuímos às pessoas, especialmente os negativos, quase sempre não correspondem à realidade, e que não podemos pautar as relações com os outros em circunstâncias desse tipo. Que na realidade, esses rótulos originam o que podemos chamar de estereótipos, explicando-lhes o conceito e adiantando-lhes que, na sétima etapa da intervenção, iríamos falar um pouco mais sobre isso.

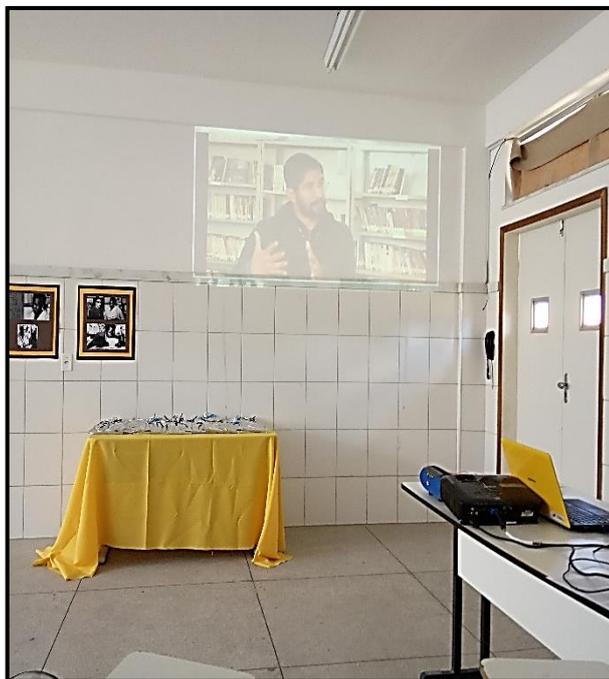
Em seguida, distribuí os papéis coloridos e pedi que completassem a frase: “Rotular é...”, escrita no cartaz afixado ao quadro e assim chegamos à conclusão de que um dos conceitos possíveis para esse vocábulo é o de que rotular pode ser julgar sem conhecer ou deixar as impressões pessoais falarem mais alto sem procurar saber de fato quem é o outro. Após isso, para finalizar o encontro, realizamos um lanche coletivo.

Etapa III: Despertando expectativas e olhares sobre a escritora Carolina Maria de Jesus.

Iniciamos as atividades retomando o diálogo sobre as imagens de Carolina Maria de Jesus, utilizadas na aula anterior. Usando o projetor de imagens, apresentei aos discentes o conceito de literatura afro-brasileira, o objetivo do projeto e algumas informações sobre Carolina Maria de Jesus, de forma resumida, já que os vídeos que seriam apresentados posteriormente trariam muitos dados e depoimentos sobre a autora.

Após a apresentação dos slides, foram exibidos os vídeos sobre a vida e as obras da autora, os quais também apresentavam depoimentos, como o da escritora Conceição Evaristo e da filha de Carolina, Vera Eunice. As exposições do vídeo foram intercaladas por cenas de um filme sobre a autora, “O papel e o mar”, de Luiz Antonio Pilar, e foram aprovadas pelos discentes, que assistiram a tudo com muita atenção.

Figura 17
Exibição do vídeo sobre Carolina Maria de Jesus



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Após a exibição, lancei questionamentos sobre quais aspectos da personalidade de Carolina chamaram a atenção e a aluna **Niara** relatou que o que lhe chamou a atenção foi “a aceitação de Carolina como negra, quando fala sobre o cabelo, a forma como ela fala da fome e a trajetória de superação”. A aluna **Aziza** respondeu que achou muito interessante foi “o empoderamento dela”. Percebi que nesse momento da discussão houve uma maior participação das discentes, sobretudo porque, em uma cena exibida, a atriz que desempenha o papel de Carolina faz referência ao cabelo e ao orgulho de ser negra, assuntos que, geralmente, são de grande interesse das meninas negras, e no caso das discentes da turma, elas se sentiram representadas naquela personagem.

Ao perguntar-lhes sobre quais características de Carolina se assemelham ou se aproximam das vivências de outras mulheres negras, os discentes em sua maioria destacaram as dificuldades enfrentadas para sobreviver, a resistência, mas uma resposta chamou a atenção: a discente **Niara** explicitou que,

Figura 18
Avatar representando uma discente



Fonte: Ilustração criada pela pesquisadora.

Diante dessa resposta, é possível compreender o quanto a maioria dos adolescentes, devido às experiências vivenciadas no âmbito familiar ou na sociedade, já tem consciência dos obstáculos enfrentados constantemente pela população negra para a sua inserção no meio social, mercado de trabalho e outros espaços. O que se percebe é que os indivíduos negros precisam provar a sua competência no desempenho de tarefas e funções cotidianamente, conforme a exigência da sociedade. Finalizada tal discussão, os discentes receberam telas para pintura, tintas e pincéis, para ilustrarem as nas telas, as suas expectativas em relação ao projeto.

Figuras 19 e 20
Discentes executando as pinturas nas telas



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Após concluírem a atividade, encerramos essa etapa, pois o horário expirou. Nesse momento, também distribuí os presentes que estavam sobre a mesa e que tanto despertaram curiosidade dos discentes, desde a entrada deles no ambiente. Eram os livros. Pedi que trouxessem na próxima aula, mas não dei nenhuma orientação, já que queria verificar qual seria o comportamento deles diante da obra. Deixamos então agendados para a próxima etapa a socialização das pinturas.

Figuras 21 e 22
Discentes recebendo os livros



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Etapa IV: Conhecendo o gênero textual Diário

As atividades referentes a esse momento foram iniciadas com um convite aos discentes para adentrarem ao laboratório de Ciências da escola e se sentarem nas cadeiras, que estavam dispostas em semicírculo. Em seguida, após o acolhimento, sugeri que retomássemos as pinturas das telas produzidas na aula anterior e que cada um apresentasse a sua produção, explicando brevemente o significado do trabalho. Esse foi um momento muito significativo, pois consegui constatar que as expectativas em relação à proposta de intervenção eram boas e condizentes com as atividades.

Uma das explanações mais significativas foi feita por um discente que ilustrou um baú, e explicou que aquele baú representava o projeto e que dele sairia tesouros, que seriam os

conhecimentos adquiridos a partir das leituras e discussões que estavam acontecendo em sala de aula.

Figura 23
Discente apresentando a sua ilustração



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Após esse momento, realizei uma exposição sobre o gênero textual “diário”, ressaltando aspectos comuns a esse tipo de produção, a forma de linguagem utilizada, os tipos de diários existentes e mais comuns, o formato em que se apresentam na atualidade, na escrita ou nos meios eletrônicos, e as suas formas mais comuns, utilizadas no passado. Ressaltei também as características do gênero, a estrutura textual dos registros em um diário, e convidei os discentes a percebermos a forma como a autora Carolina Maria de Jesus estruturou os seus registros.

Chegamos, então, à conclusão de que os registros no *Diário de Bitita* não seguem a estrutura mais comum a um diário, pois não traz os vocativos ou termos que estabeleçam um diálogo da autora com o livro. Ela registra as suas memórias e as estrutura a partir do relato de situações vivenciadas, organizando essa narrativa a partir de temas relacionados aos fatos narrados, compondo assim as seções que totalizam a obra. Observamos também que, como em outros livros publicados, a obra apresenta um prefácio, que é chamado nessa situação de introdução.

Com o fim da exposição, convidei à turma para, em uma roda de leitura, lermos o capítulo I do livro, intitulado “Infância”. A leitura fluiu com muita naturalidade, com ênfase e entonação por parte de todos os discentes. Foi um momento prazeroso, e isso fez com que ao

finalizarmos o capítulo “Infância” eles pedissem que continuássemos lendo o capítulo seguinte. Essa atividade proporcionou à turma um momento significativo, que rendeu boas risadas a partir das peripécias e questionamentos da pequena Bitita.

Figuras 24 e 25
Discentes participando do círculo de leitura



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Após comentários sobre o que acharam dos capítulos lidos, uma discente ressaltou que “o mais gostoso dessa leitura é que a gente pode imaginar como era Bitita, como era a vida dela, como eram as coisas na época em que ela viveu. Parece que a gente se transporta para lá”. E, assim, para finalizarmos esse encontro, entreguei a todos uma atividade na qual foi solicitada aos alunos que, escolhessem, dentre suas memórias da infância, um momento significativo, e que, assim como Carolina fez em todos os capítulos de sua obra, registrassem essas memórias, atribuindo um título ao texto. Combinei com a turma que a socialização das memórias ocorreria na aula seguinte. Além disso, solicitei aos discentes que fizessem a leitura dos capítulos “A festa” e “Ser pobre”, também para abordagem na próxima etapa.

4.2 CONSCIENTIZAÇÃO E MUDANÇA DE TRAJETÓRIAS

Etapa V: Existe democracia racial no Brasil?

Iniciei as atividades desse dia solicitando aos discentes que me acompanhassem até o Laboratório Júnior da escola. Lá, com as cadeiras dispostas em semicírculo, solicitei que

dessem início à socialização das memórias. Foi um momento emocionante, pois os textos produzidos trouxeram consigo uma carga de significados e vivências que provocaram variados sentimentos, reflexões e agradecimentos. Isso permitiu que todos nós conhecêssemos mais sobre a vida de cada discente.

Após isso, convidei-os para falarmos sobre os fatos narrados nos capítulos lidos extraclasse e esperei que cada um fizesse a sua exposição, falasse sobre o que lhes chamou a atenção.

Figura 26
Socialização das leituras



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

O capítulo “Ser pobre” trata muito sobre a realidade do povo negro no período pós-abolição da escravatura no Brasil, relata a prisão injusta da mãe de Bitita e a demarcação de papéis na sociedade, que parecia viver uma dualidade entre brancos e negros. Isso me permitiu abordar temas, como a segregação racial e o racismo, explorando, por exemplo, os espaços sociais e geográficos em que se concentram pretos e brancos, os papéis sociais, lugares e profissões também comuns a pretos e brancos, tanto no contexto histórico do romance, quanto na atualidade.

Questionei aos discentes se hoje eles percebem essa demarcação de papéis e de territórios entre os grupos étnicos e eles afirmaram que sim, citando exemplos, principalmente, relacionados às profissões que são mais comuns aos negros. Falei sobre a propagação da ideia de que os grupos étnicos formadores da sociedade brasileira vivem harmonicamente e têm

oportunidades iguais e que isso não ocorre de fato, que esse pensamento vem sendo amplamente divulgado desde a década de 1930, quando surgiu o conhecido “mito da democracia racial”.

Esse mito resume-se na propagação de uma falsa ideia, que consiste, em afirmar que as relações entre pretos e brancos são pautadas na igualdade de direitos, de tratamentos e de oportunidades aqui no Brasil, e como consequência disso, indivíduos negam ou tentam invisibilizar a existência do racismo e da discriminação, o que conduz a sociedade a inferir que não há por que combater o racismo.

Em seguida, distribuí novos textos e realizamos a leitura do texto da autora Bianca Santana, intitulado “E que lugar seria?”, no qual ela relata um episódio vivenciado por ela junto a um grupo de amigos que discutiam sobre um caso de racismo que repercutiu em todo o país no ano de 2014.

Diante da leitura, perguntei aos discentes se, comparando os textos lidos - o capítulo “Ser pobre” e o texto “E que lugar seria?” – era possível perceber um avanço no modo de pensar e de ver o negro na sociedade brasileira, já que os textos pertencem ao século XX e XXI, respectivamente, e então eles responderam que, infelizmente, não, que “o modo de pensar das pessoas é que precisa mudar, mas não mudou, apesar de a sociedade ter mudado”²⁰, que enquanto essa transformação não ocorrer, muitas pessoas serão vítimas de racismo. Alguns inclusive relataram situações em que percebem o racismo “impregnado na sociedade”²¹.

Como provocação e continuidade da discussão, exibi o curta-metragem “O Xadrez das Cores”.

Figura 27
Discentes assistindo ao vídeo “O xadrez das cores”



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

²⁰ Palavras proferidas por **Akin** e reiteradas por **Makori**.

²¹ Expressão utilizada por **Jahi** durante a sua exposição de suas ideias sobre o tema.

Apesar de acharem graça de algumas cenas, os discentes conseguiram perceber que a mensagem central do vídeo não tem nada de engraçado. Uma discente, que já foi vítima de racismo por várias vezes, segundo seus relatos, mostrou-se indignada com algumas ações da personagem branca, mas também destacou uma lição muito interessante que observou a partir da fala da personagem negra, quando esta afirma: “(...) foi aí que eu percebi que apesar de ter nascido peão, eu não precisava ser peão a vida toda”. Segundo a discente **Nyashia**, ela entendeu que:

Figura 28
Avatar representando uma discente



Muitas pessoas não têm esperança de melhorar de vida, e por isso não correm atrás dos seus sonhos, não buscam melhoras pra elas, mas é preciso lutar.

Fonte: Ilustração criada pela pesquisadora.

Após isso, solicitei que os discentes formassem grupos com quatro componentes, a fim de que respondessem, por escrito, as questões propostas para esse momento. Ao finalizarem a resolução, recolhi a atividade e solicitei que todos fizessem a leitura dos capítulos “Um pouco de história” e “Os negros”, que seriam abordados na próxima aula.

Etapa VI: Contexto histórico do Brasil no *Diário de Bitita*

A sexta etapa das ações previstas nesse projeto foi iniciada com a socialização de algumas informações referentes aos capítulos lidos em casa. Inicialmente perguntei aos

discentes sobre quais temas tratavam os capítulos, o que mais chamou a atenção deles, e logo em seguida, sugeri a formação de grupos para a socialização de informações como: o que os negros faziam naquele período, o que acontecia com eles quando estavam velhos, quais as profissões de homens e mulheres, aspectos da vida política e outras questões.

Figura 29
Discentes consultando informações no livro



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Após isso, os discentes receberam uma folha na qual deveriam registrar a atividade que consistia em criar dois personagens, com nome, características e profissão, sendo que eles deveriam ser: uma pessoa negra pertencente ao período pós-abolicionista e uma pessoa negra da atualidade. Seguindo essa criação, foi solicitado que criassem um diálogo entre essas personagens e proposto que os diálogos fossem apresentados em forma de dramatização, o que animou bastante a turma.

Diante disso, os discentes utilizaram o restante do tempo de aula para a conclusão da tarefa, sob minha orientação. Finalizamos essa etapa socializando algumas possibilidades de apresentações das dramatizações.

Figura 30
Discentes respondendo a atividade e planejando as apresentações



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Etapa VII: Desconstruindo estereótipos

As atividades desse encontro foram iniciadas com um momento de socialização de ideias e percepções sobre a leitura, no qual retomamos informações concernentes aos capítulos “A família” e “A cidade”. Mediados por mim, os discentes expuseram os problemas sociais da época, retratados nos capítulos em estudo, e a presença marcante de atitudes racistas em relação aos negros, os quais eram agredidos e humilhados pela polícia e, às vezes, acusados de crimes que não tinham cometido. A própria Bitita revela em um trecho da narrativa não aguentar mais a postura da sociedade racista, relatando como se sentia quando as crianças brancas a chamavam de “negrinha fedida”, “cabelo de pixaim”, etc. Existiam papéis e lugares sociais bem demarcados entre brancos e pretos naquele período.

Após isso, realizei uma breve explanação sobre o que são estereótipos, citando ainda casos de racismo que tiveram grande repercussão no cenário nacional e internacional, como o episódio com o goleiro Aranha, vítima de racismo em 2014, praticado por uma torcedora do Grêmio Esporte Clube, a qual o chamou de macaco. Também destaquei uma situação vivenciada pelo jogador baiano Daniel Alves, quando lhe atiraram uma banana durante uma partida de futebol na Espanha. Em seguida, solicitei aos discentes que identificassem ocorrências racistas no texto e posteriormente eles apresentaram isso oralmente.

Foram destacados trechos do livro²² como os das páginas 70, “A tia Marcelina, irmã de minha avó materna, era mulata clara. A mulata cabedal. Não gostava de preto. Dava mais atenção aos brancos. [...] E havia, como divisa nas famílias, o preconceito de cor”, página 72 “- Casei com uma negra só para sair da tutela. E foi morar com uma mulher branca. Uma velha com 52 anos[...]. Mas era branca. E ele dizia que mulher branca não tem idade”, Página 78 “[...] quando um homem preto avistava um soldado, entrava na igreja e ajoelhava aos pés do altar. Permanecia vários minutos orando. Na igreja, ele estava protegido”.

Estava previsto na sequência didática que, após esse momento, seria ouvida e analisada a música *Lua negra*, do Negro E, mas, devido ao atraso no início das atividades, por questões relacionadas a demandas da unidade escolar, senti a necessidade de priorizar a etapa seguinte, já que a socialização das informações dos capítulos lidos foi satisfatória tanto no conteúdo apresentado como na participação dos discentes. Sendo assim, solicitei-lhes que formassem grupos com quatro componentes.

Em seguida, orientei os grupos, explicando-lhes que receberiam duas cartolinas coloridas e pincéis atômicos, a fim de produzirem dois cartazes: um contendo aspectos importantes observados no cotidiano da população negra do período pós-abolicionista e o outro trazendo noções desses aspectos na atualidade e ao final da confecção, os cartazes deveriam ser apresentados por eles. Essas informações deveriam ser relacionadas à qualidade de vida, direitos, vida social ou política.

Figuras 31 e 32
Confecção dos cartazes



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

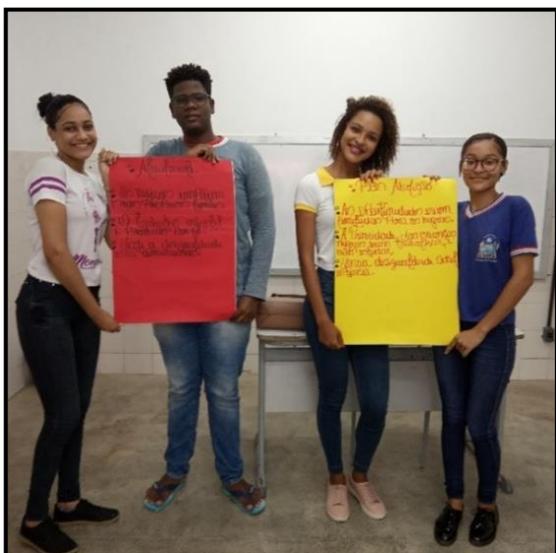
²² JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Os discentes, então, se envolveram na tarefa em grupo e confeccionaram os cartazes, os quais serão apresentados no início do próximo encontro. Encerramos a aula ao som da música *Diversidade*, de autoria de Lenine e, após breves comentários sobre a importância de respeitar a diversidade e a individualidade das pessoas.

Etapa VIII: Os caminhos do racismo no Brasil

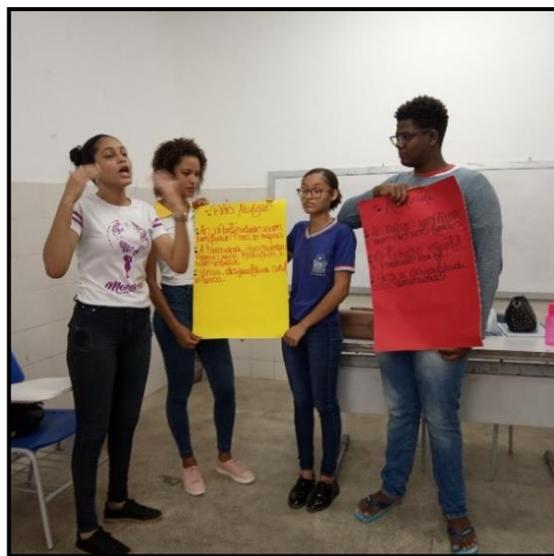
Retomando as atividades da aula passada, convidei os grupos para procederem com as apresentações dos cartazes confeccionados naquele momento, não apenas citando as informações, mas explicando por que destacaram as tais. Foram ressaltados, referente ao período pós- abolição, contextos históricos do *Diário de Bitita*, aspectos como fome, falta de atendimento médico, condições de vida precárias, desigualdade social, dificuldade de acesso à escola, falta de políticas públicas voltadas para os negros.

Figuras 33 e 34
Apresentações dos grupos



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figuras 35 e 36
Apresentações dos grupos



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Concernente à situação atual da população negra, os discentes ressaltaram o acesso às universidades, a existência de políticas públicas voltadas para os negros, exemplificando as cotas raciais em universidades e concursos, oportunidades de emprego, livre acesso às escolas e possibilidades de ascensão e mudança de vida, que ainda não são tão amplas, mas já são melhores, se comparadas com o outro período em estudo. As apresentações foram muito boas e os discentes conseguiram ressaltar aspectos importantes, referentes às conquistas alcançadas pela população negra, através de muitas lutas.

Conforme estava previsto na sequência didática, fiz uma breve exposição sobre a importância da população negra no Brasil, para a constituição da nação, dos costumes, da culinária, da língua e da cultura como um todo. Retomamos os capítulos estudados, observando que a influência sobre a personagem Bitita, no que concerne a esses aspectos, era exercida principalmente por seu avô, que para ela constituía-se como referência.

Ressaltei que, mesmo com tantos aspectos do âmbito africano presentes em nossa formação, as pessoas, muitas vezes menosprezam indivíduos negros. Perguntei, então, aos discentes se, diante dos fatos relatados por Bitita no capítulo “A cidade”, havia muitas semelhanças com a atualidade e em quais situações perceberam isso. Eles afirmaram haver muitas semelhanças e ressaltaram, por exemplo, a atitude dos policiais em relação a muitos indivíduos negros. Nesse momento, o discente **Akin** afirmou: “eu não vou mentir, pró! Quando eu vejo policiais eu fico logo com medo, porque eles sempre acham que o negro é ladrão”.

Além disso, a discente **Nyashia** observou a ocorrência de um feminicídio, registrado na página 93, enfatizando o quanto essa prática é antiga. Também foi destacado pela aluna **Niara**, que “o racismo era muito forte naquele período. Só muda pra hoje porque o povo não faz as coisas na cara”. Acrescentei à informação dela, a existência do racismo velado e esclareci do que se tratava. Assim, chegamos ao tempo limite de nossa aula e encerrei o encontro solicitando a leitura dos capítulos “Meu Genro” e “A morte do avô”, para abordagem na etapa seguinte.

4.3 LINGUAGENS EM AÇÃO

Etapa IX: Cruzando linguagens

A nona etapa das nossas atividades aconteceu no turno oposto ao que os discentes estudam, no laboratório Júnior da unidade escolar. Preparei, junto à direção, um atestado para os discentes que trabalham apresentarem como justificativa às suas ausências nesse período e conseguimos que todos participassem, exceto um, pois estava encerrando seu vínculo empregatício com uma empresa exatamente nesse dia, e por isso não poderia deixar de comparecer ao local de trabalho.

Estava previsto, que nessa ocasião, a escola fornecesse o almoço para a turma, já que os alunos ficariam, após as aulas da manhã, para o encontro à tarde. Porém, ao chegarmos pela manhã, nos deparamos com uma notícia inesperada: a escola estava sem água. Esse fato inviabilizaria a realização do nosso encontro, por isso fui até a sala comunicar à turma, e para minha surpresa, eles disseram que ficariam assim mesmo. Expliquei-lhes que não havia condições de ficarem o dia inteiro, pois eu só havia encomendado o lanche da tarde, mas ainda assim insistiram, e uma discente que mora perto da escola mobilizou a turma, afirmando que se fizessem uma “vaquinha” ela iria em casa e prepararia algo para comerem. Todos concordaram!

Rapidamente todos contribuíram, principalmente eu e a diretora do colégio. Providenciamos, também, refrigerantes e água e, então, todos almoçaram, em clima de muita alegria. Durante o descanso no horário de almoço, os grupos ficaram ensaiando as dramatizações que seriam apresentadas. Foi gratificante observar o envolvimento dos discentes com a proposta.

Começamos a aula no turno vespertino com um pouco de atraso, devido à caracterização dos discentes para apresentarem os diálogos criados em etapa anterior. Estabeleci uma ordem de apresentação e convidei então o primeiro grupo. As dramatizações realizadas a partir dos personagens e diálogo criados na etapa VI foram apresentadas por três grupos e se revelaram

interessantes, divertidas, mas também passaram mensagens de acolhimento, encorajamento e reflexão no tocante às demandas étnico-raciais.

Figura 37
Discentes apresentando dramatização



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 38
Discentes apresentando dramatização



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Em seguida, convidei os discentes a se reunirem em grupos e sondei algumas informações sobre os capítulos “Meu genro” e “A morte do avô” para verificar se haviam lido. Percebi que alguns não haviam lido e logo se anteciparam nas justificativas para o não cumprimento da tarefa. Findadas as argumentações, entreguei-lhes uma espécie de ficha, para que fizessem, em grupo, uma leitura guiada, e identificassem informações relevantes dos capítulos.

Figura 39
Discentes realizando a atividade



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Na sequência, fizemos uma breve pausa para o lanche. Após isso, os discentes foram novamente convocados e pedi que se organizassem em semicírculo. Em seguida, perguntei-lhes se eles gostavam de cordel, ao passo que recebi resposta afirmativa. Com isso, realizei a leitura dramatizada do cordel de Jarid Arraes, sobre Carolina Maria de Jesus. Os discentes ouviram com muita atenção, manifestando-se com aplausos ao final da leitura. Sendo assim, lancei, então, a nova proposta a ser desenvolvida: dividi a turma em cinco grupos, a fim de que cada grupo recontasse a história de um capítulo do livro, em forma de cordel. Os capítulos foram: “A escola”, “A fazenda”, “Retorno à cidade”, “Doméstica”, e “A doença”.

Após isso, deixei que os grupos se organizassem e começassem as leituras para iniciarem suas produções, e ao final do tempo destinado para a tarefa, lembrei-lhes o prazo para a finalização da leitura do livro e combinei a apresentação dos cordéis para a 11ª etapa. Encerramos assim as atividades desse momento.

Etapa X: Registros de uma mulher negra: dificuldade e resistência

Para dar início a essa oficina, convidei a turma a se organizar em um semicírculo e a fazermos uma reflexão a partir de uma dinâmica que consistia em retirar uma pergunta de uma caixinha e socializar com o grupo, promovendo um debate sobre ações racistas que, muitas vezes, praticamos sem perceber.

Figura 40
Discente respondendo a um questionamento



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Os questionamentos foram:

- 1-Com Carolina Maria de Jesus eu aprendi que...
- 2- Uma expressão racista que eu já utilizei.
- 3-Você acha que ainda existe racismo no Brasil?
- 4-Quais ações podem ser implementadas para erradicar o racismo no Brasil?
- 5- Você já praticou brincadeiras racistas? Quais?
- 6-Você já atravessou a rua ou ficou assustado, achando que seria assaltado por um indivíduo de pele negra? Por que isso aconteceu?
- 7- Você já pensou em racismo como “mi-mi-mi”, ou já ouviu alguém se referir dessa forma?

As respostas foram bastante pertinentes e culminaram em um debate que promoveu uma clara tomada de consciência sobre as dificuldades enfrentadas pela população negra no cotidiano da sociedade brasileira, sobretudo a mulher negra, representada na figura de Carolina

Maria de Jesus. Ao responder a primeira pergunta, sobre o que aprendeu com Carolina, a discente **Jata** revelou que aprendeu “que devemos ser persistentes e nunca desistirmos dos nossos sonhos. Resistir sempre!”. Comentei então que a forma encontrada por Carolina para resistir, além do seu comportamento empoderado, foi a escrita, consequência também de sua vida aplicada na busca de conhecimento através da leitura.

Quando ocorreu a leitura do segundo questionamento, o discente **Akin** argumentou que, muitas vezes, praticamos racismo diariamente sem percebermos. Diante disso, os discentes ressaltaram que ocorrem situações nas quais utilizam ou ouvem expressões racistas, como “preto de alma branca”, “negra do cabelo duro”, “branco correndo na rua é atleta, preto correndo na rua é ladrão”, “todo preto se parece” e a famosa expressão: “só podia ser preto”. Sobre existir racismo no Brasil, todos concordaram que sim. E um ressaltou: “existe, professora, só que as pessoas não admitem”. Aproveitei o momento para falar sobre o que é racismo velado e como ele permeia, em várias situações, o cotidiano da sociedade brasileira.

No âmbito das brincadeiras, por exemplo, argumentaram que, geralmente não paravam para pensar. Apenas seguiam situações que já haviam presenciado, sem refletir no que elas representavam. Também admitiram a necessidade de tomar mais cuidado com isso. Sobre o fato de as pessoas julgarem racismo como “mi-mi-mi”, disseram ser rotineiro. Como possibilidade de mudanças, ressaltaram a importância da conscientização das pessoas e a punição efetiva contra praticantes de racismo.

Etapa XI: Reavaliando o processo.

As atividades de retextualização, como a transposição de um gênero textual para o outro estão muito presentes em nosso cotidiano, e apesar de, na maioria das vezes, não as conhecermos com essa denominação, geralmente, conseguimos executar essa transposição com certa tranquilidade. Um exemplo disso, foi a produção de cordéis a partir de alguns capítulos do livro em estudo e apresentação dos mesmos, pelos discentes, nessa etapa da intervenção.

Iniciei as atividades com uma palavra de acolhimento, um convite à formação de um círculo e estabeleci a ordem de exposição dos cordéis. Assim sendo, os discentes procederam com as exposições, informando o capítulo lido, o assunto, e realizando a leitura dos textos. Foi um momento descontraído e muito interessante de compartilhamento das leituras. Vale ressaltar que, nesse período, os discentes já haviam concluído a leitura da obra, por isso a abordagem das temáticas dos textos foi realizada de forma mais diferenciada.

Figura 41
Discentes apresentando cordel



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 42
Discentes apresentando cordel



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Após isso, chegou, então, o momento em que, utilizando slides com os principais fatos abordados nos capítulos seguintes, mediei o processo de compartilhamento de informações e

conclusões sobre a leitura, ouvindo as considerações dos alunos sobre os relatos. Foram abordados os principais fatos referentes aos capítulos “A Revolução”, “As Leis da hospitalidade”, “A cultura”, “O cofre” e “O médium”. Sendo esse último o momento em que Bitita encontra a cura para o seu problema de saúde, após muitas tentativas e lutas para se livrar da doença.

Para finalizarmos a leitura da obra, da mesma forma como iniciamos no primeiro encontro, novamente formamos um círculo de leitura, com a participação de todos os discentes. Ao final dessa ação, questionei a turma sobre como avaliavam a obra, se gostaram das memórias, enfim, o que acharam das histórias contadas por Carolina, e, então, eles responderam em grande maioria, que gostaram. A discente **Jata** perguntou: tem a continuação da história dela em outro livro, pró? A gente podia ler.” Em resposta a ela, a discente **Niara** sugeriu: “*Quarto de despejo*, né pró? Vamos ler também!”. Concordei com a proposta, mas argumentei que precisaria de tempo para estruturar um novo trabalho. Diante disso, encerramos o encontro com as orientações sobre o dia, horário, e apresentações referentes à culminância do projeto.

Figura 43
Discentes participando do círculo de leitura



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora 2019.

Etapa XII: Consolidando Saberes

Após risos, lágrimas, imprevistos e grandes emoções, chegamos ao momento de encerrarmos a nossa intervenção, com a certeza de que uma sementinha foi plantada no coração dos discentes e também da docente, para que trabalhos como esse se repitam e reverberem pela unidade escolar, pelo município, pelo estado, enfim! Foi uma caminhada muito prazerosa, que me permitiu não apenas aplicar mais um projeto de leitura, mas perceber a trajetória dos discentes de uma forma mais humana, me identificar com as memórias produzidas por eles, exercitar a empatia diante das exposições feitas na sala de aula, fossem elas de alegria ou de tristeza.

O plano inicial para esse momento da intervenção era de que fosse realizado no auditório da escola, mas devido a incompatibilidade entre as datas possíveis para a culminância do projeto e a agenda do professor de História, foi necessário realizar esse evento em um dia no qual o auditório seria utilizado em outra atividade. Por isso, o encontro foi realizado no Laboratório de Ciências, que é um espaço amplo e acomodou os discentes e professores convidados de forma satisfatória.

Iniciei as atividades falando sobre o projeto, sobre a importância da literatura afro-brasileira e a necessidade de inseri-la no ambiente escolar. Na sequência, solicitei à discente **Aziza** que declamasse o poema produzido por ela, e ressalto aqui que foi uma apresentação emocionante! Após isso, agradei ao professor Uberdan Cardoso, professor de História, por se fazer presente, e então convidei-o para falar.

Figura 44
Discente apresentando dança africana e recitando poema



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

O professor foi muito cordial com os discentes e trouxe informações históricas muito significativas sobre a trajetória da população negra no país. Além disso, trouxe palavras de motivação e os discentes se envolveram na roda de conversa com entusiasmo e perguntas, já que estavam diante de um conhecimento que em nenhum outro momento eles tiveram acesso.

No seguir da programação, convidei então um representante de cada grupo formado para a produção de cordéis, para expor oralmente os textos, pois os mesmos, juntamente com as memórias, já estavam expostos em um varal de textos, à disposição de quem quisesse ler. Após isso, houve a apresentação de uma dramatização, estruturada a partir da produção de diálogos e criação de personagens durante as oficinas.

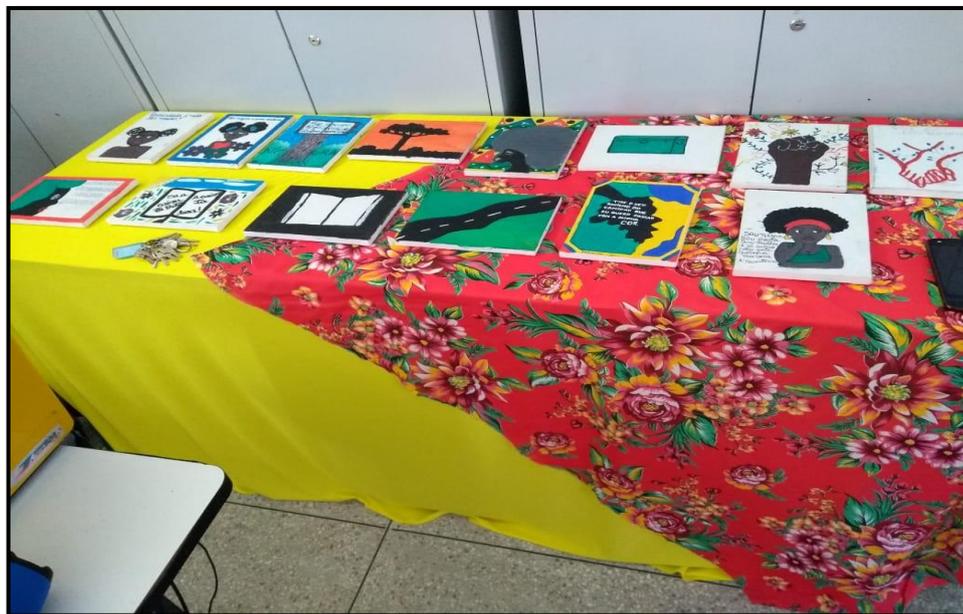
Agradei a presença de todos, e fui surpreendida com uma calorosa homenagem dos discentes envolvidos. Para finalizar o momento, convidei a todos para nos confraternizarmos com a partilha do lanche preparado para a ocasião e exibi o vídeo com imagens dos melhores momentos do projeto.

Figura 45
Professor de história – roda de conversa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 46
Quadros produzidos pelos discentes



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A transição da minha vida foi impulsionada pelos livros. [...] É por intermédio dos livros que adquirimos boas maneiras e formamos nosso caráter. Se não fosse por intermédio dos livros que deu-me boa formação, eu teria me transviado, porque passei 23 anos mesclada com os marginais.

Carolina Maria de Jesus.

Uma vez apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam essa pesquisa e descritas as etapas de aplicação da intervenção, a investigação dos resultados obtidos com as ações implementadas constitui fator preponderante para a consolidação da assertiva de que a leitura do texto literário afro-brasileiro pode exercer importante papel nas aulas de língua portuguesa e contribuir com o letramento literário dos discentes, favorecendo o tratamento de discussões étnico-raciais, com vistas à desconstrução de mentalidades e práticas racistas e preconceituosas no ambiente escolar e, conseqüentemente, o fortalecimento das identidades étnico-raciais dos discentes.

As informações contidas nesta seção foram coletadas em diferentes momentos da sequência de ações realizadas nessa proposta, com o intuito de promover uma avaliação processual e contínua do percurso de aprendizagem. Sendo assim, a abordagem que se segue levará em consideração dados obtidos a partir de questionários investigativos, produções orais e escritas dos discentes, elaboradas durante as ações dessa proposta, a participação e o envolvimento deles nas ações propostas.

5.1 RECONHECIMENTO DO PERFIL LITERÁRIO E SOCIAL DOS DISCENTES

Para a validação e respaldo das informações aqui disponibilizadas, inicialmente, examinei algumas respostas obtidas mediante a aplicação de um instrumento avaliativo envolvendo questões com a temática do projeto, com o intuito de mapear hábitos e concepções de leitura e fazer o levantamento de um perfil social dos discentes envolvidos nesse trabalho. Vale ressaltar, que para a complementação dessas informações, também observei atentamente os diálogos estabelecidos com o grupo, os quais foram fundamentais para a sistematização de dados importantes para a execução da proposta.

Pautada nessa aplicação, foi possível observar que, dos dezesseis discentes que compõem a turma, somente dois residem na área urbana. Apesar disso, os residentes em localidades rurais possuem celulares, acesso à internet e redes sociais e deslocam-se

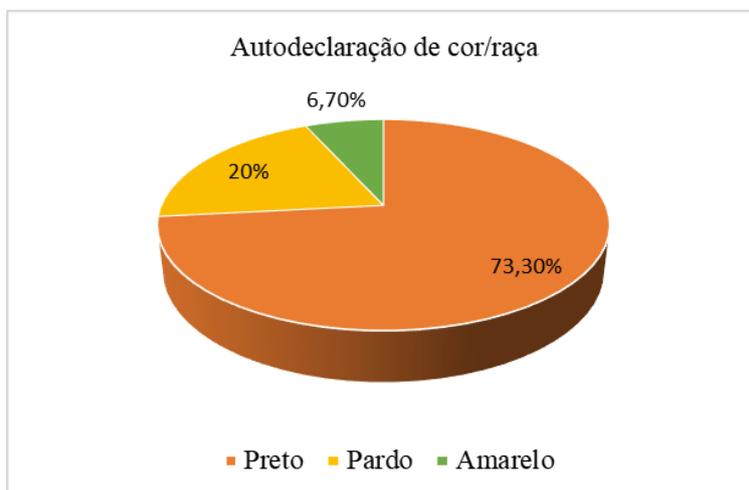
diariamente para desenvolver as suas atividades, já que estudam na cidade e realizam estágio ou trabalham no turno oposto ao que exercem suas atividades escolares. No que concerne à faixa etária dos mesmos, convém destacar que são jovens com idades que variam entre 17 e 23 anos, cujo perfil de leitura está exposto no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Perfil de leitura dos discentes



É importante notar, que de acordo com o gráfico exposto, uma parcela significativa da turma, antes da aplicação da intervenção, já afirmava possuir o hábito de leitura. Dessa forma, coube a mim a implementação de ações com o intuito de despertar, nos demais, o interesse pela leitura e por atividades que seriam pautadas na leitura de um livro de literatura e pensar em uma metodologia envolvendo proposições que aguçassem a curiosidade do grupo e o interesse pela obra. Ao serem questionados acerca de sua cor/raça, os discentes atribuíram respostas conforme o gráfico 2, exposto a seguir:

Gráfico 2 – Autodeclaração de cor/raça



Em conformidade com as informações dispostas na representação acima, é possível constatar que a maior parte dos discentes componentes da turma se autodeclararam negros. Fato constatado através do questionário investigativo aplicado na etapa de introdução ao projeto, na qual eles ainda não tinham noção do que de fato ocorreria a partir dessa investigação. Foi-lhes esclarecido apenas que o questionário deveria ser respondido com atenção às informações, pois seria utilizado como recurso para comprovação de uma pesquisa que seria realizada por mim.

Diante dos conhecimentos levantados, constatou-se previamente que a temática escolhida para nortear essa proposta de leitura está diretamente relacionada ao modo de ser e de se perceber desses discentes. Outra ocorrência que respalda essa inferência é o fato de todos eles terem selecionado a opção “racismo e desigualdade social” como assuntos que gostariam de que fossem abordados nas leituras e discussões em sala, informação que pode ser comprovada observando os resultados tabulados na sequência desse trabalho, onde serão explicitadas algumas indagações lançadas no questionário, as respostas que foram escolhidas e a porcentagem calculada a partir desses levantamentos.

Vale ressaltar ainda, que o instrumento de pesquisa a partir do qual essas informações foram, completo, possui dezoito perguntas, e encontra-se disponível no **APÊNDICE A**, dessa pesquisa.

Tabela 1 – Levantamento de perfil literário e social dos discentes

Questionamento	Respostas Assinaladas	Porcentagem
A população brasileira é formada por diferentes grupos étnicos. O que você percebe em relação à convivência desses grupos?	Nem sempre existe harmonia entre esses grupos, pois há indivíduos que se consideram superiores aos outros.	93,4%
	É uma convivência difícil, por causa das diferenças, mas as pessoas são tolerantes e conseguem conviver bem com as diferenças.	6,6%
Quais dos temas abaixo você acha importante serem abordados nas leituras em sala de aula e nas discussões em classe?	Amor. Família. Relações sociais no Brasil. Racismo e desigualdade social. Valores. Violência	26,7% 40% 53,3% 100% 33,4% 53,3%
Você já sofreu racismo?	Sim	27%
	Não	73%
Em sua turma, às vezes, alguém faz piada com o cabelo, a cor ou alguma parte do corpo dos colegas?	Sim	86,7%
	Não	13,3%

Você costuma ler?	Sim	56,25%
	Não	43,75%
O ato de ler, em sua opinião, é:	Gosto de ler, mas o assunto precisa ser interessante para mim.	26,7%
	Gosto de ler sempre! É através da leitura que adquirimos conhecimentos importantes para a vida.	40%
	Gosto de ler, mas faço isso raramente.	33,3%
Você já ouviu falar em Literatura Afro-brasileira?	Sim	26,7%
	Não	73,3%

As informações expostas demonstram alguns aspectos importantes em relação aos discentes, dentre os quais podemos ressaltar o fato de poucos admitirem já ter sofrido racismo, mas uma grande maioria (86,7%) revelar que entre a turma acontecem brincadeiras que expõem os colegas devido à cor da pele, a textura do cabelo ou aspectos referentes ao corpo, o que nos permite afirmar que existem concepções discriminatórias que foram introjetadas no imaginário desses indivíduos, as quais os conduzem a separar características consideradas “adequadas” e “inadequadas”, conforme estereótipos preestabelecidos, as quais eles acreditam que sejam normais.

Além disso, é possível também verificar que eles não possuem, nesse primeiro momento, a compreensão da dimensão do conceito de racismo e de discriminação, já que consideram comum que ocorram essas brincadeiras entre si. Fica claro que eles não conseguem ter, de fato, uma noção de quais situações vivenciadas no cotidiano podem ser consideradas ocorrências de racismo.

Somado a isso, convém destacar ainda que a discente **Shena** respondeu à pergunta se já havia sofrido racismo afirmando que: “Não, ou se sofri, não soube identificar”. Situações como essa são muito comuns entre os discentes, e isso ocorre principalmente porque os estudos voltados para as relações raciais no Brasil, história e cultura da África, reflexões sobre racismo e segregação racial, dentre outros assuntos do mesmo âmbito, ainda são ausentes no contexto escolar, o que configura uma negligência das instituições pedagógicas, e de muitas Secretarias de Educação estaduais e municipais no que concerne à efetivação da Lei 10.639/2003, além do desinteresse de alguns professores em levar essa temática para a discussão em sala de aula.

Acerca do gosto pela leitura, as respostas escolhidas para as questões revelaram que os discentes gostam de ler, mas é necessário que o profissional docente tenha sensibilidade e cuidado na escolha da leitura a ser proposta, a fim de que a atividade leitora possa se concretizar na sala de aula, propagando-se para a vida dos mesmos de forma positiva, prazerosa e crítica. Concernente à literatura afro-brasileira, foi possível verificar que 73% da turma, embora já

cursando o Ensino Médio, ainda não tinha ouvido falar dessa modalidade literária, ou não conhecia obras pertencentes a essa categoria, o que instigou a curiosidade e favoreceu a identificação com a proposta, reverberando nas produções desenvolvidas pelo grupo durante o processo de aprendizagem.

Em virtude dos fatores elencados, foi possível compreender que um trabalho pautado na leitura do texto literário afro-brasileiro, no ambiente em questão, se configurou como algo pertinente e necessário na formação educacional desses sujeitos. A utilização do questionário investigativo nesse trabalho foi de grande valia, pois através dele foi possível direcionar adequadamente a pesquisa, escolher a metodologia, as atividades e as abordagens a serem feitas, além de conhecer um pouco mais sobre os participantes envolvidos na intervenção.

Diante disso, convém salientar o papel da escola nesse contexto, ratificando que é imprescindível que ela insira em seu espaço e planejamento pedagógico, possibilidades de entendimento e formação de consciência crítica, por parte dos discentes, acerca das relações raciais e conteúdos afins, não apenas por cumprimento à Lei 10.639, mas por uma necessidade que se faz presente no contexto brasileiro, sobretudo o baiano, especialmente pela alta concentração da população negra no estado.

Ademais, é necessário que enquanto professores de língua portuguesa e de literatura, passemos a explorar a potência do texto literário afro-brasileiro para suscitar o hábito de leitura nos discentes da Educação Básica, no Ensino Fundamental e Médio, proporcionando-lhes experiências que garantam a aquisição de novos conceitos e formas de ser, de viver e de olhar para as situações que vivenciam cotidianamente, dentro e fora da escola.

5.2 MÚLTIPLAS INTERPRETAÇÕES DO TEXTO LITERÁRIO AFRO-BRASILEIRO

As possibilidades de construção de sentidos a partir da leitura são muitas. No texto literário, essas perspectivas se tornam ainda maiores, pois essa modalidade textual, na maioria das vezes, devido à subjetividade, recursos estilísticos e outros aspectos, os quais somados à realidade em que o leitor vivencia, seu repertório cultural e sua criticidade, culminam em uma visão mais ampliada, tanto acerca do texto lido, quanto da própria realidade que circunda o indivíduo que lê. Diante disso, busca-se aqui refletir sobre tais possibilidades observando três aspectos que procurei contemplar com as ações aqui descritas.

5.2.1 Quanto ao letramento literário...

A leitura de literatura não tem sido muito frequente nas escolas. Na realidade, em muitos espaços pedagógicos, a abordagem do texto literário tem sido omissa. Conforme já citado nesse trabalho, Cosson (2016) chama a atenção para esse esquecimento ou desvalorização do texto literário no contexto escolar e aponta como causas a multiplicidade de textos acessíveis aos discentes, a variedade de manifestações culturais, a onipresença das imagens e as próprias mudanças em sociedade. Mas, serão apenas esses os fatores que afastam o discente do interesse pelo texto literário?

Com certeza não! A maneira como esse tipo de texto é apresentado ao discente faz diferença, apesar dos tantos estímulos que influem para roubar sua atenção. Muitas vezes, a abordagem de literatura no Ensino Médio é feita apenas com base no estudo dos movimentos literários, ressaltando-se o contexto histórico da época, características e principais autores, sem ênfase na leitura de obras, na sua interpretação ou recriação de significados ou de ideias apresentadas a partir dela. Isso nos remete a pensar sobre a crítica de Lajolo (2018, p. 15), ao salientar que “formam-se leitores lendo” e enfatizar que essa leitura deve ser também de literatura. Mas, infelizmente, a escola tem caminhado na contramão desse percurso, por isso a literatura tem perdido o seu lugar nas aulas de língua portuguesa e o gosto pela atividade leitora não tem sido despertado.

Além disso, muitas obras literárias não refletem uma realidade que permita aos discentes a identificação com elas. E isso nos propõe avaliar quais textos literários têm sido levados para o contexto da sala de aula. O ensino da literatura no contexto brasileiro, baiano, está amplamente centrado na literatura hegemônica. E de fato, reconhecemos a sua importância. Mas, somente esse tipo de literatura deve ser lido no âmbito escolar? E onde estão as literaturas indígena e afro-brasileira? Por que não as inserir no contexto escolar?

Essas reflexões são bastante necessárias, se quisermos manter a literatura na escola e experienciar toda a força do texto literário. Exatamente por isso, a continuarei essa investigação avaliando as ações propostas do texto literário afro-brasileira na sala de aula, na unidade escolar onde atuo como docente. Primeiramente, gostaria de ressaltar que as etapas de sensibilização e introdução da literatura afro-brasileira no contexto da escola em que leciono ocorreram de forma tranquila e com grande receptividade. As etapas 1, 2 e 3 da sequência didática explicitada na seção 3 desse trabalho foram pensadas exatamente com o intuito de sensibilizar o olhar do discente em relação à importância das temáticas a serem abordadas e estabelecer uma reflexão sobre a autora e sobre a obra escolhidas.

Nessas etapas, foram realizadas a aplicação de um instrumento de pesquisa, que respaldou as considerações iniciais dessa seção, dinâmicas, exibição de vídeos e um círculo de leitura, o qual inicialmente julguei como uma das ações que talvez não despertasse muito interesse na turma, já que os discentes são bastante agitados. Mas, para a minha surpresa, lhes agradou e muito, e tanto, que pediram para repetirmos. Percebi, nesse momento, os discentes curiosos e ansiosos pela continuidade das leituras. Dessa forma, essa situação desconstrói uma inferência entreposta no cotidiano escolar, de que eles não gostam de ler.

Começada então a leitura, exploramos os sentidos e buscamos o alcance daquilo a que essa intervenção se propõe: o letramento literário e o fortalecimento de identidades étnico-raciais dos discentes, a partir da literatura afro-brasileira. Considerou-se, também, o que diz a Base Nacional Curricular Comum (2017), ao salientar que é necessário que o componente curricular língua portuguesa busque a ampliação dos letramentos dos discentes, criando possibilidades para eles se expressarem em diferentes linguagens. Sendo assim, a primeira atividade proposta após o contato inicial com o texto literário afro-brasileiro foi a produção de memórias da infância, já que, na obra em estudo, Carolina Maria de Jesus narra memórias de sua infância e juventude.

Os relatos produzidos pelos discentes abordaram diferentes temáticas, mas em todos estavam presentes as peripécias de crianças, assim como em parte do livro, e também histórias tristes, as quais permeiam o cotidiano da população negra, pobre e de periferia, conforme é possível verificar partir do texto da discente **Aduke**:

Todo mundo tem histórias emocionantes para contar sobre sua infância vivida e eu tenho a minha. Todos quando era pequena sonhava em^{ser} alguém, meu sonho era ser uma princesa e tirar minha família das dificuldades. Como alguns sonhos são fantasiosos, os meus também eram.

Lembro das brincadeiras na chuva, dos momentos com os amiguinhos nadando numa lama de água, dos momentos mais difíceis que vivia, ainda consigo me lembrar de quando em alguns dias não tinha-
mos muito o que comer, as vezes uma farinha com óleo, outras vezes pão seco com café e os pedacinhos de frango divididos com vários irmãos no almoço.

Tínhamos minha mãe e mais 9 filhos em

casa de taipa que muitas vezes quando chovia, um lado da casa caía e tínhamos que ir nos madrugada dormir na igreja. Com 9 anos de idade perdi uma das pessoas que mais amava, meu irmão velho que morreu em um acidente no dia do meu aniversário.

o que era pra ser uma infância feliz tinha começado a se tornar um pesadelo.

Depois que pai morreu, minha mãe não quis mais cuidar, ela sempre teve medo de acontecer algo com cada uma das suas filhas, mas como tudo mede vira realidade, com 13 anos eu fui abusada, e o sorriso de uma criança foi se tornando em lágrima, então eu comecei a me cortar, a pensar em suicídio em cada segundo meu dia. Foi engarrafado, sofreu bullying, realismo e muitas outras coisas.

Fui estava perdida e então Deus me levantou, ele x est^{ou} enchugou minhas lágrimas e me deu pessoas especiais pra mim.

Hoje eu lembro sem dor e acho que já é o suficiente.

Hoje eu também corrigo um ~~se~~ novo sorriso, eu também corrigo as minhas cicatrizes de rito de mim, pra me lembrar que as tempestades são passageiros e que existe sempre uma nova esperança se renovando.

Fui não sou os meus dores e traumas que sou pra na infância, eu sou e sempre serei a menina que sonhava em dias melhores e maiores neste mundo.

Motivada pelo texto de Carolina, a discente encorajou-se a narrar através do texto escrito e, posteriormente ler, no momento de socialização, na sala de aula, vivências bem particulares, que evidenciam a infância pobre, a fome, as dificuldades com a moradia e com a violência a qual estão expostos principalmente os indivíduos pobres e negros no Brasil. Verifiquei, através dessa produção, como o texto literário afro-brasileiro, quando exposto ao discente, geralmente convida-o para uma reflexão tocante sobre a sua própria existência. O tom de desabafo e também de superação diante das experiências vividas demonstram uma forma de tentar esquecer as dores que marcaram a trajetória.

Muito provavelmente, se essa proposta de produção textual não fosse lançada após a leitura das memórias retratadas por Carolina, as quais a da discente se assemelham, o texto, ainda que com os erros ortográficos e de pontuação, não fluiria tão facilmente e tão naturalmente. Experienciar a leitura, o letramento literário perpassa exatamente pela questão de desenvolver novas habilidades com base nessa leitura.

No início do texto, a discente fala sobre a projeção de uma imagem, a qual era a identidade escolhida ainda quando criança, uma identidade que logo vai se modificando com o desenrolar dos fatos, sendo moldada a partir das experiências e do convívio social. Isso comprova claramente tanto o que afirmam os interacionistas C. H. Mead e C. H. Cooley, citados por Hall (2006), quando ressaltam que o indivíduo tem uma essência interior, um “eu real”, mas que é nos convívio com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que lhes são oferecidas que constroem a sua própria identidade, quanto o pressuposto de Bauman (2005), ao salientar que as identidades sofrem constante mutação e são alicerçadas a partir das atitudes assumidas pelo sujeito e pelas referências adotadas por ele.

Na totalidade dos textos produzidos nesse primeiro momento, foi possível observar que, assim como nas memórias de Carolina, nos registros dos discentes também estão presentes as dificuldades para ter uma moradia digna, para se inserir na sociedade. Diante do texto exemplificado, cabe ressaltar que, ao serem perguntados sobre em que fatores se identificaram com as histórias contadas no livro, eles destacaram especialmente as adversidades enfrentadas cotidianamente, a fome e a persistência em meio a circunstâncias tão adversas.

É relevante salientar, ainda, que a produção textual nem sempre é a atividade preferida dos discentes nas aulas de língua portuguesa, mas, dessa vez, foi desenvolvida com fluidez, já que significava para muitos um espaço de compartilhamento de suas vivências, as quais também se aproximavam das experiências narradas pela autora, fato que coloca em cena novamente o

pensamento de Rios (2010), quando afirma que a educação é um movimento de socialização de saberes, que permite a construção e reconstrução das sociedades, proporcionando aos envolvidos nesse processo o renascimento. A leitura desses textos, em classe, proporcionou entre os discentes, e entre eles e a docente, um fortalecimento na relação de respeito, carinho e admiração e principalmente uma importante reflexão sobre os comportamentos que adotamos diante das intempéries da vida.

Partilhar tais relatos parece ter sido algo gratificante, já que o protagonismo de uma voz negra, periférica e pobre como a de Carolina Maria de Jesus também se estendeu a eles, de modo a encorajá-los a contar as suas vivências menos conhecidas por todos. E mais que isso, a relatarem essas memórias em momento específico, no qual muitos se emocionaram e choraram, verbalizando ainda a necessidade que tinham de falar daquelas experiências. Alguns chegaram a agradecer especificamente por esse momento, talvez porque, ao ouvirem os outros, eles tenham se reconhecido e se projetado nessas histórias. Percebi, naquele momento, o quanto nós, professores, precisamos ouvir os nossos alunos, exercitar a empatia, e mais que isso, ajudá-los e orientá-los para o enfrentamento de questões voltadas para o seu convívio em sociedade.

Entendo que essa atividade ou uma atividade semelhante, elaborada e desenvolvida a partir de uma experiência de leitura literária como a do *Diário de Bitita* contribua de forma significativa para o letramento literário dos discentes e para a sua formação humana. E a partir dessa vivência, ressalto o pensamento de Cosson (2016, p. 29-30), quando declara que “se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler [...]. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo.” E esses discentes foram. Não basta apenas ler, é preciso que a leitura promova indagações, reflexões, mudança de comportamento, o aprimoramento da consciência crítica por meio dos compartilhamentos, para então repercutir nas práticas sociais cotidianas desses indivíduos.

A formação de leitores que consigam transformar a experiência leitora em novas situações comunicativas e explorar essa humanização por meio da literatura, ideia ressaltada e defendida por Candido (2011) e ratificada por Cosson (2016), deve ser uma das prioridades do ensino de língua materna, pois o ato de leitura decodificada nada acrescenta ao discente. A leitura, principalmente de literatura, é carregada de significados que precisam ser explorados em diferentes maneiras. Por isso buscou-se, nessa intervenção, a diversificação de possibilidades de leitura e interpretação do *Diário de Bitita*.

Ainda no âmbito das possibilidades de letramento, foi desenvolvida uma atividade na qual os discentes realizaram uma proposta de retextualização, cujos textos foram produzidos

em pequenos grupos e estão dispostos a seguir. Essa ação foi desenvolvida com base em capítulos previamente selecionados, já referidos na sequência didática dessa intervenção. Os títulos dos cordéis são exatamente os títulos atribuídos aos capítulos a que se referem. Vale ressaltar, que os discentes leram todos os capítulos, mas cada grupo ficou responsável por um. Seguem os textos:

Texto 1 – A Escola

A mãe de Carolina quis colocá-la na escola
Mas ela não queria ler
Só depois de tanto ensino
percebeu que tinha que aprender.

Muitas vezes ela foi discriminada
Por causa da sua cor
E assim, com os seus colegas,
Muito triste ela ficou.

Na escola, por causa dos colegas,
Ela não queria ficar.
Mas depois que aprendeu a ler,
Não quis mais parar de falar.

Pensou muito em desistir,
Mas a professora lhe ajudou.
E assim Bitita foi se esforçando
Para chegar onde chegou.

Esqueceu o preconceito dos colegas
E nunca mais parou.
E assim o gosto pela leitura,
Para a vida ela levou.

Empolgada com o saber
Falou a senhora Bitita
Fez de seu pouco estudo e conhecimento
Um aprendizado para a vida.

O texto I foi produzido pelas discentes **Malaika, Aziza e Ashia**, com base no capítulo do *Diário de Bitita* intitulado também “A Escola”. É possível perceber, confrontando com a leitura do capítulo, que elas buscaram estabelecer rimas nas terminações dos versos, conseguiram ressaltar e retratar os acontecimentos, conforme as memórias da autora, concluindo a atividade sem apresentarem dificuldades. Observa-se que mudaram o foco narrativo do texto, reformulando-o em terceira pessoa, contando tudo de forma mais distanciada dos fatos.

Texto 2 – Doméstica

Fui trabalhar na casa de um farmacêutico
 Que hospedava seu sobrinho, o padre Geraldo.
 Ele chegou de Roma para rezar uma missa
 E todos estavam convidados.

Eu não conhecia a casa,
 Ficava apenas na cozinha e no quintal.
 De repente, houve um rebuliço lá dentro.
 Será que isso era normal?

Eu só ouvi as palavras: deve ter sido ela!
 Quando percebi estava rodeada de soldados.
 Que insistiam em me acusar
 De ter roubado os cem mil réis do padre Geraldo.

Eu continuava a dizer que era inocente
 Porém, fui presa por dois soldados e um sargento.
 A notícia que circulava era: Bitita roubou cem mil réis.
 Aquilo para mim era um tormento.

Quando menos eu esperava, o telefone tocou.
 Eu já sentia o suor frio em minhas mãos.
 Era o padre avisando que encontrou o dinheiro
 E queria me pedir perdão.

A família não consentiu
 Dizendo que negro não tinha mentalidade.
 Mas a prova visível disso são eles
 Que não sabem o que nós sentimos de verdade.

O texto II, criado a partir do capítulo “Doméstica”, pelas discentes **Hanna, Shenna, Niara e Niashia**, também apresenta os elementos estruturais necessários a um cordel, como rima, equiparação dos versos e foi desenvolvido em consonância com os fatos narrados no texto de Carolina. Interessante notar ainda, que foi mantida a primeira pessoa do discurso, como no texto referência, diferentemente do texto I, em que as autoras se colocaram na posição de narrador-observador, narrando em terceira pessoa.

Texto 3 – A Fazenda

Um dia um homem apareceu na cidade
 Procurando uma mulher pra se casar e com ele morar.
 Bitita e a mãe ele convidou
 E foi aí que ela falou: só se o lugar for na roça,
 Um cantinho saudável e simples,
 E daí então Bitita, sem duas vezes pensar, aceitou.

A vida na roça tinha muita fartura.

Criavam animais,
 Colhiam frutas, legumes e verduras
 Sempre tinham o que comer.
 E Bitita toda contente dizia:
 Nossa vida nunca mais será dura!

Trabalhou quatro anos na fazenda
 Até que um dia o fazendeiro lhes expulsou.
 Que só tinha prejuízo, ele alegou.
 Pra sacramento então teriam que retornar
 E de tristeza Bitita chorou.
 E então para a cidade, cabisbaixa ela voltou.

O texto III foi produzido pelos discentes **Akin, Jahi e Makori, com base** no capítulo “A Fazenda”. No momento de produção, manifestaram dúvidas quanto à estruturação do texto, as quais lhes esclareci, direcionando-os para que se ativessem aos fatos e levassem em consideração a estrutura textual comum ao gênero, estabelecendo também rimas interessantes. Apesar disso, percebo que tiveram dificuldades para estabelecer essas rimas na construção textual. Quanto aos fatos narrados no capítulo, é possível notar que poderiam ser explorados de forma mais detalhada e deixarem o cordel mais interessante, fornecendo mais possibilidades de interpretação e conhecimento da realidade, por parte do leitor/receptor do mesmo.

Texto 4 – A Cidade

Me escutem, caros ouvintes
 Pois um cordel agora eu vou contar
 É a história de Bitita, uma mulher negra
 Que não tinha quase nada, só o que sonhar.

Viveu boa parte do tempo na roça,
 Sem ter com o que se sustentar.
 Cada história no seu diário,
 Nos fazia arrepiar!

Quando ficou mais velha,
 Na cidade quis morar,
 Pra tentar algo novo
 E a sua vida melhorar.

A cidade não era como ela esperava,
 Todos os dias havia brigas na praça
 E os policiais vinham rapidamente
 Para o povo aquietar.

Um quilo de feijão e arroz, não davam para lhe alimentar.
 Sem falar na saudade da roça,
 Que todos os dias batia na porta,
 Para então lhe recordar.

Sentia saudade da farinha torrada,
Até da sua enxada!
Dos calos nas mãos, do cavalo, do maçarico
E das feridas que com folhas cicatrizava.

Para a roça ela não podia
Tão cedo voltar
Mas havia um serviço na fazenda
Tinha então que se arriscar.

Era uma luta todos os dias
Que ela precisava vivenciar
Os colonos foram se tornando escravos
De um país mais popular.

Todos os dias eles desejavam ter fatura
Para enfim poderem descansar.
E por fim, esse cordel eu quero terminar
Sem spoiler vou falar...

Que assim com a vida de Bitita
Uma lição podemos tirar:
Não importa onde estamos, devemos sempre tentar
Para que um dia possamos colher tudo aquilo que queremos conquistar

Considereei o texto IV como o mais completo, tanto no que concerne aos detalhes acerca dos fatos narrados no capítulo, quanto à estrutura e a linguagem utilizada pelas autoras. Baseadas no capítulo “A cidade”, as discentes **Aduke**, **Latasha** e **Anaya** retrataram com fidelidade as ações que se desenvolvem no texto base e ainda conseguiram construir o texto de forma que convida os leitores não apenas a prestar atenção aos acontecimentos retratados, mas também expressam uma visão crítica diante do que narram. Observa-se ainda que também mudaram o texto da primeira para a terceira pessoa do discurso.

Texto 5 – A Doença

Bitita estava doente, com uma ferida na perna
Precisava de cuidados,
Era uma doença eterna.
Foi então para Uberaba, visitar uma boa médica.

Quando chegou em Uberaba
Não conhecia ninguém
Mas lembrou que conhecia uma preta
Que poderia lhe ajudar também.

Chegando na casa da moça,
Não lhe receberam muito bem.
Não perguntaram “como vai”, muito menos “está bem”
Nem ao menos um sorriso, nos lábios de alguém.

Quando entrou naquela casa,
 Viu logo que era de telha
 Ficou muito invejada, pois tamanha era a beleza
 Pensou: uma casa assim, todo ser humano deseja.

Ela dormiu no galinheiro, não tinha lugar pra dormir
 Uma noite tão difícil, que coisa ruim!
 Não conseguia dormir nem um pouco
 E isso parecia não ter fim.

Quando o dia amanheceu, botaram ela pra fora
 E indicaram um asilo para ela se abrigar.
 Ela então pegou as suas trouxas
 E pôs-se a caminhar.

Ao chegar lá, não faltava nada.
 Nem comida, nem bebida. Ela se deliciava!
 E também fazia uns serviços,
 Enquanto com a cura da perna sonhava.

Tudo o que ela queria
 Era a cura de sua perna doente.
 Voltar a trabalhar e também viver contente.
 Voltar para a sua terra e rever os seus parentes.

O texto V, produzido por **Jata**, **Gimbya** e **Daren**, também apresenta a estrutura comum a um cordel, apresenta rimas e se mantém fiel aos acontecimentos descritos no capítulo. Os discentes conseguiram desenvolver uma coerência na narrativa e rimas bem construídas, passando a mensagem de forma sutil e até engraçada. Assim como nos textos I, III e IV, mudaram o foco narrativo da história ao produzirem os seus textos. Vale ressaltar, que essa oscilação na escolha do foco narrativo ocorreu, principalmente porque não houve um direcionamento nesse sentido. O comando inicial era apenas recontarem os fatos utilizando o gênero textual cordel, levando em conta as características do mesmo.

Através dessa atividade de transposição didática, que também consiste em uma intertextualidade a partir da leitura, foram mobilizados diferentes conhecimentos acerca do gênero, das estruturas linguísticas, da intenção da produção, o que também estimulou a criatividade. Alguns discentes manifestaram certa dificuldade por não se lembrarem de determinadas características comuns à produção de cordéis, mas conseguiram produzir, após esclarecimentos. Observei que a atividade em grupo permitiu, mais uma vez, uma troca significativa de saberes entre eles. Os discentes foram coerentes ao relatarem os fatos abordados nas memórias do livro em suas produções, embora uns tenham explorado maior riqueza de detalhes acerca dos fatos, outros não.

Sendo assim, levando em consideração também o pensamento de Soares (2004), quando afirma que o letramento se materializa através da utilização que os indivíduos fazem com as habilidades de leitura e escrita e como tais habilidades se relacionam com seus valores e práticas sociais, entendo que as atividades propostas nessa intervenção, a partir da leitura do *Diário de Bitita* contribuíram, nesse contexto, em diferentes âmbitos para o aprimoramento da competência linguística e o letramento literário dos discentes envolvidos. Especialmente porque ficou demonstrado que uma leitura não consiste na decodificação de um texto, mas na interpretação e nas possibilidades de construir sentidos e vivências a partir dela.

No item 5.2.3, serão avaliadas outras produções textuais dos discentes, registros das etapas de aplicação da intervenção, desenvolvidas a partir do uso dos diários. Analisaremos a seguir, ações implementadas no intuito de promover, além do letramento literário, o fortalecimento das identidades étnico-raciais desses discentes.

5.2.2 Quanto ao histórico, social e político... As relações étnico-raciais e o aprimoramento da consciência crítica

Sendo a sala de aula um território de diálogos, é fundamental que eles contemplem as mais variadas necessidades dos discentes que a compõem. O diálogo aprimora a oralidade, mas para além disso, estimula a consciência crítica, desenvolve nos indivíduos a capacidade de ouvir, de articular o pensamento para se expressar, de argumentar, contra-argumentar e lhes apresenta a necessidade de conviver com as diferentes opiniões, respeitando-as, independente de convicções, crenças ou valores pessoais. Nesse espaço, é possível a construção de saberes e modos de pensar, de sentir, de viver, de ser e de perceber o semelhante, os quais constituem fatores importantes na construção de identidades individuais ou coletivas.

As ações voltadas ao desenvolvimento da consciência crítica dos discentes e fortalecimento de suas identidades étnico-raciais no âmbito dessa intervenção, foram expandidas através da valorização da cultura negra, da história, e da própria ênfase dada à literatura afro-brasileira, sobretudo à escrita e trajetória da autora Carolina Maria de Jesus, no *Diário de Bitita*. Promoveram-se discussões, constatações e analogias traçadas através de comparativos entre o contexto histórico da obra e a contemporaneidade, ressaltando os fatos narrados pela autora e as relações dos mesmos com o cotidiano da população negra da mesma época e também da atualidade.

Essas possibilidades de trabalho com o texto literário afro-brasileiro confirmam o caráter social da literatura exposto por Souza (2004) quando afirma que a literatura, na

qualidade de discurso cultural, se constitui um espaço privilegiado para a construção de imagens e sedimentação de conceitos e construção de identidades, nacionais ou outras. Além disso, corrobora também pensamento de Candido (1995), ao destacar que a literatura fornece a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas, já que ela confirma e nega, propõe e denuncia aspectos diversos da sociedade. E isso está muito presente no *Diário de Bitita*, tornando a leitura da obra um campo fértil para a implantação de diálogos sobre demandas étnico-raciais.

Saliento aqui, ainda, que a leitura de capítulos como “Um pouco de história”, “Os negros” e “A cidade”, cooperaram significativamente para a construção dos personagens, o levantamento de aspectos referentes à situação da população negra no contexto histórico do livro, e conseqüentemente a confecção dos cartazes sobre a população negra e a elaboração das dramatizações apresentadas. Foram necessários debates e exposições que promoveram discussões sobre racismo, pertencimento étnico, segregação racial, direitos da população negra e conceitos pertencentes a esse universo.

Nesse contexto, convém destacar que, durante os vários momentos em que foram possíveis ouvir as ponderações dos discentes, e ainda nos registros dos diários, observei que relataram o quanto foi proveitoso partilhar informações e pensamentos, pois isso os ajudou a conhecer um pouco das realidades uns dos outros. Alguns destacaram que mesmo sendo colegas há muito tempo, não sabiam das vivências, sonhos e objetivos uns dos outros. Isso só confirma o quanto a vida moderna, a agitação frequente, a frieza das amizades virtuais têm direcionado esses jovens à falta de interesse pelos outros indivíduos, por suas realidades, levando-os muitas vezes ao isolamento e até desdobramentos trágicos desse processo.

O envolvimento dos discentes nessas atividades foi bastante significativo, pois ultrapassou o contexto de interpretação da leitura e repercutiu em ações voltadas para a autoestima, a valorização de suas próprias características físicas e identitárias e também dos outros, e o reconhecimento de sua ancestralidade negra, a partir das reflexões desenvolvidas na sala acerca da origem do povo brasileiro, dos fatos históricos que circundam essa gênese, dos traços físicos e cultura que possuímos e valorizamos. Nesse sentido, as respostas dadas por alguns questionamentos podem comprovar essa afirmação e revelam um pouco do modo de pensar desses discentes. Observemos:

Pergunta nº 7 do questionário pós-aplicação da intervenção, conforme **APÊNDICE G**.

7- Conhecer a história de autores ou autoras negras é importante para você? Por quê?

Sim, pois possui o seu referencial para mim em um mundo em que muitos não ligam pra cultura afro.

Jahi

7- Conhecer a história de autores ou autoras negras é importante para você? Por quê?

Sim, porque podemos ser que o pouco preto tem tido cada vez mais espaço.

Akin

7- Conhecer a história de autores ou autoras negras é importante para você? Por quê?

Sim, porque conhece a realidade e os históricos situados pelos muitos próximos a mim.

Daren

Essas três primeiras respostas foram dadas por discentes do sexo masculino e foram agrupadas devido à semelhança com que redigiram as suas opiniões. O primeiro, ressalta a importância de conhecer autores negros para que eles sejam referência, o que denota que essa representatividade no ambiente escolar ainda é ausente e precisa de fato, ser suscitada. O segundo também traduz em sua resposta essa necessidade, porque a presença dos autores negros funciona como uma esperança relacionada à conquista do espaço da população negra na sociedade, já o terceiro demonstra essa necessidade de referência expressando que o texto literário afro-brasileiro se aproxima de suas vivências, por isso considera importante o conhecimento de autores afro-brasileiros.

É importante observar que se trata da escrita de uma mulher negra tornando-se representatividade para rapazes negros em formação de caráter e personalidades. Isso mostra o quanto a literatura é capaz de humanizar os sujeitos e promover reflexões que ultrapassam

quaisquer tipos de preconceitos, já que demonstraram que os discentes não se limitam a nenhuma questão relacionada a gênero ou até mesmo a faixa etária e revelam identificação com a autora e com seus textos. Essa lacuna concernente à necessidade de representatividade também vai ser observada nas respostas das discentes **Anaya** e **Aziza**, ilustradas abaixo:

7- Conhecer a história de autores ou autoras negras é importante para você? Por quê?
 Sim. Porque através da história de Daniela Maria de Jesus, pude compreender melhor que as pessoas negras com arte e personalidade podem alcançar os seus objetivos independentemente da sua cor ou origem.

Anaya

7- Conhecer a história de autores ou autoras negras é importante para você? Por quê?
 Sim. Porque em um país em que o preconceito ainda predomina, é de grande importância poder ter vivenciado a partir do livro afrobrasileiro, o quanto é essencial para nós estudantes e pessoas conhecer histórias de autores negros.

Aziza

É possível observar, nas respostas das discentes, que elas se projetaram nas histórias da autora e se sentiram representadas. Considero que a leitura do *Diário de Bitita* tenha sido o ponto de partida para uma tomada de consciência desses discentes sobre o lugar do negro na sociedade, sobretudo do lugar deles, enquanto jovens negros, ainda em idade de composição de suas identidades e visões de mundo. É preciso conscientizá-los acerca necessidade de eles contrariarem o imaginário social de inferioridade em relação à população negra através das lutas por seus direitos, espaços e isso se faz prioritariamente através do conhecimento.

A narrativa traz consigo a provocação para que o leitor repense a falsa harmonia propagada acerca da convivência entre os grupos étnicos no contexto brasileiro e tome consciência do racismo que era tão intenso no período em que se passam os fatos e que perdura na atualidade, muito embora de forma velada, nas mais diversas situações e lugares.

É possível notar, a partir das considerações expostas pelos discentes, que a realidade demonstrada nas memórias de Carolina Maria de Jesus encontra, na percepção deles, um lugar de parâmetro, seja como escritora negra, seja pelos desafios enfrentados e contados em sua narrativa autobiográfica, ou pela persistência e resistência em meio aos obstáculos impostos pela sociedade a fim da sua não emancipação enquanto mulher negra, pobre e periférica. Para muitos deles, a identificação com as memórias faz parte da projeção de uma imagem de si ou das referências semelhantes em casa, na família, ou no entorno do seu grupo social.

Diário de Bitita faz rir, emociona, denuncia, induz o leitor/discente a pensar sobre a narrativa explícita e a implícita, sendo que essa, apesar de estar nas entrelinhas, consegue provocá-lo a sair de sua zona de conforto e refletir criticamente sobre o mundo que o cerca. Vale registrar aqui a exposição de um discente que, ao explicar a pintura produzida na sala, disse que o que esperava desse projeto poderia ser representado através da imagem de um baú, pois dele sairiam tesouros, conhecimentos que enriqueceriam a vida da turma. Acredito, diante dos relatos, das avaliações, que esses tesouros foram encontrados, que é nesse sentido que a literatura se consolida com o seu caráter formador.

5.2.3 Seguindo os passos de Carolina: produções textuais nos diários de bordo

Conforme registrado na sequência didática dessa intervenção, no início das ações aqui implementadas, foi entregue a cada discente um diário de bordo para que registrassem as suas experiências durante a aplicação do projeto. Expliquei-lhes o quanto significativo pode ser esse tipo de registro, sobretudo porque, posteriormente, eles podem nos conduzir a relembrar momentos significativos de nossas vidas. Também lhes orientei em como proceder com esses registros e trabalhei com a turma a organização do texto comum aos diários, os tipos de diários, e constatamos a forma como Carolina Maria de Jesus estrutura os registros no *Diário de Bitita*, separando as etapas relatadas a partir de temas.

Os diários foram utilizados pelos discentes em todo o processo da intervenção e sua utilização teve duas intenções específicas: a primeira, de incentivar um processo de escrita espontânea, na qual o discente se descobrisse capaz de, assim como a autora, produzir um registro de suas vivências, emoções e anseios, sem a concepção de um texto para ser corrigido pelo docente com a finalidade de atribuir uma nota; e a segunda, de entender os impactos das ações implementadas em sala de aula e da própria leitura na vida deles. Nessa perspectiva, destacarei aqui algumas produções, buscando verificar os aspectos ressaltados acima. Os textos

expostos farão referência ao que considere pontos altos da intervenção, a saber: encontro inicial, entrega dos livros, vivência da leitura e encontro final.

Querido Diário,

A partir desse primeiro momento de conhecimento, dinâmica e de muita energia no projeto partido da professora Elaine, me fez refletir sobre o que quero ser daqui a alguns anos, esse sentimento e consigo já me faz criar mais ainda forças, em uma busca persistente pelas meus sonhos.

Sei que só depende de mim, me tornar aquilo que almejo, uma mulher forte e bem estruturada, com uma vida firmemente estável e exercendo uma profissão que me permita confortável, em que eu possa ajudar de alguma maneira o próximo.

Minha família é a única 

razão que faz continuar lutando e tenho muita fé em Deus que cheguei a vitória.

É sobre o projeto que aparentemente posso dizer que adrei o tema proposto, me identifiquei bastante com o tema porque tem a ver com minha história de vida. É em relação ao trabalhar com livros afro-brasileiros, já me enriquecer tanto no vocabulário como em conhecimentos, principalmente a questão do racismo, pois já sofri e confesso que me senti muito mal quando um um dia eu estava em um ponto de ônibus e passou uma senhora e me disse: "Menina! Misericórdia! Vai cortar este cabelo ou dar algo para abaixar esse volume, parece uma casa de cupim!"

Éu tinha acabado de sair  de uma transmissão capilar,

(/ /)

eu seja, voltando ao natural, às
 minhas raízes e de nada, viem
 uma pessoa e me fala que
 tenho de alisar o cabelo, pois
 meu cabelo é crespo? Não!
 Sabre porque, eu fiquei quieta
 pois na hora, fiquei sem sen-
 tidos, fiquei a pensar como
 pode um pleno século XXI uma
 pessoa ser tão áspera, tão
 amarga.

Mas não deixei uma crítica
 como algo que me fizesse mal,
 apenas inspirei e respirei, e fiz
 daquela crítica um degrau pa-
 ra ficar mais forte ainda, foi
 uma escolha que fiz de as-
 sumir quem sou, a minha
 identidade. É isso que importa,
 é importante é o meu gesto
 e a minha satisfação e pronta-
 zão: não deixo de ser quem
 sou e por medo de que vão
 se dizer, se não se sente bem
 com o que faz, e como é, (tilibra)

Aziza

O registro acima, acerca da primeira etapa da intervenção, foi realizado pela discente **Aziza**. Nele é possível perceber que a autora mantém as características do gênero, utilizando o vocativo, a estrutura de narrativa em primeira pessoa e o tom confessional, através do diálogo que estabelece com o diário. O texto denota espontaneidade e emoção. Acerca das ações implementadas, é possível perceber a identificação com a temática e com o trabalho que se iniciava naquele momento, proporcionando-lhe resgatar uma situação vivenciada por ela e estabelecer uma relação entre tal ocorrência e o trabalho que começara a ser desenvolvido em sala de aula.

É importante notar que a situação de racismo sofrida e descrita por **Aziza**, nos remete a teorias expostas anteriormente nesse trabalho e nos conduzem a reflexões suscitadas por Fanon (2008), quando afirma que o embranquecimento é o único destino possível ao negro, e isso fica muito claro na fala da senhora que sugere à discente que ela deveria alisar o cabelo, adotando assim o “padrão”, conforme as referências de beleza branca, europeizada.

Interessante observar, também, a concepção de identidade revelada por **Aziza**, como aquilo que se é, fisicamente, independente de estereótipos preestabelecidos. Por isso ela decidiu não se importar com a comparação do cabelo a uma casa de cupim, feita pela referida senhora; e mentalmente, aquilo que se tem certeza de querer ser. Isso fica claro na fala da discente quando

afirma que a sua aparência é fruto da aceitação de suas características naturais e revela uma escolha que a mesma fez e acerca da qual está satisfeita e segura.

Essa ideia de identidade expressa tão naturalmente por ela, aproxima-se da concepção de identidade expressa por Bhabha (1998), quando afirma que a identificação está relacionada à produção de uma imagem de identidade criada pelo sujeito e a transformação desse sujeito ao assumir essa identidade. A discente expressa seguramente a aceitação de suas características físicas, as quais, na grande maioria das vezes, são introjetadas no imaginário popular como algo negativo, e as considera corretamente como traços constitutivos de sua identidade.

Além dessas observações, é importante refletir também acerca do nosso papel como docente, levando em consideração o que Silva (2011) pontua acerca necessidade de uma educação voltada para as relações étnico-raciais, através da qual sejam formados indivíduos empenhados em promover condições de igualdade no exercício dos seus vários direitos, bem como o de ser, viver e pensar próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais. A discente pontua a identificação com a temática expressando ser algo que está relacionada à sua vida, e realmente está. É necessário lembrar que não apenas à vida dela, enquanto discente negra, mas a de todos os envolvidos no processo.

A escola precisa se conscientizar de que, em pleno século XXI, não há mais espaço para essa omissão e postura discriminatória, em face do cenário apresentado. Segundo a *Revista Exame*, em artigo publicado no site oficial da mesma, dia 13 de novembro de 2019, “entre 2012 e 2017, foram registradas 255 mil mortes de negros por assassinato; em proporção, negros têm 2,7 mais chances de ser vítima do que brancos”²³. Para muitos indivíduos, quando não se faz parte desse grupo étnico torna-se simples minimizar as estatísticas, mas à escola não cabe isso. Lidamos com vidas, e essas vidas, com todas as suas peculiaridades, importam, por isso se faz tão necessária a discussão dessa temática na sala de aula. É preciso que a escola seja a pioneira nas reflexões sobre os motivos pelos quais estatísticas como essas se fazem presentes em nossa sociedade.

Observando os demais textos produzidos, foi possível perceber que os discentes, em sua maioria, não seguiram a estrutura textual e o tom dialógico do diário, mas preocuparam-se mais em relatar o que de fato havia acontecido e as suas impressões. O relato a seguir, também do primeiro encontro, foi produzido pela discente **Jata**:

²³ Matéria disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/ibge-populacao-negra-e-principal-vitima-de-homicidio-no-brasil/>>.

1º Encontro

Foi muito bom, mas durou muito tempo
 e tivemos um momento em que
 não houve um tempo de
 silêncio em sala de aula.
 Tivemos um momento muito bom
 de muito prazer e alegria.
 Tivemos um momento muito bom
 de muito prazer e alegria.
 Para lembrarmos o que aconteceu
 para o momento de todos juntos,
 precisamos de alguns minutos
 de silêncio. Alguns alunos se
 aproximaram e estiveram muito
 felizes, e tivemos um momento
 bastante necessário. ♥

Jata

É possível notar que **Jata** limitou-se a identificar o tema “1º Encontro” e a relatar o ocorrido, ressaltando as suas impressões, dentre elas o fato de ser “novo” estar em um momento em que eles poderiam falar de si e de suas pretensões pessoais ou profissionais, sonhos e realidades em que vivem. Além disso, ela pontua que um momento como esse é “essencial”, “especial” e “bastante necessário”, o que nos remete tanto à importância das práticas pedagógicas diferenciadas na construção do conhecimento em sala de aula, quanto à relevância da socialização de saberes, valores e vivências entre os indivíduos que compõem a sociedade, nesse caso a escola, ressaltado por Rios (2012), no sentido de essas partilhas irem construindo e reconstruindo a sociedade.

Os registros ilustrados a seguir, foram realizados com base nas terceira e quarta etapas, quando os discentes expressaram curiosidade acerca da autora, e quando ocorreu o recebimento do livro.

3- dia de projeto

Peram parados para nos alguns videos de depoimentos sobre a linha Maria de Jesus. Foi muito bom, pois estava muito ansiosa para conhecer a sua vida e suas ideias.

Entim, tivemos o privilegio de vermos apresentacoes em um dos dias o dia de Bita.

Teremos uma atividade muito interessante, em que a professora propo para todo a nossa turma, descobermos em um dia qual os nossa expectativa em julgar o projeto.

Latasha

3 Encontro

As apresentações mais bonitas de toda a nossa apresentação mais bonita em todos os encontros sobre a vida de Bita. E também mais presentes da mulher. Para falar um pouco mais sobre ela.

Em seguida, após o vídeo já mais apresentadas em o livro "Cultura de Bita" para que possam aprender mais sobre a vida desta mulher incrível.

A apresentação mais interessante em o livro "Cultura de Bita" para que possam aprender mais sobre a vida desta mulher incrível. Também em o dia de Bita aqui na parte em o projeto.

Jata

4º dia de projeto

Apresentamos nossa tela, começamos a ler o livro de Bita, estamos com ele! Por último, a professora falou uma atividade para registrar momentos que passamos em nossas vidas.

Hanna

4º dia de projeto

A professora trouxe pro aluno, pôs na mesa
 um caderno, discutimos um pouco sobre
 a importância do "diário".
 Discutimos a lei e como Maria
 de Bitita, todos da sala fizeram
 a oportunidade e esperança que cada
 um mais me apaixonou por esse ma-
 nifesto livro.
 Por último, a professora contou
 uma história em que vimos, questionar
 momentos marcantes da nossa infância.

Latasha

Com base nos textos das discentes **Latasha, Jata e Hanna**, é possível observar que a estrutura narrativa se mantém no texto, mas não em tom dialógico. Há um relato, mas não direcionado ao diário como uma segunda pessoa. Não há um vocativo. Predomina a expressão das percepções causadas a partir da intervenção e, mais uma vez, é notável o quanto a sensibilização antes da apresentação da leitura, o quanto as atividades envolvendo outras habilidades que não as de codificação e decodificação de textos, preparam e instigam os discentes a desconstruírem em seu imaginário a concepção de que ler é uma atividade chata.

Vale ressaltar, ainda, que através dos registros acima, pode-se constatar a importância do planejamento pedagógico e da utilização de recursos, sejam eles tecnológicos ou não, mas que fujam ao cotidiano tradicional do “quadro- pincel” que vivenciamos na grande maioria das escolas públicas, para o despertamento do gosto pela leitura e para a aprendizagem. Envolver os discentes em uma atmosfera que os leve a perceber que existem diferentes linguagens, variadas formas de se expressar e de vivenciar a leitura de um livro é fundamental.

Além disso, foi interessante notar que as práticas de leitura na sala de aula, em círculos de leitura, nos quais os discentes possam participar de uma leitura compartilhada, precisam e devem ser retomadas, como mais uma forma de incentivo a esse hábito, pois, muitas vezes, o discente não tem ânimo para ler sozinho, mas quando esses momentos acontecem em sala e ele passa a conhecer a história, pode ter a curiosidade aguçada e a partir disso, mudar de atitude frente à leitura.

A seguir serão ilustrados mais três registros, com as impressões sobre a última etapa da intervenção, na qual os discentes tiveram a oportunidade de interagir com outros membros da comunidade escolar como direção, coordenação e docentes, além do professor convidado, e expor os trabalhos confeccionados durante o percurso de aprendizagem com o *Diário de Bitita*.

11

Último encontro

Ofereço último encontro, para o desenvolvimento do projeto. Alguns encaminhamentos tivemos a presença de alguns professores e de um consultado palestrante, da comunidade, sobre a origem do signo e do linameo e explicou a diáspora do seu signo, preto e crioulo.

Os negros chamam os escravos dos "pretos" mas os portugueses nas cidades da África e os crioulos chamam os escravos que nasciam na América ao sinal da palmeira, eles são motivados, diligentes, que sabem fazer e que pedem menos e chegam onde quiserem.

Após a palestra nos apresentamos um teatro sobre a perseguição da não-afiliação e apresentamos alguns vídeos variados no livro "Diário de Berta".

lilbra Por um, fizemos uma

11

homagem a professora, agradeço a quem ela é importante em nossas vidas e queremos a quanto a sua presença nos nos crescer e melhorar na vida pessoal e social.

Agradeço a ela por esse projeto maravilhoso, pois através desse projeto pude conhecer melhor os meus colegas de escola e também pude conhecer a história de uma mulher negra que passou grande dificuldade na vida, mas não se desistiu e criou uma grande instituição, e apesar de ser uma mulher e negra, ganhou como Berta, seu que por isso ganhou os meus amigos e conquistamos, no entanto em determinadas e nunca perder a paciência.

Santa Antônia de Jesus, 05 de
Setembro de 2019.

Querido Diário,

Hoje é o último dia do projeto. Ao entrar na sala fiquei encantada com a organização, todos os trabalhos feitos durante o projeto, como cordel, quadros, etc.

Mim supreeendi com tudo até comigo que recebi um poema, pude reconhecer o meu potencial, ter até palestra com o professor Ulberdan e quanto a fala dele foi importante. O conhecimento que adquire foram essenciais para que despertasse em mim o desejo de continuar a lutar pelas meus alunas e meu sonho de entrar na faculdade.

Posso dizer que o projeto chegou ao fim mas, muitas coisas aprendi comigo. Tudo o carinho, conhecimentos, 

Aziza

12º Encontro

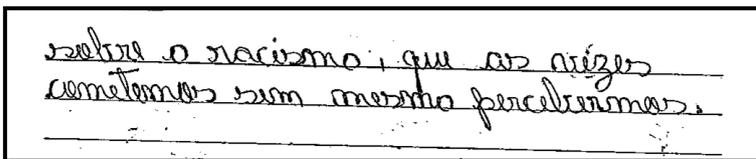
Foi neste último encontro o encerramento do projeto. Tivemos a presença do professor Ulberdan e outros professores da escola, falando do tema racismo, que foi muito bom a palestra e as apresentações dos colegas.

Ao final de nos motivou que somos capazes de está em qualquer lugar que quisermos.

Depois as apresentações dos cordéis e o teatro dos colegas que foi maravilhoso.

Depois após fizemos uma homenagem a Professora Elaine, por nos ensinar e nos motivar a ler mais, para levarmos para vida pessoal e profissional.

Obrigada a professora por nos motivar mais na leitura e aprender um pouco 

**Malaika**

Os relatos demonstram o quanto os discentes, sobretudo negros, grande maioria do público-alvo da escola pública, precisam ouvir, debater e entender as relações raciais no Brasil, o quanto é necessário suscitar a representatividade negra dentro e fora dos limites da escola, para que isso possa contribuir com a formação de suas identidades étnico-raciais. Ademais, registros como esses demonstram o quanto ser professor está além da transmissão e ensino de conhecimentos científicos cobrados nos concursos e vestibulares. É preciso também garantir a formação humana e cidadã dos discentes, preparando-os para o exercício da cidadania e dos seus direitos.

5.2.4 E por que não, a visão do aluno?

Uma parceria que deu certo! Assim eu descreveria a caminhada realizada junto à turma escolhida para a intervenção. Com participação bastante efetiva, os discentes em sua grande maioria, esforçaram-se junto a mim, para que as etapas desse projeto fossem desenvolvidas com êxito, sendo assim protagonistas de sua própria aprendizagem. Com certeza, sem o empenho e envolvimento deles, essa pesquisa-ação não seria possível.

Devido a contratemplos que muitas vezes se entropõem no percurso, por alguns momentos o cansaço e o tempo escasso tornaram a trajetória docente um pouco árdua, mas, a porção de ânimo e vigor necessários sempre vinham estampados no sorriso de um discente que expressava a curiosidade pela próxima atividade, na verbalização da ansiedade pelo dia do encontro, na alegria de participar das aulas e reclamar quando o tempo se findava. Porém, essas interpretações faziam parte da minha subjetividade, e para uma avaliação mais contundente, fez-se necessária a aplicação de um instrumento avaliativo cujos questionamentos e respostas estão parcialmente expostos a seguir:

Tabela 2: Tabulação de dados coletados no questionário avaliativo pós-intervenção

Questionamento	Respostas Atribuídas	Porcentagem
Como você avalia o projeto de literatura afro-brasileira desenvolvido com a sua turma?	Bom Muito bom Ótimo	6,25% 37,25% 56,25%
Como você classifica as atividades desenvolvidas no decorrer do projeto?	Muito boas Ótimas	37,5% 62,5%
Qual o tipo de atividade desenvolvida foi mais prazeroso?	Criação de personagens e dramatização, a partir do contexto histórico e das temáticas do livro Transformação das histórias dos capítulos em cordel Círculo de leitura Todas	43,75% 6,25% 6,25% 43,75%
O que você achou do livro escolhido para a leitura?	Bom Muito bom Ótimo	12,5% 37,5% 50%
Posso afirmar que a leitura, para mim, hoje significa...	Uma infinidade de possibilidades que nos permite conhecer histórias, vivências e ideologias que se aproximam de nossas experiências pessoais Uma atividade prazerosa, que pretendo intensificar em minha trajetória	68,75% 31,25%
Você recomendaria a leitura do livro <i>Diário de Bitita</i> para um amigo?	Sim	100%

De acordo com as informações dispostas na tabela, é possível inferir que a proposta de intervenção implementada teve total aprovação dos discentes, embora suas percepções e participações nas atividades tenham variado, conforme a afinidade dos mesmos. Também é possível perceber a boa aceitação da obra literária e a expressão de uma visão ampliada acerca da atividade leitora. Outras percepções do projeto estão listadas a seguir:

9- Em quais fatores você se identificou com as histórias contadas no livro?
 Ao longo das histórias contadas no livro, a infância, foi umas das coisas que mais me tocou, me fez lembrar das aventuras, das dificuldades em não ter alimento, das confusões e principalmente das alegrias que sempre irão ficar gravada em meu coração.

Aduke

9- Em quais fatores você se identificou com as histórias contadas no livro?

As dificuldades superadas por Lourivaldo com a sociedade.

Daren

9- Em quais fatores você se identificou com as histórias contadas no livro?

Se identifica com o preconceito imposto pela sociedade que ele relata no livro.

Akin

Um dos fatores importantes para que o discente se envolva com a leitura é a identificação com o texto. Nas respostas atribuídas à questão 9 do instrumento avaliativo, é possível verificar os pontos de convergência entre a leitura e as expectativas e realidades dos discentes. É importante perceber ainda, como o texto literário afro-brasileiro tocou de diferentes formas as vidas dos mesmos. Na primeira resposta, dada por **Aduke**, o texto lhe remeteu de forma saudosa aos acontecimentos da infância, às dificuldades superadas e acontecimento que marcaram a sua vida. Já os discentes **Daren** e **Akin**, relatam como ponto de identificação as dificuldades e o preconceito impostos pela sociedade, problemas com os quais a população negra tem que lidar diariamente no meio social.

10- Redija, nas linhas abaixo, um ou dois parágrafos, expressando o que esse projeto significou para você.

O Projeto foi muito mais que um projeto, foi um momento de comunhão, um momento em que expressamos opiniões, em memórias, em artes, em dinâmicas e principalmente em um relacionamento de uma turma de alunos e uma professora.

Esse projeto significou o quanto é importante tanto conhecer as histórias de outras pessoas, o quanto o tempo é curto e que temos que aproveitar, e o quanto estamos ligados um no outro para que quando um precisar pensarmos está lá.

10- Redija, nas linhas abaixo, um ou dois parágrafos, expressando o que esse projeto significou para você.

Com, o projeto para mim significou muito, ele relatou a vida de negra, e as dificuldades enfrentadas por elas. Com isso fui conhecendo meu lugar na sociedade como negra, de família pobre e sabendo que o lugar de negra é onde ele quiser.

10- Redija, nas linhas abaixo, um ou dois parágrafos, expressando o que esse projeto significou para você.

Pode dizer que esse projeto significou muito para mim, ter participado das atividades me levou a ver as coisas de forma mais positiva, além de poder ter trabalhado a minha autoestima, minha segurança sobre mim própria, reconhecer o meu potencial e entender que para alcançar nossos objetivos só depende de nós mesmos e o quanto foi gratificante ter vivenciado essa linda experiência que levei para o resto da vida. Foram momentos únicos onde foi possível ver até onde fomos capazes de chegar.

Considerando as respostas fornecidas pelos discentes, é possível concluir que, de fato, a literatura afro-brasileira pode ser um instrumento de reflexão e facilitação para que ocorra a humanização dos mesmos e o desenvolvimento de suas criticidades em relação à população negra, na qual a grande maioria está incluída, suas histórias, crenças e valores. Além disso, é possível concluir que o trabalho com leitura de literatura pode alcançar resultados bastante significativos na formação do leitor, na sua capacidade de interpretar o texto lido e de interagir com os demais semelhantes, bem como na formação de suas convicções, modos de ser e de viver, que constituem a sua identidade individual.

5.3 COMO NEM TUDO SÃO FLORES... AS DIFICULDADES DO PROCESSO

Desenvolver um trabalho dessa magnitude no ambiente escolar é prazeroso e gratificante, mas nem tudo o que é planejado é executado; ou, nem tudo é executado conforme planejado. Apesar disso, tais situações devem servir para um repensar amadurecido na prática pedagógica, na necessidade de versatilidade e adaptação do profissional de educação ao contexto em que está inserido, e principalmente na importância de lutarmos pela garantia de condições dignas de trabalho enquanto docentes e para que haja mais recursos em prol da educação básica, a fim de que projetos como esse não dependam do investimento particular dos docentes, mas possam ser realizados com recursos das instituições educacionais.

No que diz respeito a espaço físico da unidade escolar onde leciono, considero-me atuando em uma escola privilegiada, mas preciso ressaltar que durante boa parte da aplicação dessa intervenção estava acontecendo nela uma reforma, que não inviabilizou, mas atrasou bastante o desenvolvimento das ações, especialmente por ficarmos impedidos de utilizar alguns espaços, ou pela necessidade de realizar rodízios de turmas na escola, para que as aulas não fossem suspensas e os discentes totalmente prejudicados.

Além disso, os feriados prolongados e paralisações realizadas com o intuito de garantir os direitos dos trabalhadores, mudanças de horário das aulas e a carga horária do curso extremamente resumida entre outras demandas, contribuíram para que a intervenção não fosse realizada dentro do prazo de três meses corridos, estipulado inicialmente por mim e aprovado pela minha orientadora. No entanto, devo salientar que, mesmo em face disso, os alcances com a proposta foram muito bons.

Quanto aos discentes, ressalto que acolheram muito bem a proposição, participaram com entusiasmo, não manifestaram indisciplina, se dispuseram a ir para a escola em turno oposto e se empenharam no cumprimento das atividades, mas alguns falharam no cumprimento dos relatos nos diários, tiveram dificuldade em manter a regularidade dos registros e alcançar uma produção textual clara e coesa. Acredito que a continuidade no desenvolvimento de propostas como a intervenção aqui apresentada pode contribuir para que esses discentes ampliem além da competência leitora, o seu repertório e conseqüentemente a capacidade de se expressar melhor, na oralidade e na escrita, para que, dessa forma, sintam-se mais aptos a produzir textos que atendam às diferentes necessidades comunicativas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não digam que fui rebotalho,
 que vivi à margem da vida.
 Digam que eu procurava trabalho,
 mas fui sempre preterida.
 Digam ao povo brasileiro
 que meu sonho era ser escritora,
 mas eu não tinha dinheiro
 para pagar uma editora.

Carolina Maria de Jesus

São muitas as formas como eu poderia descrever a aplicação dessa intervenção e as experiências vivenciadas nesse curso de mestrado, mas posso sintetizar as ideias, sentimentos e sensações decorrentes de tudo isso, na palavra **RENOVAÇÃO**. Não se trata de um processo simples, porque, para renovar, foi preciso olhar para mim, para a minha prática pedagógica, para as minhas convicções e ações, que juntas compõem a minha identidade pessoal e profissional, e reconhecer que há lacunas que precisam ser preenchidas, há mudanças que precisam ser feitas, que é necessário **TRANSCENDER**. E muitas vezes, a transcendência não se estabelece na calma, em muitas situações, ela ocorre em mar revolto.

Em minha passagem pelo **PROFLETRAS**, não foram poucas as vezes em que as dificuldades me fizeram pensar em **DESISTIR**, mas cada vez que isso acontecia, e eu me sentia sufocada, como certamente os meus ancestrais se sentiram dentro dos porões dos navios do tráfico negreiro, ou das senzalas, acorrentados uns aos outros, sem poder respirar o ar puro do campo, eu trocava o pensamento, trocava a letra, e a palavra se tornava outra: **RESISTIR!** Em todos os momentos nos quais me lembrava de que eu trabalho com vidas, com sonhos e que, muitas vezes, os meus discentes esperam de mim ensinamentos que não serão proferidos nas aulas expositivas, mas nas entrelinhas do meu relacionamento com eles e na forma como conduzo o meu trabalho, eu resistia.

Resistia por mim e por eles! Num contexto em que o fazer docente tem se tornado cada vez mais desafiador, em que a educação tem sido posta entre as “não prioridades” da nação, em que o crime tem recrutado as nossas crianças e adolescentes para as drogas e violência, é preciso que o docente seja capaz de usar a força motriz da educação, e por que não da literatura, para conquistar esses alunos e contribuir com a mudança desse cenário? Não que o docente consiga consertar o mundo com o seu trabalho, mas se ele fizer a sua parte, como profissional e cidadão, procurando fomentar a sede pelo conhecimento, a consciência crítica e o desejo de mudanças nos seus discentes, com certeza as sementes plantadas irão germinar.

Com o passar dos anos atuando em sala de aula, muitas vezes, nos acomodamos e começamos a lecionar de forma rotineira e sem muitas perspectivas, nos recolhemos à mera transmissão de conteúdo, aplicações de testes, provas, trabalhos, e não conduzimos os nossos discentes a reflexões importantes, a vislumbrar novos horizontes ou a olharem as circunstâncias que os cercam com criticidade e desejo de alteração desse cenário. Às vezes, os rotulamos, afirmando que eles não conseguem, que não farão!

Mas, não convém que seja assim! É preciso acreditar no potencial desses indivíduos e dar-lhes a chance de mudança de atitude que, muitas vezes, a sociedade não dá. É importante lembrarmos que, em muitos espaços, não haverá uma oportunidade para discutir determinados assuntos. Sequer uma! Por isso é fundamental possibilitar o conhecimento científico, mas também os instruir para uma formação cidadã, que os leve a repensar os seus papéis na sociedade, quais lugares eles podem ou devem ocupar.

Ao ingressar no curso de mestrado do PROFLETRAS e sentir a necessidade de desenvolver uma proposta de trabalho com os meus discentes, pensei que deveria ser algo que não se limitasse apenas ao campo do conhecimento científico, queria de fato algo que fosse uma intervenção também social. Com base nas orientações do Professor Dr. João Evangelista, na observação e no diálogo com os discentes para os quais eu leciono, cheguei à definição da temática, que mais tarde foi se confirmando durante as aulas das disciplinas do mestrado, sobretudo da disciplina Leitura do Texto Literário, ministrada pela Professora Dra. Rosemere Ferreira da Silva, no segundo semestre do curso.

Conhecer a literatura afro-brasileira foi um prazer! É um prazer, e sobretudo um dever político. E eu me senti na obrigação de compartilhar isso com os meus discentes, principalmente porque eu não tive essa oportunidade enquanto estudante da Educação Básica, muito menos como graduanda do curso de Letras. Cresci vendo e ouvindo sobre um negro que só tinha sido “o escravizado”! Sua excelência: a força física! Mais nada! Como não existiam os meus heróis negros, fui me embranquecendo, sem me reconhecer como mulher negra, porque a sociedade, a família, todos se encarregavam de fomentar esse embranquecimento.

Assim, à medida em que as aulas no PROFLETRAS iam acontecendo e as informações iam chegando, a importância dessa escolha ia se confirmando, porque não era apenas trabalhar a identidade étnico-racial dos discentes, mas também a minha! Resgatar essa ancestralidade, essa história e literatura silenciadas, marcadas pela inferiorização e preconceitos, transformou-se em algo ainda mais significativo do que aplicar uma proposta de intervenção, em um compromisso com a história e memória da população negra, dos meus ancestrais, de suas trajetórias de lutas e conquistas em vários âmbitos, no Brasil e em outros espaços.

A inserção da literatura afro-brasileira no meu contexto escolar, por meio da intervenção aqui descrita, foi uma experiência muito significativa. E creio eu, transformadora, tanto para a minha trajetória como docente, quanto para os discentes participantes dessa pesquisa, conforme demonstrado a partir dos relatos e das atividades realizados por eles. Foi possível evidenciar, a partir do percurso aqui descrito, o quanto a literatura afro-brasileira se faz necessária no contexto escolar. Pude constatar, através de questionário investigativo aplicado nessa intervenção, que a grande maioria da turma sequer já tinha ouvido falar em literatura afro-brasileira.

Isso configura uma negligência muito grande em relação a essa vertente literária e suscita uma reflexão sobre a necessidade de produção e divulgação de materiais que tornem acessíveis esses conhecimentos. Em alguns contextos, ocorre a omissão dos profissionais docentes relacionada à temática, mas em outros, ainda predomina o desconhecimento da mesma, uma vez que na formação profissional de alguns, ou da maioria, não houve menção à literatura afro-brasileira, como ocorreu em minha graduação. Exatamente por isso, reitero a necessidade de produção e divulgação de materiais que possam promover a abordagem dessa literatura na sala de aula.

Ficou demonstrado, a partir do registro dos questionários e produções dos discentes, que a presença do texto literário nesse contexto reforça a representatividade negra para os discentes negros, e para todos os envolvidos, leva-os a visualizar novas possibilidades de existência para si e para os outros, nas quais haja o respeito à diversidade étnica e o repúdio a qualquer forma de preconceito e discriminação, e onde a única alternativa para eles, enquanto discentes negros, não seja a busca pelo embranquecimento.

Observei, durante esse processo, que houve uma mudança no modo como os discentes concebiam a atividade leitora. Além disso, também foi possível verificar como o texto literário afro-brasileiro favorece a execução de propostas de leitura interdisciplinares, uma vez que contempla buscar entendimentos sobre os sujeitos, sobre a sociedade e ainda a história e vivências da população negra na sociedade. O caráter denunciativo desse tipo de escrita convida os leitores-discentes a repensarem as relações raciais no Brasil, evidenciando a necessidade do combate ao racismo, discriminação e desigualdades às quais eles estão submetidos.

Os discentes, em sua maioria, identificaram-se com a autora Carolina Maria de Jesus, com sua história de vida, com as memórias, fato revelado tanto nos textos produzidos, como nas respostas dos questionários. Discutir a escrita política e denunciadora de Carolina em sala de aula, constituiu na prática, uma validação de que a literatura se apresenta como reflexo da

sociedade e traz consigo uma riqueza de possibilidades de interpretação e aplicação que reverberam para a vida cotidiana.

O estudo de uma autora negra, com uma trajetória como a de Carolina, demonstrando uma forma diferente de se impor e combater as arbitrariedades da sociedade brasileira, no que concerne à população negra, é de suma importância, em face da sociedade com a qual convivemos, permeada pela intolerância em seus vários âmbitos e pelo racismo. A leitura de *Diário de Bitita* pode promover mudanças no modo de observar e enfrentar as barreiras impostas pela sociedade às pessoas negras, em diferentes espaços sociais, e além disso, desnudar situações e comportamentos sociais aos quais os discentes são submetidos, apontando-lhes novas perspectivas de superação e mudança de atitudes, deles ou de outros, nesse contexto.

Através dessa intervenção, foi possível constatar, por meio da experiência, o quanto as ações implementadas de forma planejada e articulada a objetivos previamente definidos podem contribuir com a aprendizagem e transformação dos discentes em relação a determinados conhecimentos, nesse caso específico, da leitura. Também foi possível perceber, que, mesmo sem a utilização de muitos recursos tecnológicos, é possível obter a atenção e envolvimento dos discentes, quando levamos em consideração as necessidades que eles trazem consigo, do grupo social ou do lugar em que vivem.

Portanto, o processo de ensino-aprendizagem precisa ser desenvolvido de forma que permita o protagonismo dos discentes na aquisição do conhecimento e na materialização desse saber em diferentes situações. Por meio da leitura do *Diário de Bitita* e das atividades propostas, foi possível explorar diferentes linguagens (oralidade, escrita e pintura) e gêneros textuais (memórias, cordel, diálogo, cartaz), o que favoreceu o aprimoramento da capacidade de comunicação deles e possibilitou que encarassem com mais naturalidade a expressão de suas ideias.

Assim, foi possível, também, o aperfeiçoamento de variadas habilidades, como a criação de uma situação fictícia para retratar uma realidade observada no cotidiano, ou planejar uma apresentação oral estabelecendo uma comparação entre contextos históricos diferentes, mas com problemas sociais e sujeitos semelhantes, refletindo sobre a sua própria realidade e dos outros, propondo mudanças. Isso constitui também uma maneira de intervir no espaço social em que vivem. Dessa forma, a exploração da leitura e das histórias contadas por Carolina proporcionou aos discentes uma construção de sentidos e vivências que contribuíram não apenas com a formação escolar deles, mas também com a sua formação leitora, humana e identitária.

REFERÊNCIAS

- ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.
- BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo; SOUZA, Ivane Pedrosa. (orgs.) *Práticas de leitura no ensino fundamental*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*; tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaio sobre a literatura e história da cultura. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- BERND, Zilá. *O que é negritude*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2ª reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4.ed. 11ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10639.htm>. Acesso em: 10 de maio de 2018.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed., corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CARDOSO, Elisabeth; BASTAZIN, Vera. (Orgs.) *Literatura e ensino: territórios em diálogo*. São Paulo: EDUC: Capes, 2018. Epub.
- CASTRO, Maria Lúcia de. *Práticas de letramentos: uma contribuição ao ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Scortecci, 2018.

CINTRA, Ana Maria Marques; PASSARELLI, LÍlian Ghiuro. *Leitura e produção de texto*. São Paulo: Bucher, 2011.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed., 6ª reimp. São Paulo: Contexto, 2016.

CUNHA, Diva. Auta de Souza. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Vol. 1 Precursores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 252-287.

DANTAS, Carolina Viana, MATTOS, Hebe, ABREU, Marta. *O movimento negro no Brasil republicano*. In: *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

DIAS, Lucimar Rosa. “Quantos passos já foram dados? A questão de raça nas leis educacionais – da LDB de 1961 à lei 10.639/03 de 2003”. In: SECRETARIA DA EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. *Educação do negro e outras histórias*. Brasília: SECAD/ UNESCO, 2005, p. 49. 62.

DUARTE, Eduardo de Assis. Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra. In: DUARTE. (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, vol.1: Precursores. p.13-48.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE. (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 4: História, teoria, polêmica.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Mulheres Marcadas: Literatura, Gênero e Etnicidade*. Terra Roxa e Outras Terras, Revista de Estudos Literários. p 6- 18. Vol.17, dez. 2009.

ERIKSON, E.H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’. [Entrevista concedida a] Juliana Domingos de Lima. *Jornal NEXO*. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <
<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em: 28 de outubro de 2018.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 7. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FERNANDES, Florestan. *O desafio educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.

FONSECA, Marcus Vinícius, SILVA, Carolina Mostaro Neves da e FERNANDES, Alessandra Borges. *Relações étnico raciais e educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: 3.ed. Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

FRANCO, Silene Arcanja. *Ancestralidade, memória e resistência: construindo referenciais sobre o ensino de história da África no Ensino Fundamental*. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20\(44\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20(44).pdf)>. Acesso em: 01 de novembro de 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: 17. ed. Paz e Terra, 1987.

FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. 4. ed. Revista. São Paulo: Global, 2009.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Racismo, anti-racismo e educação: o contexto brasileiro. In _____. (Org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações étnico-raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 97-110.

GUIMARÃES. Antonio Sergio. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo. Ed. 34. 1999.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1976.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília; Representação da UNESCO no Brasil, 2006a.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2006b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE COACHING. *Dinâmicas de apresentação divertidas e “quebra gelo”*. Disponível em: <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/rh-gestao-pessoas/dinamicas-de-apresentacao-divertidas-e-quebra-gelo/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1996. 2v.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KLEIMAN, ANGELA B. (orgs.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social a escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: UNESP, 2003. P. 38-86.

LAJOLO, Marisa. Ensino de literatura: desafios ontem e hoje. In: NAVES, Diana; CARDOSO, Elisabeth; BASTAZIAN, Vera. (Org.). *Literatura e ensino: territórios em diálogo*. São Paulo: EDUC, Capes 2018. Recurso on-line: ePub.

LAJOLO, Marisa. Carolina Maria de Jesus. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.vol.1: Precursores. p. 439- 457.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa de; ALVES, Gabriela Santos. *Os desafios teóricos da história e a literatura*. Revista História Hoje, São Paulo, N 2, 2003.

MORAES, Márcia. *Julgar as pessoas: cuidado com os perigos desse hábito*. Disponível em: <<https://psicoter.com.br/o-perigo-dos-rotulos/>>. Acesso em: 28 de abril de 2019.

MUNANGA. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. 5.ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MUNANGA. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MUNANGA. Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, em 5 nov. 2003.

MUNANGA. *Identidade, Cidadania e Democracia*. Algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. In: RESGATE. Revista de Cultura n. 6 Campinas: Centro de Memória da Universidade de Campinas. Dezembro de 1996.

NASCIMENTO NETO, João Evangelista do. *E se fovesse discriminação no Brasil? O Cristo negro de Ariano Suassuna e o racismo à brasileira*. Revista Mestra, n 30, set.dez, 2016.

OLIVEIRA, E. *Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar: questões para debate*. Revista Espaço Acadêmico, ano 1, n. 7, dez. 2001. Disponível em: <<https://espacoacademico.wordpress.com/2009/10/17/identidade-intolerancia-e-as-diferencas-no-espaco-escolar-questoes-para-debate/>>. Acesso em: 01 de novembro de 2018.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Madrid: Cátedra, 2002. (1. ed.: 1940).

PALMEIRA, Francineide Santos. Autobiografia e memória em Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. In.: *Memória, literatura e práticas culturais de leitura*. Cordeiro, Verbena Maria Rocha. EDUFBA, 2010.

PEREIRA, Marcos Emanuel. *Psicologia Social dos Estereótipos*. São Paulo: E. P. U., 2002.

PERROT, Michelle. “Práticas da memória feminina”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9, n.18, ago-set. 1989, p.10-18.

REIS, Klivy Ferreira dos. *A literatura Afro-Brasileira: um ensino em questão*, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/revista/index.php/simposiufac/article/view/969>>. Acesso em: 02 de novembro de 2018.

REVISTA EXAME. IBGE: *População negra é a principal vítima de homicídio no Brasil*. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/ibge-populacao-negra-e-principal-vitima-de-homicidio-no-brasil/>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIOS, Terezinha Azerêdo. “O gesto do professor ensina”. Acervo Digital da UNESP, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/25/3/D04_O_Gesto_do_Professor_Ensin_a.pdf>. Acesso em: 02 de novembro de 2018.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gerard; REZENDE, Neide Luzia de. (Org.). A tensão entre utilizar e interpretar na recepção das obras em sala de aula: reflexão sobre uma inversão de valores ao longo da escolaridade. In: *Leitura Subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

SALES, Francisco. *Dinâmica dos Rótulos*. Ateliê de Educadores. Disponível em: <<http://atelierdeducadores.blogspot.com/2011/02/dinamica-dos-rotulos.html>>. Acesso em: 19 de julho de 2018.

SANTOS, Isabel Aparecida dos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2001.

SANTOS, Joel Rufino. *A questão do negro na sala de aula*. 2.ed. São Paulo: Global, 2016.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

SILVA, Ezequiel T. da. *Leitura na Escola e na Biblioteca*. São Paulo: Papyrus, 2003

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alessandra Borges (Org.). *Relações étnico-raciais e educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

SILVA, Rosemere Ferreira da. *Entre o literário e o existencial, a “escrevivência” de Conceição Evaristo na criação de um protagonismo feminino negro no romance Ponciá Vivêncio*. ENTRELETRAS. Araguaína, TO. Vol.8. nº1., jan./jun. 2017.

SILVA, Rosemere Ferreira da. *Ressignificando o ensino da Literatura no âmbito do PROFLETRAS*. Revista Pandora Brasil, nº.72, março, 2016.

SILVA, João Batista da. *103 dinâmicas para jovens e adultos*. Educar para ser feliz. Disponível em: <<http://joaosilva-educarpraserfeliz.blogspot.com/2012/07/103-dinamicas-para-jovens-e-adultos.html>>. Acesso em: 26 de julho de 2018.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. *Literatura Afro-Brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006a.

SOUZA. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. 1.ed.,1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006b.

SOUZA, Florentina. Solano Trindade e a produção Literária Afro-Brasileira. *Afro-Ásia*. Salvador. n.31.EDUFBA: 2004. 277-293.

Vídeos

Carolina de Jesus Parte 1. Produção: Programa Nação - TVE. 25: 43 min. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=E5V8SvEN2II>>. Acesso em: 26 de julho de 2018.

Carolina de Jesus Parte 2. Produção: Programa Nação - TVE. 27 min. 2015. <<https://www.youtube.com/watch?v=EDYxWzhlFfw>>. Acesso em: 26 de julho de 2018.

O Xadrez das Cores- Filme Completo- Curta-metragem. Direção: Marco Schiavon. 21: 10 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IbrY4p-nrdk>>. Acesso em: 27 de julho de 2018.

NEGUS- Lua Negra. # Vidas negras importam. Direção: Nego E. Produção executiva: Beatriz Natália. 8:08 min. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/nego-e/lua-negra.html>>. Acesso em: 27 de julho de 2018

Música Diversidade- Lenine. 5:02. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=29Mj-8RdvUE>>. Acesso em: 27 de julho de 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DO PERFIL LITERÁRIO E SOCIAL DOS DISCENTES

PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB

Perfil Literário e Social dos Discentes



Quando me descobri negra

Tenho 30 anos, mas sou negra há apenas dez. Antes, era morena. Minha cor era praticamente travessura do sol. Era morena para as professoras do colégio católico, para os coleguinhas – que talvez não tomassem tanto sol – e para toda a família que nunca gostou do assunto. “Mas a vó não é descendente de escravos?”, eu insistia em perguntar. “E de índio e português também”, era o máximo que respondiam. Eu até achava bonito ser tão brasileira. Talvez por isso aceitasse o fim da conversa.

Em agosto de 2004, quando fui fazer uma reportagem na Câmara Municipal, passei pela rua Riachuelo, onde vi a placa “Educafro”. Já tinha ouvido falar sobre o cursinho comunitário, mas não conhecia muito bem a proposta. Entrei. O coordenador pedagógico me explicou a metodologia de ensino com a cumplicidade de quem olha um parente próximo. Quando me ofereci para dar aulas, seus olhos brilharam. Ouvi que, como a maioria dos professores eram brancos, eu seria uma boa referência para os estudantes negros. Eles viam em mim, estudante da Universidade de São Paulo e da Faculdade Cásper Líbero, que há espaço para o negro em boas faculdades.

Saí sem entender muito bem o que tinha ouvido. Fui até a Câmara dos Vereadores, fiz a entrevista e segui minha rotina. Comecei a reparar que nos lugares que frequento as pessoas também não tomam tanto sol. O professor do Educafro toma. Será por isso que ele me tratou com tanta cumplicidade?

Pensei muito e por muito tempo. Não identifiquei nada de africano nos costumes da minha família. [...] Ainda em busca de identidade, afirmo com alegria que sou negra há dez anos. E agradeço ao professor do Educafro que pela primeira vez, em 21 anos, fez o convite para a reflexão profunda sobre minhas origens.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2015.

1- Esse texto é o relato de uma situação vivenciada pela autora. O que você achou dele? Justifique.

2 - A autora nos conta que se descobriu negra aos 20 anos de idade, pois em sua casa, seus familiares nunca conversaram sobre suas origens. E você, conhece as suas origens?

() Sim. () Não. () Conheço pouco sobre a minha origem.

3 - Qual pensamento mais se aproxima da visão que você tem sobre pessoas negras?

- () O que diferencia pessoas negras de outras pessoas é apenas a cor da pele.
 () Convivo com pessoas negras, mas não gosto de muito contato com elas.
 () Nunca dei importância à cor da pele das pessoas, costumo valorizar o caráter.
 () Não gosto de negros.
 () Sou negro.



4 - Em relação à sua cor/raça, como você se autodeclara?

- | | |
|-------------|---|
| () Branco | () Índio |
| () Pardo | () Não me reconheço em nenhuma das alternativas. |
| () Preto | |
| () Amarelo | |

5 - A população brasileira é formada por diferentes grupos étnicos. O que você percebe em relação à convivência desses grupos?

- () É pacífica e as pessoas respeitam umas às outras
 () Nem sempre existe harmonia entre esses grupos, pois há indivíduos que se consideram superiores aos outros
 () Existe uma relação de respeito mútuo e oportunidades iguais para todos
 () É uma convivência difícil, por causa das diferenças, mas as pessoas são tolerantes e conseguem conviver bem com as diferenças

6 - Partindo da observação do contexto social em que você vive, quais são as profissões mais comuns às pessoas negras?

7 - Quais dos temas abaixo você acha importante serem abordados nas leituras em sala de aula e nas discussões em classe?

- | | |
|---------------------------------|------------------------------------|
| () Amor. | () Racismo e desigualdade social. |
| () Família. | () Valores. |
| () Relações sociais no Brasil. | () Violência. |

- () Preconceito.
 () Bullying.
 () Religião

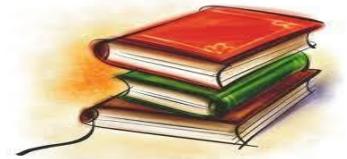
- () A história da população negra no país.
 () Outros

8 - Em sua turma às vezes alguém faz piada com o cabelo, a cor ou alguma parte do corpo dos colegas?

9 - Você sabe o que é racismo?

- () Sim. () Não.

10 - Você já sofreu racismo? De que forma?



Sobre leitura e escrita...

11- Você costuma ler?

- () Sim () Não

12- Quais livros você costuma ler? Quantos livros você lê durante um ano?

13- O ato de ler, em sua opinião, é:

- a) Acho que a leitura é uma atividade chata. ()
 b) Gosto de ler, mas o assunto precisa ser interessante para mim. ()
 c) Gosto de ler sempre! É através da leitura que adquirimos conhecimentos importantes para a vida. ()
 d) Gosto de ler, mas faço isso raramente. ()
 e) Não gosto de ler. ()

Literatura Afro-brasileira...



14 - Você já ouviu falar sobre a Literatura Afro-brasileira?

- Sim, conheço. Já tive aulas falando sobre esse tipo de literatura.
 Não, nunca ouvi falar sobre esse tipo de literatura.

15 – Você conhece algum escritor ou escritora negra?

- Sim. Não.

16 - Você acha importante registrar o que acontece em nossas vidas?

- Sim Não

17 - Caso você registre os acontecimentos de sua vida, diga como faz isso.

18 - Você já teve um diário? Caso a sua resposta seja sim, como foi a experiência?

APÊNDICE C – ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO

PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB

Questões para resolução

1-Expliquem a seguinte frase utilizada pela personagem que atua como funcionária no contexto do filme: “Foi aí que eu percebi que apesar de ter nascido peão, eu não precisava ser peão a vida toda”.

2-Quais lições seriam possíveis enumerar, a partir do vídeo “O xadrez das cores”?

3-Quais relações podem ser percebidas entre o texto de Bianca Santana, o vídeo e os fatos narrados no capítulo “Ser pobre”, página 32 e 39, quando Bitita cita palavras de Rui Barbosa sobre os negros?

Bom trabalho!

APÊNDICE D – PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE PERSONAGENS
PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB



PERSONAGENS

COMPONENTES DO GRUPO

PERSONAGEM 1

NOME: _____

IDADE: _____ SEXO: _____ PROFISSÃO: _____

CARACTERÍSTICAS GERAIS:

PERSONAGEM 2

NOME: _____

IDADE: _____ SEXO: _____ PROFISSÃO: _____

APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO AVALIATIVO PÓS-APLICAÇÃO

PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB



“Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.”

Carolina Maria de Jesus



Questionário Avaliativo

1- Como você avalia o projeto de Literatura Afro-Brasileira desenvolvido com a sua turma?

- a) Bom. b) Ruim. c) Regular. d) Ótimo. e) Muito bom.

2- Complete a frase:

As coisas que eu mais gostei no projeto foram...

- a) As atividades desenvolvidas.
 b) As histórias contadas por Carolina Maria de Jesus.
 c) As atividades desenvolvidas e as histórias de Carolina Maria de Jesus.
 d) As dinâmicas aplicadas.
 e) A interação entre a turma durante a aplicação do projeto.

3- Como você classifica as atividades desenvolvidas no decorrer do projeto?

- a) Boas. b) Ruins. c) Regulares. d) Muito boas. e) Ótimas.

4- Qual o tipo de atividade desenvolvida foi mais prazeroso?

- a) Produção de memórias.
 b) Criação de personagens e dramatização, a partir do contexto histórico e das temáticas do livro.
 c) Produção de resumo e identificação de informações a partir de roteiro.
 d) Transformação das histórias dos capítulos em cordel.
 e) Círculo de leituras.
 f) Todas.

5- O que você achou do livro escolhido para a leitura?

- a) Bom. b) Muito bom. c) Ótimo. d) Regular. e) Ruim.

6- Assinale o complemento que representa a sua opinião, para completar a frase abaixo:



Posso afirmar que a leitura, para mim, hoje significa...

- a) Uma atividade chata.
- b) Uma infinidade de possibilidades que nos permite conhecer histórias, vivências e ideologias que se aproximam de nossas experiências pessoais.
- c) Uma atividade prazerosa, que pretendo intensificar em minha trajetória.
- d) Uma atividade da qual eu realmente não gosto.

7- Conhecer a história de autores ou autoras negras é importante para você? Por quê?

8- Você recomendaria a leitura do livro “*Diário de Bitita*” para um amigo?

() Sim. () Não.

9- Em quais fatores você se identificou com as histórias contadas no livro?

10- Redija, nas linhas abaixo, um ou dois parágrafos, expressando o que esse projeto significou para você.

APÊNDICE H – FOLDER CULMINÂNCIA DO PROJETO

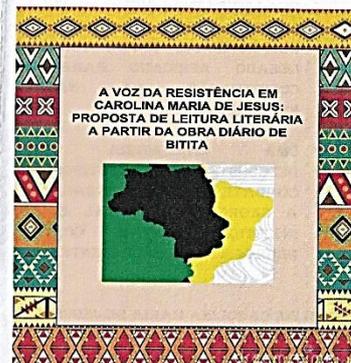
PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB

"QUANDO O HOMEM DECIDIR REFORMAR SUA CONSCIÊNCIA, O MUNDO TOMARÁ OUTRO ROTEIRO."

CAROLINA MARIA DE JESUS




COLÉGIO ESTADUAL
FRANCISCO DA CONCEIÇÃO MENEZES
PROFESSORA ELANE SANTANA
TURMA: 4º ANO CURSO TÉCNICO EM
COMÉRCIO



SANTO ANTÔNIO DE JESUS/ BA
SETEMBRO- 2019

O QUE É A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA?

- ✓ UMA LITERATURA ONDE O NEGRO É SUJEITO E OBJETO DA ESCRITA;
- ✓ UMA LITERATURA QUE VALORIZA A CULTURA, OS COSTUMES, A RELIGIOSIDADE, ENFIM, TODO O LEGADO AFRICANO PARA A CONSTITUIÇÃO DA NAÇÃO BRASILEIRA;
- ✓ UMA LITERATURA QUE DESCONSTRÓI ESTEREÓTIPOS E COMBATE FORTEMENTE O RACISMO, A SEGREGAÇÃO RACIAL E AS INJUSTIÇAS SOCIAIS CONTRA NEGROS E AFRODESCENDENTES.

QUEM FOI CAROLINA MARIA DE JESUS?

- ✓ CAROLINA MARIA DE JESUS (1914-1977) FOI UMA AUTORA BRASILEIRA, CONSIDERADA UMA DAS PRIMEIRAS E MAIS DESTACADAS ESCRITORAS NEGRAS DO PAÍS. ELA É AUTORA DO

LIVRO BEST SELLER AUTOBIOGRÁFICO "QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA" E DO "DIÁRIO DE BITITA", ALÉM DE OUTRAS OBRAS.



OBJETIVO DO PROJETO:

- ✓ INSERIR A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, PROMOVENDO VARIADAS ATIVIDADES A PARTIR DA LEITURA DE UM LIVRO, O "DIÁRIO DE BITITA", DA AUTORA CAROLINA MARIA DE JESUS.

PROGRAMAÇÃO

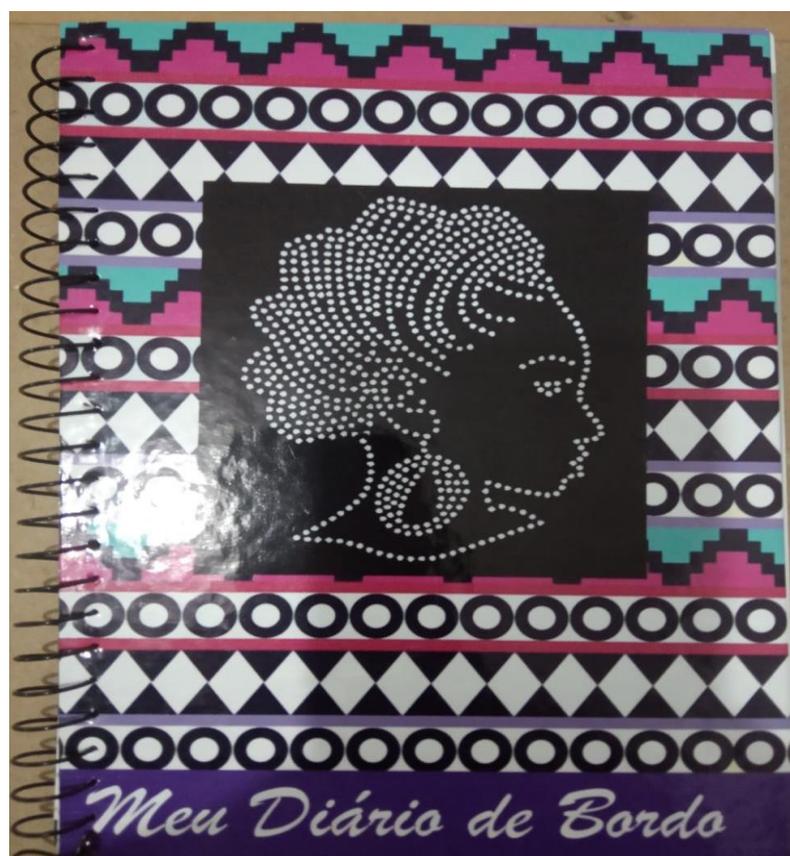
- ✓ ABERTURA: PROFESSORA ELANE
- ✓ POEMA: ROSIANE
- ✓ PALESTRA "TRAJETÓRIA DO POVO NEGRO NO BRASIL": PROFESSOR UBERDAN CARDOSO
- ✓ APRESENTAÇÕES DOS CORDÉIS PRODUZIDOS
- ✓ DRAMATIZAÇÃO
- ✓ VÍDEO
- ✓ DEPOIMENTO DA TURMA
- ✓ ENCERRAMENTO E CONFRATERNIZAÇÃO

APÊNDICE I – IMAGEM DO BANNER REPRESENTATIVO DO PROJETO

PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB

APÊNDICE J – IMAGEM DOS DIÁRIOS DE BORDO

PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB



APÊNDICE L – PLANOS DE AULA

PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB

01

 Universidade do Estado da Bahia 
Instituição co-participante: Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes Professora- pesquisadora: Elane Santos Santana Série/ Ano: 4º Ano do Curso Técnico Profissionalizante em Comércio Duração: 150 minutos
ETAPA
Etapa I: O que o meu perfil revela sobre mim?
OBJETIVOS
Reconhecer o perfil literário e social dos discentes;
CONTEÚDO
Literatura afro-brasileira; Preconceito; Racismo.
METODOLOGIA DE ENSINO
Esclarecimentos iniciais sobre a resolução do questionário; Leitura do texto “Quando me descobri negra”, de Bianca Santana; Discussão; Dinâmica de interação; Distribuição dos diários;
AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM
Observação da participação e envolvimento dos discentes e questionário aplicado.
RECURSOS NECESSÁRIOS
Cópias dos questionários investigativos, datashow, notebook, caixa de presentes, diários de bordo, banner.
REFERÊNCIAS
SANTANA, Bianca. Quando me descobri negra . São Paulo: SESI-SP editora, 2015.

02



Universidade do Estado da Bahia



Instituição co-participante: Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes

Professora- pesquisadora: Elane Santos Santana

Série/ Ano: 4º Ano do Curso Técnico Profissionalizante em Comércio

Duração: 150 minutos

ETAPA

Etapa II: Rótulos foram feitos para produtos, não para pessoas.

OBJETIVOS

Identificar traços de discriminação e racismo em práticas sociais diárias.

CONTEÚDO

Literatura afro-brasileira; Preconceito; Racismo.

METODOLOGIA DE ENSINO

Sensibilização;

Socialização de registros dos diários de bordo;

Dinâmica dos rótulos;

Convite aos discentes para observarem e fazerem a leitura das frases afixadas nas paredes, que são da autora Carolina Maria de Jesus. Entretanto, essa informação será omitida inicialmente;

Questionamentos acerca das imagens:

Quem vocês acham que é a mulher das imagens, qual profissão ela deve ter, a qual classe social pertence, o grau de instrução, enfim, o que as imagens conseguem transmitir?

A partir das respostas, mediar uma discussão com os seguintes questionamentos:

Por que vocês tiveram essa impressão sobre ela? Rotulamos ou não? Por que pensamos dessa forma?

Leitura do texto: O perigo de rotular as pessoas;

Compartilhamento de conclusões acerca da temática trabalhada e confecção de cartaz.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Observação da participação e envolvimento dos discentes;

Participações orais;

Confecção do cartaz.

RECURSOS NECESSÁRIOS

Papel metro, fichas coloridas, cópias do texto, cartazes e fichas para a dinâmica.

REFERÊNCIAS

Dinâmica disponível em: <<http://atelierveducadores.blogspot.com/2011/02/dinamica-dos-rotulos.html>>. Acesso em: 19 de julho de 2018.

Texto disponível em: <<https://psicoter.com.br/o-perigo-dos-rotulos/>>. Acesso em: 28 de abril de 2019.

03



Universidade do Estado da Bahia



Instituição co-participante: Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes

Professora- pesquisadora: Elane Santos Santana

Série/ Ano: 4º Ano do Curso Técnico Profissionalizante em Comércio

Duração: 150 minutos

ETAPA

Etapa III: Despertando expectativas e olhares sobre Carolina Maria de Jesus.

OBJETIVOS

Despertar a curiosidade sobre a obra e o desejo pela leitura.

CONTEÚDO

Literatura afro-brasileira; Vida e obras de Carolina Maria de Jesus; *Diário de Bitita*.

METODOLOGIA DE ENSINO

Sensibilização inicial a partir de exposição dialogada com uso de slides sobre a proposta de intervenção, a autora e suas obras;

Exibição de vídeos sobre Carolina Maria de Jesus;

Discussão acerca dos vídeos- comentários;

Dinâmica: Expectativas em alta/ pintura de telas.

AValiação DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Observação das participações nos comentários e envolvimento nas atividades propostas.

RECURSOS NECESSÁRIOS

Datashow, notebook, livro Diário de Bitita, vídeo, pincel, tinta, telas para ilustração.

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Vídeos Disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=E5V8SvEN2II>>. <<https://www.youtube.com/watch?v=EDYxWzhlFfw>>. Acesso em: 26 de julho de 2018.

Dinâmica disponível em: Disponível em: <<http://joaosilva-educarpraserfeliz.blogspot.com/2012/07/103-dinamicas-para-jovens-e-adultos.html>>. Acesso em: 26 de julho de 2018.

04

 Universidade do Estado da Bahia 
Instituição co-participante: Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes Professora- pesquisadora: Elane Santos Santana Série/ Ano: 4º Ano do Curso Técnico Profissionalizante em Comércio Duração: 100 minutos
ETAPA
Etapa IV: Conhecendo o gênero textual Diário.
OBJETIVOS
Entender e identificar características do gênero diário na obra em estudo; Produzir um texto pautado em memórias da infância.
CONTEÚDO
Literatura afro-brasileira; Gênero textual Diário; <i>Diário de Bitita</i> .
METODOLOGIA DE ENSINO
Socialização das pinturas feitas na aula anterior; Introdução do tema “Diário”; Questionamentos: Vocês costumam registrar o que acontece no dia a dia? De que forma? Observação da estrutura textual do livro e comparações; Roda de leitura.
AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM
Observação da participação dos discentes nas atividades propostas Produção de um texto de memórias.
RECURSOS NECESSÁRIOS
<i>Datashow, notebook, livro Diário de Bitita, slides, cópias das atividades.</i>
REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

05



Universidade do Estado da Bahia



Instituição co-participante: Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes

Professora- pesquisadora: Elane Santos Santana

Série/ Ano: 4º Ano do Curso Técnico Profissionalizante em Comércio

Duração: 150 minutos

ETAPA

Etapa V: Existe democracia racial no Brasil?

OBJETIVOS

Identificar ocorrências de racismo e segregação social com base nos textos lidos;
Comparar dois textos de diferentes épocas, século XX e século XXI, abordando o mesmo tema.

CONTEÚDO

Literatura afro-brasileira; Gênero textual Diário; *Diário de Bitita*; Segregação social e racial; Racismo.

METODOLOGIA DE ENSINO

Sensibilização: socialização das memórias produzidas;
Abordagem do capítulo “A festa”;
Leitura do texto “E que lugar seria?”;
Comentários;
Exibição do vídeo “O xadrez das cores”;
Socialização das percepções sobre o vídeo;
Comandos de leitura para a aula seguinte: capítulos “Os negros” e “Um pouco de história”.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Atividade de interpretação;
Participação na discussão.

RECURSOS NECESSÁRIOS

Livro *Diário de Bitita*, vídeo, *datashow*, cópias das atividades

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

06



Universidade do Estado da Bahia



Instituição co-participante: Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes

Professora- pesquisadora: Elane Santos Santana

Série/ Ano: 4º Ano do Curso Técnico Profissionalizante em Comércio

Duração: 100 minutos

ETAPA

Etapa VI: Contexto histórico do Brasil no *Diário de Bitita*.

OBJETIVOS

Reconhecer o contexto histórico do livro.

CONTEÚDO

Literatura Afro-brasileira; *Diário de Bitita*.

METODOLOGIA DE ENSINO

Sensibilização;

Socialização e discussão de alguns aspectos observados na narrativa, como a sociedade retratada por Bitita, destacando aspectos como: o que os negros faziam naquele período, o que acontecia com eles quando estavam velhos, quais as profissões de homens e mulheres, aspectos da vida política, as revoluções, dentre outros;

Explicação da proposta de criação de personagens e produção do diálogo, para posterior dramatização;

Execução da tarefa em grupos.

AValiação DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Observação do envolvimento e participação na atividade:

Texto criado.

RECURSOS NECESSÁRIOS

Livro *Diário de Bitita*, imagens, cópias da proposta de criação de personagens.

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

07



Universidade do Estado da Bahia



Instituição co-participante: Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes

Professora- pesquisadora: Elane Santos Santana

Série/ Ano: 4º Ano do Curso Técnico Profissionalizante em Comércio

Duração: 100 minutos

ETAPA

Etapa VII: Desconstruindo estereótipos.

OBJETIVOS

Identificar os estereótipos atribuídos às pessoas negras no país.

CONTEÚDO

Literatura afro-brasileira; Estereótipos; Racismo; *Diário de Bitita*.

METODOLOGIA DE ENSINO

Sensibilização e sondagem das leituras;

Socialização de informações dos capítulos “A família e “A cidade”, lidos previamente em casa;

Explanção sobre estereótipos e contextualização com situações atuais;

Divisão em grupos;

Discussões em grupos e confecção dos cartazes.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Observação da participação e envolvimento dos discentes;

Produção de cartazes.

RECURSOS NECESSÁRIOS

Livro *Diário de Bitita*, datashow, notebook, vídeo, cópias dos textos

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

08



Universidade do Estado da Bahia



Instituição co-participante: Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes

Professora- pesquisadora: Elane Santos Santana

Série/ Ano: 4º Ano do Curso Técnico Profissionalizante em Comércio

Duração: 100 minutos

ETAPA

Etapa VIII: Os caminhos do racismo no Brasil

OBJETIVOS

Identificar ocorrências de racismo na narrativa;
Indicar expressões racistas utilizadas rotineiramente no contexto social atual;
Reconhecer a família como núcleo importante para o enfrentamento das adversidades.

CONTEÚDO

Literatura afro-brasileira; Relações familiares; *Diário de Bitita*.

METODOLOGIA DE ENSINO

Sensibilização;
Apresentação dos cartazes produzidos;
Reflexão mediada pela docente, acerca das contribuições da população negra para o país e a importância desses aspectos em nossa formação identitária;
Levantamento e socialização de expressões racistas que são utilizadas e propagadas em nosso cotidiano;
Comando de leitura para a próxima aula: realizar a leitura dos capítulos “Meu genro” e “A morte do avô”.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Cartazes produzidos;
Observar o conteúdo apresentado e as estratégias utilizadas para concluir essa tarefa.

RECURSOS NECESSÁRIOS

Livro *Diário de Bitita*, datashow, notebook, vídeo, cópias dos textos

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

09



Universidade do Estado da Bahia



Instituição co-participante: Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes

Professora- pesquisadora: Elane Santos Santana

Série/ Ano: 4º Ano do Curso Técnico Profissionalizante em Comércio

Duração: 250 minutos

ETAPA

Etapa XIX: Cruzando linguagens

OBJETIVOS

Expressar a narrativa em diferentes linguagens.

CONTEÚDO

Literatura afro-brasileira; *Diário de Bitita*.

METODOLOGIA DE ENSINO

Sensibilização;

Apresentações das dramatizações;

Autoavaliação dessa atividade;

Intervalo;

Divisão da turma em quatro grupos, e com base em um roteiro, os discentes sintetizarão as informações dos capítulos estudados em casa;

Socialização da atividade;

Leitura dramatizada do cordel de Jarid Arraes, sobre Carolina Maria de Jesus;

Proposta de produção de cordéis, em grupos, a partir de capítulos pré-selecionados da obra: dividirei a turma em cinco grupos, os quais deverão produzir cordéis que recontem os episódios dos capítulos “A escola”, “A fazenda”, “Retorno à cidade”, “Doméstica” e “A doença”. Esses textos serão concluídos e apresentados na etapa XI.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Participação no desenvolvimento e apresentação das atividades propostas.

RECURSOS NECESSÁRIOS

Livro *Diário de Bitita*, cópias das atividades, cópias dos cordéis, elementos para a caracterização dos personagens.

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.



Universidade do Estado da Bahia



Instituição co-participante: Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes

Professora- pesquisadora: Elane Santos Santana

Série/ Ano: 4º Ano do Curso Técnico Profissionalizante em Comércio

Duração: 100 minutos

ETAPA

Etapa X: Registros de uma mulher negra: dificuldade e resistência.

OBJETIVOS

Identificar, com base na leitura dos textos, comportamentos que mudaram ou prevalecem na sociedade.

CONTEÚDO

Literatura afro-brasileira; *Diário de Bitita*; Comportamentos sociais.

METODOLOGIA DE ENSINO

Sensibilização;
 Dinâmica com questionamentos para a abordagem da leitura;
 Socialização e debate sobre a temática;
 Reflexão sobre o racismo que cometemos sem perceber;
 Levantamento de expressões racistas;
 Conclusão das discussões e lembrete acerca do prazo para a conclusão da leitura do livro.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Participação no desenvolvimento e apresentação das atividades propostas.

RECURSOS NECESSÁRIOS

Livro *Diário de Bitita*, caixinha com perguntas.

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.



Universidade do Estado da Bahia



Instituição co-participante: Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes

Professora- pesquisadora: Elane Santos Santana

Série/ Ano: 4º Ano do Curso Técnico Profissionalizante em Comércio

Duração: 150 minutos

ETAPA

Etapa XI: Reavaliando o processo

OBJETIVOS

Promover a socialização final das leituras;
Socializar as produções dos cordéis;
Avaliar o processo de construção da aprendizagem.

CONTEÚDO

Literatura afro-brasileira; *Diário de Bitita*.

METODOLOGIA DE ENSINO

Socialização dos cordéis produzidos na etapa anterior;
Socialização das últimas leituras, mediada pela docente, relacionando-as com os fatos apresentados nos cordéis, uma vez que formam sequência;
Roda de leitura dos últimos capítulos;
Resolução de questionário avaliativo.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Apresentações dos cordéis;
Participação na socialização das informações acerca das leituras e na roda de leitura.

RECURSOS NECESSÁRIOS

Livro *Diário de Bitita*, cópias do questionário avaliativo.

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.



Universidade do Estado da Bahia



Instituição co-participante: Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes

Professora- pesquisadora: Elane Santos Santana

Série/ Ano: 4º Ano do Curso Técnico Profissionalizante em Comércio

Duração: 150 minutos

ETAPA

Etapa XII: Consolidando Saberes.

OBJETIVOS

Consolidar saberes construídos no decorrer do projeto.

CONTEÚDO

Vida e obras de Carolina Maria de Jesus; Empoderamento negro e racismo no século XXI.

METODOLOGIA DE ENSINO

Sensibilização: declarações iniciais da pesquisadora sobre Literatura afro-brasileira e a proposta de intervenção;

Apresentação da organização do espaço: varal de leitura com textos produzidos, telas de pintura confeccionadas pelos discentes, mural de curiosidades e ambientação característica.

Recitação de poema por uma discente;

Roda de conversa com o professor de história;

Apresentações dos cordéis;

Dramatização;

Exibição de vídeo: melhores momentos do projeto;

Agradecimentos.

AValiação DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Observação do processo de aprendizagem construído e explicitado nas produções apresentadas.

RECURSOS NECESSÁRIOS

Datashow, notebook, caixa de som, folder, cordão, prendedores, textos produzidos, telas de pintura confeccionadas.

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

APÊNDICE M – CRONOGRAMA DE APLICAÇÃO DO PROJETO

PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB

CRONOGRAMA DE APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

DATA	TEMPO	AÇÕES
08/05	3 horas/aulas	Etapa I: O que o meu perfil revela sobre mim? Aplicação do questionário, dinâmica e discussão de texto.
15/05		Paralisação- Greve Nacional
22/05	3 horas/aulas	Etapa II: Rótulos foram feitos para produtos, não para pessoas. Sensibilização, dinâmica, leitura e produção de painel.
29/05		Feriado Municipal: Aniversário da cidade.
05/06		Atestado médico.
12/06		Atividade no auditório (evento da escola).
19/06		Recesso junino.
02/07		Devido à mudança de horário, as aulas de Língua Portuguesa passaram para o dia de terça-feira
09/07		Aula expositiva: Assunto II Unidade.
16/07	3 horas/aulas	Etapa III: Despertando expectativas e olhares sobre Carolina Maria de Jesus. Apresentação da proposta de trabalho, conceituação de Literatura Afro-brasileira, exibição de vídeos sobre a autora, pintura de telas, entrega dos exemplares do livro.
23/07	2 horas/aulas	Etapa IV: Conhecendo o gênero textual Diário. Exposição sobre o gênero textual <u>Diário</u> , reconhecimento da estrutura do livro e círculo para a leitura dos capítulos 1 e 2. Produção de memórias- Extraclasse.
30/07	3 horas/aulas	Etapa V: Existe democracia racial no Brasil? Leitura de texto, exibição do vídeo “O xadrez das cores”, discussão, atividade em grupo.
13/08		Paralisação
16/08	2 horas/aulas	Etapa VI: Contexto histórico do Brasil no <i>Diário de Bitita</i> . Discussão em grupo acerca dos capítulos “Um pouco de história” e “Os negros”; Criação de personagens e de um diálogo entre eles.
20/08	2 horas/aulas	Etapa VII: Desconstruindo estereótipos. Abordagem dos capítulos “A família” e “A cidade”; Entendimento do conceito de estereótipo, confecção de cartazes, audição de música e organização das apresentações dos cartazes.
21/08	2 horas/aulas	Etapa VIII: Os caminhos do racismo no Brasil. Apresentação dos cartazes produzidos na etapa anterior; Exposição dialogada.

27/08	5 horas/aulas	Etapa XIX: Cruzando linguagens. Apresentações dos personagens criados e das dramatizações; Abordagem dos capítulos “Meu genro” e “A morte do avô”; Leitura dramatizada de cordel e desenvolvimento da proposta de produção de cordel.
30/08	2 horas/aulas	Etapa X: Registros de uma mulher negra: dificuldade e resistência. Dinâmica; Levantamento de expressões racistas; Discussão.
02/09	3 horas/aulas	Etapa XI: Reavaliando o processo. Socialização dos cordéis; Abordagem dos últimos capítulos; Aplicação de questionário avaliativo.
05/09	3 horas/aulas	Etapa XII: Consolidando saberes. Mesa redonda; Apresentações de cordéis; Apresentações teatrais; Exposição de trabalhos.

ANEXOS**ANEXO 1 – TEXTO PARA LEITURA****PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB****O PERIGO DE ROTULAR AS PESSOAS!****A riqueza do ser humano está na sua diversidade**

Se ao mesmo tempo somos seres únicos e diferentes nas nossas peculiaridades, também somos todos iguais quanto aos nossos deveres e direitos, a dignidade, ao respeito e a liberdade. As crianças, desde que nascem têm o seu temperamento. Cada um tem o seu jeito de ser, sentir, pensar e agir; apresentando capacidades e limitações em maior ou menor grau. As pessoas têm a lamentável prática de rotular os indivíduos, reduzindo-os a alguma característica que não atende ao padrão ético ou moral da sociedade moderna.

Emitir juízos de valor é um hábito muito comum nas relações familiares ou nas avaliações do ambiente escolar. Atribuem-se à criança falsos estereótipos. Julgar outra pessoa baseado na sua própria história, conforme seus próprios valores e padrões, é um grande equívoco. Eu não vivencio a realidade alheia e não o conheço suficientemente e verdadeiramente para ser capaz de avaliar o seu universo. Isso chama-se preconceito e falta de respeito à dignidade alheia. Quando dados na infância, é condenar esse indivíduo a um futuro sem considerar as possibilidades de mudança e escolhas que ele mesmo possa vir a fazer.

A criança tem uma postura relacional. Isso significa que ela apresenta diferentes atitudes que variam conforme o contexto e o ambiente. Ou seja, uma mesma criança pode reagir de formas diferentes, quando desprovida de apelidos ou rótulos. A experimentação de papéis faz parte do processo de aprendizagem e do desenvolvimento sadio de um indivíduo em busca de autoconhecimento e formação de identidade, constituindo desse modo seus hábitos, valores, interesses e crenças decorrente dessa interação social. Os adultos, pais, educadores e profissionais de referência são os principais formadores de caráter. São os responsáveis por quem essa criança se torna, moldando comportamentos e formando opiniões.

A presença de rótulos na infância afeta a saúde mental. Independentemente se positivos ou negativos, eles trazem consequências danosas e irreversíveis no desenvolvimento emocional da criança. Ao atribuir um rótulo a esse indivíduo, está excluindo-o do grupo, marcando a sua diferença, tornando-o inadequado e rejeitado, privando essa criança da liberdade de vir a ser o que ela quiser. Rótulos positivos reforçam a ideia de superioridade em relação aos outros.

Rótulos nutrem expectativas grandiosas; contribuem para que a criança desenvolva uma percepção distorcida de si e suas capacidades; prejudica a autocrítica e o autoconhecimento,

tornando a criança incapaz de refletir sobre as suas atitudes de maneira coerente e real. Esse padrão leva à insegurança e a incapacidade em lidar com as frustrações. A criança não se arrisca naquilo que ela não é tão boa.

A criança desestimula em esforçar-se ou aceitar novos desafios se não tiver garantia dos resultados esperados, pois carrega esse rótulo positivo e tem medo de perder a admiração conquistada. A responsabilidade em ser esse “bom menino(a)” sempre ou “o(a) melhor” vira um peso, como se ele não pudesse decepcionar os outros que o percebem como infalível ou perfeito. No entanto, sabemos que ninguém é bom em tudo o tempo todo. O alto padrão de expectativas e exigências internas vira um fardo, trazendo grande pressão interna, angústia e sofrimento.

Os elogios só terão efeito positivo quando provindos de um esforço real realizado pela criança. É como um reconhecimento de uma conquista. Somente nesse caso funcionará como um reforço positivo, caso contrário, desestimula. Os elogios que não são resultados do comportamento não promovem o desenvolvimento emocional da criança e ainda prejudicam a autoestima.

E se os rótulos positivos têm todo esse efeito prejudicial no desenvolvimento de uma criança, imagina o fardo dos estereótipos negativos! Eles dificultam a adaptação ao ambiente escolar, afetam igualmente a autoestima dessa criança e a percepção de suas capacidades, impedindo o seu potencial de desenvolvimento.

As crianças estão formando a sua identidade. Elas ainda não sabem quem são ou o que querem. Por esse motivo, experimentam diferentes papéis. Estão inseguras, pois a infância é a fase em que se está mais suscetível ao julgamento dos outros. As crianças valorizam muito a opinião externa. As suas características e personalidade se formam a partir da interação social, o que penso de mim será influenciado pelo modo como os outros me veem.

A prática do bullying tão comum nas escolas, nas famílias e na sociedade, é um bom exemplo disso. A criança ou jovem encontra-se tão inseguro que atribui apelidos aos demais a partir de características físicas e defeitos dos outros, sustentando dessa forma a falsa sensação de segurança interna. Como se ao falar do outro eu me sentisse mais confortável com as minhas próprias falhas. Mas o efeito é justamente contrário, pois ao expor o outro ele reage com a autodefesa esperada, respondendo à intimidação e à ameaça.

O bullying caracteriza-se por uma agressão física ou psicológica que ocorre repetida e intencionalmente para ridicularizar, humilhar e intimidar as vítimas, na qual a violência incita a violência. A criança desqualificada não consegue expressar o seu potencial e da mesma forma desqualifica outras crianças da sua convivência também.

Os rótulos atribuídos na infância afetam as relações interpessoais, prejudicando o convívio respeitoso, baseado na ética e na moral. O preconceito instituído nas relações impossibilita uma interação mais humana, digna e cordial.

Rotular é enquadrar um indivíduo numa categoria tão simplista. Rótulos não refletem um envolvimento afetivo e a realidade do ser humano. Rotular nos impede de conhecer as reais necessidades do sujeito, de desenvolver estratégias de aprendizagem e enxergar soluções. Adjetivar comportamentos infantis é desconsiderar a complexidade humana, atribuindo a essas crianças verdades absolutas, reducionistas e imutáveis. Ao rotular estamos contribuindo na formação de jovens despreparados para lidar com as adversidades; causando grande impacto na vida desses indivíduos e na sociedade atual.

Por Márcia Moraes – Psicóloga da Psicoter.

Texto disponível em: <<https://psicoter.com.br/o-perigo-dos-rotulos/>>. Acesso em: 28 de abril de 2019.

ANEXO 2 – RESUMO SOBRE GÊNERO TEXTUAL DIÁRIO

PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB

Gênero Textual Diário

O **Diário** é um tipo de texto pessoal em que uma pessoa relata experiências, ideias, opiniões, desejos, sentimentos, acontecimentos e fatos do cotidiano.

Ainda que com a expansão da internet o diário manuscrito tem sido pouco explorado, muitas pessoas preferem produzir seus textos com papel e caneta.

Na comunicação virtual, os blogs se assemelham aos diários uma vez que muitos possuem as mesmas características e, por isso, são comumente chamados de “Diários Virtuais”. Além dos diários pessoais, podemos incluir na mesma categoria os diários de viagem, que relatam experiências sobre determinado passeio. Já os chamados “diários de ficção” são textos literários criados segundo o modelo confessional dos diários.

Observe que os diários podem ser importantes documentos históricos de testemunho que revelam uma época, por exemplo, o famoso “*Diário de Anne Frank*” em que a autora adolescente e judia aborda sobre os dias em que passou escondida na Holanda, durante o período do holocausto.

Os diários antes da internet

Quem viveu antes da expansão da era da informática deve lembrar da produção de diários, que além dos textos podiam incluir fotos, figuras, bilhetes, anotações, poesias.

Eram também chamados de “agenda”, sendo, portanto, um diálogo íntimo entre o escritor e o papel. A palavra “diário” (do latim *diarium*) está relacionada com o termo “dia” e pode ser considerado uma autobiografia.

Os diários eram produzidos para serem lidos somente pelas próprias pessoas ou por um amigo muito íntimo, pois ele reunia diversos segredos. Alguns tipos de diários até incluíam um cadeado com chave.

Sem dúvida, a linguagem utilizada nos diários pessoais era informal, coloquial, despreocupada e familiar com expressões populares e gírias, que marcavam a oralidade dos textos haja vista seu número reduzido de leitores.

Quanto à isso, os blogs que atualmente correspondem a uma evolução dos diários, podem ser produzidos com uma linguagem mais despreocupada, no entanto, dependendo do número de leitores e o público alvo, as pessoas utilizam uma linguagem mais formal.

Características do Diário

As principais características dos diários são:

- Relatos pessoais
- Histórias verídicas
- Registro de acontecimentos
- Escritos em primeira pessoa
- Registros em ordem cronológica
- Caráter intimista e confidente
- Subjetividade e espontaneidade
- Escrita confessional
- Vocabulário simples
- Presença de vocativo
- Linguagem informal
- Textos assinados

Estrutura Textual: Como fazer um Diário?

Embora não apresentem uma estrutura fixa, os textos dos diários podem ser estruturados da seguinte maneira:

- **Data e Local:** são indicadas no início do texto o local e a data em que foi escrito, como numa carta.
- **Vocativo:** Geralmente é incluído no começo do texto como: “querido diário”, “querido amigo diário”. Nalguns casos, as pessoas preferem inventar um nome fictício para ele, como se fosse um amigo íntimo.
- **Corpo de Texto:** onde se desenvolvem os relatos diários, as ideias, sensações do autor.
- **Assinatura:** normalmente, os diários são assinados a cada dia. No final do texto, aparecem o primeiro nome do autor. Antes disso, alguns apresentam uma expressão de despedida: “boa noite”, “abraços”, “até amanhã”.

Exemplo de Diário

Para compreender melhor a estrutura desse gênero textual, segue abaixo um exemplo de diários pessoais:

Passo fundo, 31 de outubro de 1997

Querido Diário,

Hoje já acordei com uma sensação estranha. Talvez por ser o “dia das bruxas”. Como habitual, fui à escola e logo pude entender que algo inusitado iria acontecer. Tivemos duas aulas vagas, pois o professor de geografia ficou doente.

Na sala de aula, a Ana e a Célia ficaram dando risadinhas e olhando pra mim. Depois veio o Hugo e me disse que eu tinha um chiclete no cabelo. A minha questão foi: Quem colocou ele ali? E porque ao invés de me falarem ficaram rindo da minha cara? Fiquei muito chateada com a atitude delas e de outras pessoas que passavam bilhete enquanto aproveitavam para olhar pra minha cabeça.

No recreio, não tive coragem de falar com elas e fiquei no meu canto, lendo a matéria de história e aproveitando responder as questões que o prof. passou na aula passada. Quando cheguei em casa, almocei e fiquei enfiada no quarto o dia inteiro pensando que não quero mais voltar pra escola. Nem fome eu tive!

Depois de tanto pensar, resolvi enfrentar o problema e escrevi uma carta pra Ana e pra Célia. Acho que ficou bem legal, ainda que no texto eu não reprovei a atitude delas. Pelo contrário, convidei elas para serem minhas amigas. Gosto delas, mas não gosto de injustiças, de caçoar dos outros. Acho muito feio rir de um defeito ou da desgraça alheia. Eu sei: tenho um coração mole!!!

Tomara que amanhã isso não aconteça. Sobre isso, estive pensando qual profissão gostaria de ter no futuro e não cheguei numa conclusão concreta. Uma coisa eu sei: quero ajudar as pessoas e fazer diferença no mundo. Tenho fé nisso!!! Termino esse dia com a frase de um autor que gosto muito do Drummond: “*Há campeões de tudo, inclusive de perda de campeonatos*”.

Conteúdo disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/genero-textual-diario/>>. Acesso em 20 de julho de 2019.

ANEXO 3 – TEXTO PARA LEITURA

PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB

Texto para leitura

E que lugar seria?

Demorou para perceber. Eu sempre achava que aquele dia era especialmente difícil. Ou que estava desconectada daqueles amigos. O fato é que nunca mais me sento confortável naquele grupo. Os colegas da faculdade, os do primeiro emprego, do segundo, do terceiro; depois até os tios, primos e outros parentes. Passar mais de quatro horas em grupo é solitário.

Naquela festa de fim de ano tudo começou bem. Pessoas interessantes jogando conversa fora à beira da churrasqueira. Crianças na piscina, adultos falando sobre trabalho, eleições, musculação e outras atividades físicas. O prazer da exposição ao sol, de perceber a paisagem verde e de ouvir vozes familiares era suficiente para sustentar horas agradáveis. As palavras nem importavam. Mas, conforme a tarde caiu, comecei a prestar atenção no que diziam.

-É um exagero!

-Sim! Ela xingou de macaco no calor da hora. Todo mundo faz isso.

- Essa onda de politicamente correto...

Indignação, protesto, reclamação. O assunto era a história do jogador de futebol chamado de macaco pela torcida, que resultou no vídeo de uma torcedora gritando a ofensa internet afora. Aquela gente que se sentia superior ao resto do mundo e nunca sofreu efetivamente por causa de sua cor de pele ou condição social gostava de reafirmar que o Brasil não era um país racista. Seria um efeito de quando estão perto de mim? Nunca saberei.

E eu, que até então estava me divertindo na festa da firma, comecei a entrar em mim mesma. Todas as diferenças entre a minha história de vida e a da maior parte daquelas pessoas, concretiza na minha cor de pele efetivamente mais escura, e nos meus traços marcadamente diferentes, se manifestavam como agressão.

Essa gente toda, depois de tanto estudar, acredita mesmo que chamar um homem negro de macaco não seja racista? Seria uma análise muito elaborada? Não aguentei:

- Olha, pessoal, eu sou negra! Se alguém aqui me chamasse de macaca, seria uma ofensa para mim. Eu acharia racista.

Silêncio. Longa pausa antes de alguém ousar:

- Como assim negra, Ju? Você não é negra! Você é morena!

Silêncio meu dessa vez. Se eu digo que sou negra, eu sou negra. Mas não terei essa conversa. Ali, à beira da churrasqueira, com o sol se pondo na paisagem verde, percebo que aquele lugar também não é meu.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2015.

ANEXO 4 – MÚSICA DIVERSIDADE

PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB

Diversidade
Lenine

Foi pra diferenciar
Que Deus criou a diferença
Que irá nos aproximar
Intuir o que ele pensa
Se cada ser é só um
E cada um com sua crença
Tudo é raro, nada é comum
Diversidade é a sentença
Que seria do adeus
Sem o retorno
Que seria do nu
Sem o adorno
Que seria do sim
Sem o talvez e o não
Que seria de mim
Sem a compreensão

Que a vida é repleta
E o olhar do poeta
Percebe na sua presença
O toque de Deus
A vela no breu
A chama da diferença
A humanidade caminha
Atropelando os sinais
A história vai repetindo
Os erros que o homem traz
O mundo segue girando
Carente de amor e paz
Se cada cabeça é um mundo
Cada um...

Letra disponível em:

<https://www.google.com.br/search?source=hp&ei=Z4ZVXbmTKKK75OUPzv6WsAo&q=diversidade+lenine+letra&oq=diversidade+leni&gs_l=psy-ab.1.1.0l4j0i22i30l4.1>. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

ANEXO 5 – TEXTO PARA LEITURA – CORDEL

PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB

Cordel Carolina Maria de Jesus
Jarid Arraes

Essa é uma escritora
Que já foi ignorada
E durante a sua vida
Foi também muito explorada
Mas por muitos, hoje em dia
É com honras adorada.

Sua história verdadeira
Começou em Sacramento
Na rural comunidade
Foi de Minas um rebento
Era o ano de quatorze
Inda mil e novecentos.

Pouco tempo se passava
Desde o fim da escravidão
E, portanto, o que existia
Era a dor da servidão
O racismo dominava
Espalhando humilhação.

Sua mãe era solteira
Pela igreja excomungada
Pois o homem era casado
E findou abandonada
Com a filha pra criar
E por muitos execrada.

No ano de trinta e setembro
Carolina então mudou
Para a capital, São Paulo
Onde muito batalhou
Construiu o seu barraco
E ali se instalou.

Na favela do Canindé
Sua vida foi sofrida
A maior luta diária
Era a busca por comida
Uma vida esfomeada
Sempre muito deprimida.

Carolina ainda tinha
Três filhos para cuidar
Todos de pais diferentes
Pois jamais quis se casar
Só pensava em liberdade
Pra fazer o que desejar.

O que mais ela gostava
Era ler, era escrever
Sendo maior passatempo
E registro de viver
Nas palavras mergulhava
Para assim sobreviver.

Como era catadora
Pelos lixos encontrava
O papel e o caderno
Que por fim utilizava
Como o famoso Diário
Onde tudo registrava.

Tudo o que assucedida
Na favela onde ela vivia
Carolina prontamente
Em relatos escrevia
Irritando seus vizinhos
E causando agonia.

Nem por isso ela parava
Precisava escrever
E sonhava com sucesso
Com dinheiro pra comer
Pois a vida na favela
Ela não queria ter.

Num tal dia por acaso
Um jornalista apareceu
Na favela onde morava
Carolina e filhos seus
Ele ouviu a confusão
E a escritora conheceu.

No momento, Carolina
Com a escrita ameaçava
“Vou botar no meu diário”
Carolina assim gritava
O jornalista interessado
Foi saber o que rolava.

Então soube dos cadernos
Que Carolina escrevia
Ficou muito impressionado
Com o valor que ali continha
E depois de muita espera
O seu livro aparecia.

Foi o *Quarto de despejo*
O primeiro publicado
Um sucesso monstruoso
Tal vendido e aclamado
Carolina fez dinheiro
Com o livro elogiado.

Sua obra era importante
Pela vil realidade
Que ali estava exposta
Tal ferida da cidade
A favela e a pobreza
De Carolina a verdade

Por causa do seu sucesso
Do dinheiro que ganhou
Carolina finalmente
Da favela se mudou
Numa casa de tijolos
Com seus filhos habitou.

O problema, no entanto,
Era a grande exploração
Carolina se sentia
Como fosse na prisão
Pois bem mais ela queria
Enfrentando impedição.

Desejava até cantar
 Mas um livro ela escreveu:
Casa de Alvenaria
 Cheio de relatos seus
 Sobre a vida que mudava
 E o que mais lhe aconteceu.

Mas aí já não gostaram
 Por imensa hipocrisia
 Pois Carolina contava
 Os males da burguesia
 E o amargo esquecimento
 Logo mais se chegaria.

Carolina até tentou
 Publicou material
 No ano de sessenta e três
 Mais dois livros afinal
 Mas estava ignorada
 Novamente marginal.

E de novo catadora
 Acabou no sofrimento
 Só depois de sua morte
 Teve o reconhecimento

Com *Diário de Bitita*
 Grandioso documento.

Recomendo que pesquise
 Muito mais dessa escritora
 Que era mãe, era poeta
 Era fonte inspiradora
 E ainda era uma artista
 Com talento de cantora.

Por racismo e elitismo
 Pouco dela hoje se fala
 Mas tamanho preconceito
 Seu legado jamais cala
 É por isso que eu lembro
 E meu grito não entala.

Carolina é um tesouro
 Para o povo brasileiro
 É orgulho pras mulheres
 Para o povo negro inteiro
 Referência como exemplo
 De valor testamentário.

Muito mais há publicado
 Sobre a vida da escritora

Os seus livros de poema
 Dos provérbios pensadora
 Abra o seu conhecimento
 Que ela é merecedora.

E por fim com muito orgulho
 O cordel já vou fechando
 Com sinceridade espero
 Que termine interessando
 Se você não conhecia
 O que estive aqui contando.

Carolina eternamente
 Uma imensa inspiração
 Uma força grandiosa
 E também validação
 A mulher negra escritora
 Que despeja o coração.

ARRAES, Jarid. *Heroínas
 negras brasileiras em 15
 cordéis*. São Paulo: Pólen,
 2017.

ANEXO 6 – DOCUMENTO EMITIDO PELA UNIDADE ESCOLAR

PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes
Decreto de Criação 21.171 de 26/02/1969 – DO. de 27/02/1969
Rua Machado Bittencourt – SN – Andaraí
Santo Antônio de Jesus- Bahia



Ofício nº 021/2019
Santo Antônio de Jesus, 19 de março de 2019.

À Coordenação do PROFLETRAS,

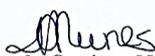
A modalidade de ensino Tempo de Aprender, conforme pode ser verificado no site do governo do estado da Bahia, é um curso de matrícula e estrutura didática semestral. As aulas são semipresenciais, pois colocam-se como oferta própria àqueles educandos que trabalham em turnos ou dias alternados e não podem frequentar a escola regularmente. Diante disso, os alunos poderão frequentar a escola até três vezes por semana, tendo garantido o direito de aproveitamento de estudos já realizados nos diferentes componentes curriculares. O curso total é composto de dois (02) segmentos distribuídos ao longo de quatro (04) anos:

- Tempo de Aprender I (equivale ao 2º segmento do Ensino Fundamental)
- Tempo de Aprender II (equivale ao Ensino Médio)

A nossa escola, atualmente, abriga as duas modalidades de Tempo de Aprender, mas possui apenas duas turmas de Tempo de Aprender I, dentre as quais, em apenas uma, há aulas de língua portuguesa. Essas turmas comparecem à escola duas vezes por semana, perfazendo uma carga horária presencial semanal de 5 horas aula, para o cumprimento de todo o plano de curso destacado para elas. Por conta disso a equipe gestora não considera viável a aplicação de propostas pedagógicas com carga horária tão extensa, como ocorre com as intervenções do PROFLETRAS, em turmas pertencentes a essa modalidade de ensino, pois levando em conta que os estudantes dessas turmas não possuem disponibilidade para comparecer à escola em outro turno, a execução de um projeto dessa natureza ocuparia toda a carga horária semestral do curso deles, impedindo o cumprimento do plano de curso necessário para a avaliação e aprovação deles para o semestre seguinte.

Pelas razões expostas, não podemos autorizar que a professora Elane Santos Santana aplique a sua proposta de intervenção nessas turmas, mas colocamos à disposição as nossas turmas regulares que são de Ensino Médio, ou as turmas da Educação Profissional, nas quais os estudantes além de contarem com carga horária anual mais extensa e totalmente presencial, também são carentes de atividades extraclasse que visem melhoria da qualidade do ensino público.

Atenciosamente,


Joelma de Queiroz Nunes
Diretora

Col. Est. Francisco da Conceição Menezes
Joelma de Queiroz Nunes
Diretora
Port. 549/2016 D. O. 30/01/2016
Aut. 177.02.2016/NRE21

ANEXO 7 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

PROFLETRAS – CAMPUS V – UNEB



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONCEPÇÕES RACISTAS EM FOCO NA OBRA DIÁRIO DE BITITA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS.

Pesquisador: Elane Santos Santana

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 00450418.4.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.018.022

Apresentação do Projeto:

Proposta de intervenção apresentada ao programa PROFLETRAS da Universidade do Estado da Bahia, Campus V. A proposta de trabalho a ser executada tem como finalidade inserir a Literatura Afro-brasileira no cotidiano escolar a partir da leitura do livro Diário de Bitita, de autoria de Carolina Maria de Jesus, publicado na França em 1982 e posteriormente traduzido para o português, sendo publicado no Brasil em 1986. Além dessa leitura, serão utilizados textos literários complementares, bem como da exibição de vídeos, através dos quais serão abordados temas como segregação social e racial, racismo, injustiças sociais sofridas no passado e no presente pela população negra e empoderamento. Vale ressaltar que também serão propostas atividades e leituras extraclasse.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Reconhecer a Literatura Afro-Brasileira como importante meio de desconstrução de mentalidades e práticas racistas e preconceituosas no ambiente escolar, a partir de ações planejadas, pautadas na obra Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus.

Objetivo Secundário:

• Estabelecer relações entre os textos literários e ocorrências explícitas de racismo no cotidiano escolar; • Discutir sobre a formação de estereótipos, injustiças sociais, racismo, e suas diversas

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 3.018.022

formas de manifestação e operacionalização social;• Promover círculos de leitura e contação de histórias que versam sobre o cotidiano dos sujeitos negros;• reconhecer a importância das populações negras para a vida intelectual do país;• Estimular o respeito à diversidade etnorracial e cultural dentro e fora do ambiente escolar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Em virtude das discussões sobre temas sociais e políticos retratados na obra em estudo, é possível que algum discente manifeste sentimento de desconforto ou constrangimento durante esses episódios, no entanto, o encaminhamento das abordagens será feito de forma que esse desconforto seja minimizado e a pesquisadora conduzirá as atividades de maneira que sejam garantidos aos participantes o direito à individualidade, o respeito aos seus posicionamentos sociais e políticos e à livre manifestação do pensamento, bem como o respeito às diversidades etnorraciais, sociais, culturais, de gênero e de outros diversos âmbitos.

Benefícios:

A Literatura, como o reflexo de uma sociedade, ultrapassa os limites do texto literário, já que através de seus escritos busca contextualizar temas e problemas sociais de grande abrangência. CANDIDO (1995, p. 175) afirma que "a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas." Diante disso, considero que inserir a Literatura no Ensino Fundamental II e

sobretudo a Literatura Afro-Brasileira no cotidiano dos discentes assume papel de grande relevância, pois através desse trabalho será possível retomar a cultura, os costumes, a raça e etnia dos negros, bem como proporcionar-lhes um novo olhar para os fatos históricos e cotidianos relacionados à vida do povo negro no Brasil, entender conceitos

que ela não se constitui como mera sugestão para uma educação mais igualitária, mas como uma reparação das desigualdades propagadas no currículo escolar durante séculos. Sinto que o meu papel como educadora diante desses fatos, principalmente como professora negra, é propiciar aos meus discentes situações que os permitam olhar com criticidade para tais ocorrências e reagir diante das barreiras que lhes são impostas pela sociedade e que muitas vezes impedem o seu crescimento pessoal e até mesmo profissional. Lamentavelmente, o que se propaga há séculos é uma visão deturpada de que ser negro "é um defeito", e essa é uma das causas do racismo ou de o próprio negro sentir dificuldade em se perceber, se aceitar e se empoderar como negro. Nesse sentido, suscitar nos discentes a percepção sobre a importância da população negra na constituição do nosso país, reconhecer o processo de

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 3.018.022

miscigenação e aculturação na formação do povo brasileiro, bem como refletir sobre as imagens propagadas de forma racista em nosso cotidiano, constitui uma tarefa essencial ao ambiente escolar, já que temos que formar o indivíduo para o prosseguimento dos estudos, que pressupõe ser uma busca motivada pela autovalorização; para a vida, que exige do ser humano uma intensa convivência com a pluralidade e as diferenças, respeitando-as, e para a cidadania, que só pode ser exercida quando se tem consciência crítica

acerca do seu papel enquanto cidadão pertencente a uma comunidade. Para tanto, as estratégias de trabalho, bem como a obra escolhida que será explorada nesta proposta, o Diário de Bitita, de autoria de Carolina Maria de Jesus, serão direcionadas no intuito de favorecer a fluência leitora, a compreensão dos textos lidos e a discussão sobre os mesmos, sobre temas como segregação racial e racismo, bem como os impactos desses

fatores na sociedade, instruindo o discente a fim de que ele possa se posicionar diante das informações encontradas, dos sentimentos despertados durante a leitura, da ativação das memórias arquivadas e das manifestações racistas, aprimorando a sua capacidade de se expressar seguramente, de forma oral ou escrita.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As declarações apresentadas são condizentes com as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos. Os pesquisadores envolvidos com o desenvolvimento do projeto apresentam declarações de compromisso com o desenvolvimento do projeto em consonância com a Resolução 466/12 CNS/MS, bem como com o compromisso com a confidencialidade dos participantes da pesquisa e as autorizações das instituições proponente e coparticipante.

O TCLE apresentado possui uma linguagem clara e acessível aos participantes da pesquisa e atende ao disposto na resolução 466/12 CNS/MS contendo todas as informações necessárias ao esclarecimento do participante sobre a pesquisa bem como os contatos para a retirada de dúvidas sobre o processo

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 3,018.022

responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1199959.pdf	29/10/2018 11:36:23		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Scan_TCLE3.pdf	29/10/2018 11:35:31	Elane Santos Santana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Scan_TCLE2.pdf	29/10/2018 11:35:15	Elane Santos Santana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Scan_TCLE.pdf	29/10/2018 11:34:52	Elane Santos Santana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Assentimento_men.pdf	29/10/2018 11:34:11	Elane Santos Santana	Aceito
TCLE / Termos de	Assentimento_menor.pdf	29/10/2018	Elane Santos	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 3.018.022

Assentimento / Justificativa de Ausência	Assentimento_menor.pdf	11:33:45	Santana	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Instituicao_coparticipante.pdf	26/10/2018 14:10:02	Elane Santos Santana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Assentimento_parte2.pdf	26/10/2018 14:00:37	Elane Santos Santana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Assentimento_projeto.pdf	26/10/2018 14:00:12	Elane Santos Santana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_novo2.pdf	26/10/2018 13:58:12	Elane Santos Santana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_novo.pdf	26/10/2018 13:57:50	Elane Santos Santana	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Scan_coparticipante.pdf	17/10/2018 12:24:47	Elane Santos Santana	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Scanconf.pdf	02/10/2018 21:17:58	Elane Santos Santana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_TCLE.pdf	18/09/2018 20:53:58	Elane Santos Santana	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Proposta_Intervencao.pdf	18/09/2018 20:48:09	Elane Santos Santana	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Concodancia_projeto.pdf	18/09/2018 20:37:46	Elane Santos Santana	Aceito
Declaração de Pesquisadores	compromisso_pesquisadora.pdf	18/09/2018 20:34:56	Elane Santos Santana	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Scan_pesquisadores.pdf	18/09/2018 20:33:50	Elane Santos Santana	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Scan.pdf	18/09/2018 20:32:46	Elane Santos Santana	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	teste_proponente.pdf	18/09/2018 20:31:01	Elane Santos Santana	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto.pdf	18/09/2018	Elane Santos	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 3.00118322

Folha de Rosto	Folha_rosto.pdf	20:28:06	Santana	Aceito
----------------	-----------------	----------	---------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 13 de Novembro de 2018

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br